

**COLLEEN
McCULLOUGH**

uma
Novela
RECORD

Autora de OS PÁSSAROS FERIDOS

AS MOÇAS DE MISSALONGHI

2ª EDIÇÃO





Contrapaca: A época é pouco antes da deflagração da Grande Guerra; o lugar, uma pequena cidade situada nas Montanhas Azuis, a oeste de Sydney, Austrália; a autora, Colleen McCullough, no seu mais agradável e encantador romance desde *Pássaros feridos*. Resultado: este *As moças de Missalonghi*, um encantador conto de fadas e ao mesmo tempo um vívido retrato da vida de um lugar dominado por homens mas governado pelo coração... das mulheres.

Orelhas: AS MOÇAS DE MISSALONGHI

Quem era John Smith? Qual o mistério envolto em seu passado? Por que escolhera viver no mato, cercado pelo silêncio? Eram estas as perguntas que se faziam os membros do clã Hurlingford, sentindo-se ultrajados quando John Smith viera para a cidade e lhes roubara o vale, debaixo de seus importantes e empinados narizes. John Smith tinha que ir embora, dizia Sir William III. Que confusão era aquela?, perguntava Alicia, a miss do clã, ocupada demais com os preparativos de seu casamento para poder avaliar os sinistros sinais da mudança que parecia acompanhar as pegadas do estranho.

Mas a ninguém o enigmático John Smith perturbou tanto quanto à mais nova das três moças que moravam na casa chamada Missalonghi.

Missy Wright já não esperava mais qualquer surpresa da vida, que se lhe estendia à frente tão monótona quanto fora até então. Como a mãe e a tia solteirona, Missy era apenas mais uma das pobres mulheres sem homem no clã Hurlingford — oprimidas, exploradas, humilhadas, sem a menor importância no decorrer dos acontecimentos.

Nenhum conselheiro, por mais sensível que fosse, sonharia em sugerir a Missy que procurasse nas páginas de um romance a resposta para a sua triste condição. Felizmente, porém, a conselheira de Missy era uma bibliotecária que gostava de histórias apaixonantes e excitantes, tinha um passado escandaloso, e pôde vislumbrar, por trás da aparente insignificância de Missy, o coração de uma mulher encantadora e intrépida.

Um típico e encantador conto de fadas, *As moças de Missalonghi* é também um quadro extremamente preciso da vida de um lugar em que os homens podem dominar, mas são as mulheres que efetivamente governam.

Colleen McCullough é autora (à época do lançamento desse livro*) de quatro romances de sucesso: *Tim*, *Pássaros feridos*, *Uma obsessão indecente* e *A creed for the third millenium* (lançado no Brasil como *A paixão do Dr. Christian* e em Portugal como *O terceiro milênio***), além de um livro de receitas culinárias. Vive na ilha de Norfolk, no Pacífico Sul, com o marido.

*, **, notas do digitalizador

COLLEEN McCULLOUGH

AS MOÇAS DE MISSALONGHI

Tradução de INES ROSA VAZ

2.^a EDIÇÃO



EDITORIA RECORD

Título original inglês THE LADIES OF MISSALONGHI

Copyright © 1987 by Colleen McCullough

Ilustrações Peter Chapman 1987

Este e-book: Digitalização, revisão, formatação:
The Flash:



Para mamãe,
que finalmente realizou o sonho de
ir viver nas Montanhas Azuis

Nota da autora

Para informação dos leitores, preferi grafar Missalonghi com “a”, em vez de com o “o” habitualmente aceito como correto, porque na Austrália, no tempo em que se desenrola a história, a grafia com “a” era mais usual.

— Octavia, você é capaz de me dizer por que a nossa vida nunca parece melhorar? — perguntou Drusilla Wright à irmã e prosseguiu, olhando para o teto: — Estamos precisando de um teto novo.

Octavia Hurlingford, a irmã solteira, deixou cair as mãos no colo, sacudiu desolada a cabeça e soltou um suspiro.

— Oh, meu Deus! Tem certeza?

— Denys tem certeza.

Denys Hurlingford, o sobrinho, tinha uma loja de ferragens e um bem-sucedido negócio de encanador, por isso sua palavra era lei no assunto.

— Quanto custará um telhado novo? Tem que ser todo refeito? Não podemos trocar só as chapas mais estragadas?

— Denys diz que não há uma só chapa de ferro que valha a pena conservar, por isso receio que precisemos de cerca de cinquenta libras.

Fez-se um silêncio sombrio. Cada uma das irmãs dava tratos à bola para achar um meio de obter fundos. Estavam sentadas lado a lado, num sofá de crina cujos melhores dias estavam tão distantes no passado que ninguém mais se lembrava deles. Drusilla Wright fazia, com habilidade incrível, uma bainha muito delicada e caprichada na borda de uma peça de linho, enquanto Octavia trabalhava com uma agulha de crochê da qual pendia um trabalho tão requintado quanto a bainha aberta.

— Poderíamos usar as cinquenta libras que papai pôs no banco para mim quando nasci — sugeriu a terceira ocupante da sala, ansiosa em penitenciar-se por não haver economizado sequer um *penny* do dinheiro ganho com a venda dos ovos e da manteiga. Sentada num tamborete baixo, ela também trabalhava, fazendo renda com uma lançadeira de bilro e um novelo de fio cru; seus dedos se moviam com a total eficiência de quem conhece tão bem a tarefa que não precisa prestar nela a menor atenção.

— Muito obrigada, mas não quero — declarou Drusilla.

E assim se encerrou a única conversa travada naquelas duas horas de trabalho da tarde de sexta-feira, pois pouco depois o relógio do *hall* começou a bater quatro horas. Enquanto ainda vibravam no ar as últimas badaladas, as três mulheres começaram, com o automatismo de um longo hábito, a guardar os trabalhos. Drusilla, a costura, Octavia, o crochê, e Missy a renda de bilro. Cada uma pôs seu trabalho dentro de um dos três sacos idênticos, de flanela cinza, amarrados na boca por um cordão, colocando depois seu respectivo saco dentro de um aparador de mogno com a superfície gasta, que ficava sob a janela.

Nunca, nunca, a rotina mudava. Às quatro horas em ponto, terminavam as duas horas da sessão de trabalhos manuais, na segunda sala, e outra sessão de duas horas tinha início, mas para diferentes ocupações. Drusilla ia para o órgão, seu único prazer, enquanto Octavia e Missy se dirigiam para a cozinha, para preparar a refeição da noite e terminar as tarefas externas.

Quando se amontoavam na soleira da sala, indecisas a respeito da hierarquia social, era fácil perceber que Drusilla e Octavia eram irmãs. Ambas muito altas, tinham rostos longos, ossudos e muito brancos; mas Drusilla era forte, grande e cheia, ao passo que Octavia encolhera, curvada em consequência de uma artrite crônica. Missy, com 1,73m, ficava entre a tia, com 1,55m, e a mãe, com 1,82m. Nada mais tinha Missy em comum com as duas irmãs. Era morena, enquanto as duas eram claras; tão

desprovida de busto quanto as outras eram bem providas, além de ter traços miúdos, contrastando com os traços exagerados da mãe e da tia.

A cozinha, ampla e despojada, ficava atrás do escuro *hall* central, e suas paredes de madeira, pintadas de marrom, contribuíam para a melancólica atmosfera reinante.

— Descasque as batatas, antes de ir lá fora apanhar o feijão, Missy — pediu Octavia, amarrando o grande avental marrom para proteger o vestido, também marrom, dos riscos da cozinha. Enquanto Missy descascava as três batatas, consideradas suficientes, Octavia ajeitava o carvão que ainda ardia na fornalha do fogão preto que ocupava toda a frente da chaminé da cozinha; em seguida, acrescentou lenha nova, abriu o registro para aumentar a saída do ar e pôs água para ferver numa enorme chaleira de ferro. Isto feito, voltou à despensa para pegar os ingredientes necessários ao preparo do mingau para a manhã seguinte.



— Oh que droga! — exclamou Octavia, saindo da despensa logo depois, com um saco de papel pardo de cujos cantos caía uma chuva de flocos de aveia, que flutuavam até o chão como grossos flocos de neve. — Olhe aqui! Ratos!

— Não se preocupe, vou colocar ratoeiras hoje à noite — acalmou-a Missy, sem muito interesse, pondo as batatas numa panelinha com água e

acrescentando uma pitada de sal.

— As ratoeiras não providenciarão o nosso café da manhã. Acho melhor você perguntar à sua mãe se pode ir correndo ao tio Maxwell para comprar mais aveia.

— Não podemos ficar pelo menos uma vez sem aveia? — Missy detestava aveia.

— No inverno? — Octavia fitou-a como se ela tivesse enlouquecido. — Um bom prato de mingau é barato, menina, e põe você em forma para um dia inteiro. Agora, ande, por favor!

No saguão, ao lado da porta da cozinha, a música do órgão era ensurdecadora. Drusilla tocava terrivelmente mal, mas sempre lhe haviam dito o contrário. Tocar com tão firme inaptidão, no entanto, requeria um adestramento impiedoso; por isso, das quatro às seis, todos os dias da semana, Drusilla treinava. Havia um pretexto para isso: todos os domingos ela infligia sua falta de talento à imensa congregação Hurlingford, na igreja anglicana de Byron; felizmente, nenhum dos Hurlingfords tinha ouvido musical, por isso todos eles pensavam estar bem-servidos nessa ocasião.

Missy arrastou-se até a sala, não aquela onde haviam trabalhado, mas uma reservada às ocasiões especiais, onde ficava o órgão e onde Drusilla, no momento, atacava Bach com todo o estrondo e o ribombo de um cavaleiro na liça, atacando um rival. Sentada com as costas eretas, Drusilla tinha os olhos fechados, a cabeça inclinada e os lábios apertados.

— Mamãe? — Era um sussurro fraco, um fiozinho de voz, competindo com todo aquele rugido.

No entanto, foi o suficiente. Drusilla abriu os olhos e virou a cabeça, com um ar mais resignado do que zangado.

— O que é?

— Desculpe ter interrompido, mas é que precisamos de mais aveia, antes que tio Maxwell feche a loja. Os ratos roeram o saco.

— Traga-me a bolsa, então.

A bolsa foi entregue, e de seu flácido recesso foram catados seis *pence*.

— Aveia a granel, não esqueça! A de pacote só tem beleza, e por isso custa mais caro.

— Não, mãe! A aveia de pacote tem muito mais sabor, com a vantagem de não precisar ser fervida a noite toda para cozinhar. — Uma leve esperança encheu o peito de Missy. — Na verdade, se você e tia Octavia preferirem comer aveia de pacote, eu passo sem ela, com todo o prazer, para compensar a diferença de preço.

Drusilla vivia dizendo, para si mesma e para a irmã, que só desejava ver, um dia, sua tímida filha dar algum sinal de rebeldia, mas esta humilde ameaça de independência colidiu com o muro de autoridade que ela, sem saber, erguera: Assim, sobressaltada, respondeu:

— Passar sem o mingau? Definitivamente não! Mingau é nosso alimento básico para o inverno, e bem mais barato do que o fogo de carvão. — Em seguida, o tom de voz se abrandou, ficou mais de igual para igual. — Qual é a temperatura?

Missy consultou o termômetro do saguão.

— Cinco graus e meio! — respondeu Missy.

— Então vamos jantar na cozinha e passar a noite lá! — gritou Drusilla, dando mais uma vergastada em Bach.

Envolta num casaco de sarja marrom, com um cachecol de lã também marrom, um gorro de tricô da mesma cor e os seis *pence* enfiados no dedo da luva de lã marrom, Missy saiu da casa e atravessou o caminho bem-cuidado que levava ao portão. Numa pequena sacola de compras levava o livro que ia devolver à biblioteca; as oportunidades de dar uma desviada para a biblioteca eram raras e espaçadas. Nessa saída extra, se se apressasse, ninguém precisaria ficar sabendo que ela não fora só até a loja do tio Maxwell comprar aveia. Quem estaria tomando conta da biblioteca nessa noite seria tia Livilla, por isso teria que pegar um livro didático em vez de um romance, mas para Missy qualquer livro era melhor do que nada. Na segunda-feira seguinte, Una estaria lá e ela poderia pegar um romance.

O ar estava carregado de uma neblina escocesa, fina e macia, entre cerração e chuva, cobrindo de gotas d'água, gordas e redondas, a cerca-viva de alfena que contornava a casa chamada Missalonghi. No instante em que pisou na Gordon Road, Missy começou a correr e só diminuiu a velocidade na esquina, por causa daquela detestável dor súbita do lado esquerdo, que mais uma vez a atingia. De qualquer forma, indo mais devagar, o desconforto, evidentemente, diminuía; portanto, ela prosseguiu em passo rápido, mais tranquila, e começou a se sentir animada pela felicidade que sempre experimentava ao lhe ser oferecido o mais raro dos prazeres: a oportunidade de fugir, sozinha, dos confins de Missalonghi. Retomando o passo assim que a dor passou, começou a olhar em volta, para as paisagens familiares que Byron tinha a oferecer no entardecer nevoento de um curto dia de inverno.

Tudo em Byron recebera nomes ligados a algum aspecto da vida do poeta, incluindo a casa de sua mãe, Missalonghi, batizada com o nome do lugar onde Byron morrera ainda jovem. O responsável pela pitoresca nomenclatura da cidade fora o bisavô de Missy, o primeiro Sir William Hurlingford, que fundara a cidade logo depois de ter acabado de ler *Childe Haroldi* (O pequeno Haroldo). Ficara tão contente por ter achado uma grande obra literária compreensível, que, depois disso, empurrava indigestas porções de Byron garganta abaixo de todos os seus conhecidos. Assim, Missalonghi ficava na Gordon Road, que se encontrava com a Noel Street, e esta, por sua vez, com a Byron Street, principal via de trânsito da cidade; no lado rico da cidade, a George Street serpenteava por muitos quilômetros antes de mergulhar na orla do pujante Jamieson Valley. Havia também uma rua sem saída, chamada Caroline Lamb Place, situada, naturalmente, no lado pobre da estrada de ferro (assim como Missalonghi); ali residiam 12 mulheres escandalosas que ocupavam três casas, para onde se dirigiam visitantes masculinos vindo dos campos de charneca bem acima, assim como da imensa fábrica de garrafas que desfigurava os arredores do lado sul da cidade.

Uma das mais intrigantes e interessantes facetas do caráter do primeiro Sir William fora o fato de, em seu leito de morte, ter ordenado aos sobreviventes da família para que não interferissem no curso da natureza mudando a função da Caroline Lamb Place, que, em consequência, ganhara desde então uma reputação bastante sombria e não exatamente devido aos seus castanheiros. Na verdade, o primeiro Sir William tinha se viciado no que ele próprio descrevia como “dar nome às coisas de maneira sistemática”, e dera a todas as filhas nomes latinos, por serem usuais na

alta sociedade. Seus descendentes mantiveram o costume; por isso, havia na família Julias, Aurelias, Antonias, Augustas; só um ramo da família tentara aperfeiçoar essa política, começando a dar aos garotos, na chegada do quinto filho, nomes de números em latim, desse modo glorificando a árvore genealógica com um Quintus, um Sextus, um Septimus, um Octavius e um Nonus. Decimus morreu ao nascer e não se falou mais nisso.

Oh, que linda! Missy parou maravilhada diante de uma imensa teia de aranha rebordada pelas gotas da neblina que se arrastava passo a passo pelo vale afora até se perder de vista no lado oposto da Gordon Road. No centro da teia estava uma enorme aranha lustrosa, acompanhada humildemente por seu pequeno parceiro momentâneo; mas Missy não teve medo, nem qualquer outra reação, além de inveja. Aquela feliz criatura não apenas dominava seu próprio mundo com intrepidez, como também hasteava a bandeira feminista, dominando e usando o marido, além disso comendo-o depois que o seu sêmen tivesse sido espalhado sobre seus ovos. Ah, que felizarda a senhora aranha! Destruam seu mundo e ela serenamente o reconstruirá com as especificações que lhe são inatas, tão adorável, tão etéreo, que a impermanência jamais poderá contar; e quando a nova teia estiver pronta, ela distribuirá outra série de consortes sobre ela, como num banquete móvel; o frágil marido de hoje será afastado do centro, seus sucessores ficando cada vez menores à medida que se distanciarem da mãe, no centro.

A hora! Missy começou a correr de novo. Dobrou na Byron Street, dirigindo-se para onde duas fileiras de lojas ladeavam a rua, num quarteirão no centro da cidade, bem antes de Byron Street se tornar importante, com um parque, a estação ferroviária, o hotel com a fachada em mármore e o imponente frontispício egípcio da Byron Waters Baths.

Havia ali a mercearia e o depósito de propriedade de Maxwell Hurlingford; a loja de ferragens de Denys Hurlingford; a chapelaria de Aurelia Marshall, Hurlingford de nascimento; a panificação de Walter Hurlingford; o grande empório de roupas pertencente a Herbert Hurlingford; a agência de notícias e papelaria de Septimus Hurlingford; o salão de chá Weeping Willow, de Julia Hurlingford; a biblioteca de Livilla Hurlingford; o açougue de propriedade de Roger Hurlingford Witherspoon; a confeitaria e tabacaria de Percival Hurlingford; e o Olympus Café e Milk Bar, pertencente a Nikos Theodoropoulos.

Como convinha à sua importância, a Byron Street era calçada com macadame alcatroado até sua junção com a Noel Street e a Caroline Lamb; era provida também de um cocho de granito polido ornamentado, para os cavalos doado pelo primeiro Sir William, e possuía postes próprios para amarrar os animais, protegidos por toldos, ao longo de todo o setor de lojas. A rua era ladeada por velhas seringueiras, muito bonitas, e conseguia exibir uma atmosfera de paz e prosperidade.

As residências particulares eram raras no centro de Byron. A vida da cidade dependia em grande parte dos veranistas ansiosos em fugir do calor e da umidade da costa litorânea e, durante o ano inteiro, de visitantes que procuravam um alívio para suas dores e males reumáticos mergulhando nas águas minerais quentes que, por um capricho da geologia, haviam sido colocadas sob o solo de Byron. Por causa disso havia muitas pensões e casas particulares que alugavam quartos, a maioria pertencente aos Hurlingfords e por eles dirigida, é claro. A Byron Waters Baths proporcionava o mais agradável padrão de conforto àqueles que não fossem propriamente avarentos. O hotel Hurlingford orgulhava-se de ter

banhos privados, para o uso exclusivo de seus hóspedes; para aqueles cujas reservas pecuniárias davam apenas para a dormida com café da manhã, numa das pensões mais baratas, existiam as piscinas, boas, embora espartanas, do Byron Spa, o balneário da esquina da Noel Street.

Mesmo os muito pobres, que não podiam sequer ir até Byron, podiam se beneficiar de suas águas. O segundo Sir William criara a Byron Bottle (como era conhecida em toda a Austrália e no Pacífico Sul): uma garrafa de pouco mais de meio litro, de vidro transparente, com formato delgado e artístico, contendo a melhor água mineral de Byron, ligeiramente efervescente, laxativa, mas nunca em excesso, e com um sabor peculiar. Que se danem as águas de Vichy!, diziam os afortunados que tinham podido ir à França. A boa garrafinha de Byron não só era melhor, como muito mais barata. E havia ainda a restituição de um *penny* pela garrafa vazia. A compra inteligente de ações da vidraçaria dera o toque final naquela indústria local muito lucrativa e de custo de manutenção muito baixo; o negócio prosperava e rendia grandes somas a todos os descendentes masculinos do segundo Sir William. O terceiro Sir William, neto do primeiro e filho do segundo, presidia na ocasião o império da Byron Bottle Company, com toda a crueldade e toda a voracidade dos primeiros homônimos.

Maxwell Hurlingford, descendente em linha direta do primeiro Sir William, e, além disso, riquíssimo por conta própria, não precisava ter um armazém e um depósito. Entretanto, o instinto comercial e a perspicácia dos Hurlingfords não morriam, e os preceitos calvinistas que governavam o clã eram determinantes: o homem devia trabalhar para receber a graça divina. A rígida observância desta norma devia ter feito de Maxwell Hurlingford um santo na terra, mas em vez disso apenas conseguira criar um lobo na pele de um cordeiro.

Quando Missy entrou na loja, uma campanha roufenha se fez ouvir: era exatamente do tipo que Maxwell planejava para fazer jus à sua austeridade e à sua prudência. Assim que foi convocado pela campanha, ele emergiu de um plano mais baixo nos fundos, onde ficavam o farelo de trigo, o trigo, a cevada, o farelo fino e a aveia, em altas pilhas de sacos de cânhamo; Maxwell Hurlingford não só atendia às necessidades gastronômicas da população humana de Byron, como também provia a alimentação de seus cavalos, vacas, porcos e ovelhas. Como dissera um sábio do lugar quando sua pastagem se arruinara, Maxwell Hurlingford mantinha as pessoas em atividade.

Ao falar com Missy, trazia no rosto a expressão azeda de sempre: na mão direita exibia uma pá de onde pendiam fiapos de feno.

— Olhe só para isto! — rosnou, mostrando a Missy a pá, numa fantástica imitação de Octavia, sua irmã, segurando o saco de aveia que os ratos tinham saqueado. — Brocas por toda parte!

— Que horror! Na aveia a granel também?

— No lote todo.

— Então, tio Maxwell, é melhor me dar uma caixa de aveia para o café da manhã, por favor.

— Ainda bem que os cavalos não são exigentes — resmungou ele, largando a pá e comprimindo-se atrás do balcão.

A campanha irrompeu de novo, muito agitada, e quando a porta se abriu, entrou um homem, numa lufada de ar frio e úmido, muito decidido e demonstrando firmeza de propósito.

— Porra! Está um frio do cacete lá fora! — arquejou o recém-chegado, esfregando as mãos.

— Senhor! Há *senhoras* presentes.

— Opa! — exclamou o recém-chegado, não se preocupando em acrescentar uma desculpa adequada. Em vez disso, apoiou-se no balcão e olhou para a insignificante Missy. — Senhoras, no plural, amigo? Aqui só vejo a metade de uma!

Nem Missy nem o tio conseguiram descobrir se aquilo era apenas uma referência indelicada à sua pouca altura numa terra de gigantes, ou um insulto grosseiro, querendo dizer que ela não era realmente uma dama. Quando Maxwell recobrou o uso de sua agilidade mental e da língua, reconhecidamente ácidas, o estranho já iniciara a lista de pedidos.

— Quero seis sacos de farelo de trigo e farelo fino, um saco de farinha, um saco de açúcar, uma caixa de doze cartuchos, um pedaço de toucinho, seis latas de fermento em pó, quatro quilos e meio de manteiga enlatada, quatro quilos e meio de passas, doze latas de melaço, seis latas de geleia de ameixa e uma lata de quatro quilos e meio de biscoitos Arnott's sortidos.

— Faltam cinco para as cinco e eu fecho às cinco em ponto — declarou Maxwell com um ar severo.

— Então é melhor você se apressar, não acha? — retrucou o estranho, sem demonstrar a menor compreensão.

O pacote de aveia foi posto sobre o balcão. Missy tirou a custo os seis *pence* do dedo da luva para pagar, e esperou em vão que o tio lhe desse o troco, sem a mínima coragem de perguntar a ele como podia custar tão caro uma pequena quantidade de alimento básico, mesmo estando dentro de uma caixa bonita. Finalmente, pegou a aveia e foi embora, não sem antes lançar mais uma olhadela disfarçada ao estranho.

Ele tinha uma carroça puxada por dois cavalos, pois havia uma amarrada lá fora, em frente à loja, e que não estava lá quando Missy entrara. Era bem equipada. Os cavalos, garbosos, tinham o pêlo lustroso e apresentavam características visíveis de cavalos de tração, e a carroça parecia nova, com os raios das rodas pintados de amarelo sobre um fundo marrom vivo.

Faltavam quatro minutos para as cinco. Se invertesse a hora em que chegara ao armazém com a da chegada do estranho, poderia alegar que o longo pedido e a rudeza dele haviam causado seu atraso e assim teria tempo de dar um pulo à biblioteca.

Byron não possuía biblioteca pública; poucas cidades da Austrália possuíam uma nessa época. Mas havia uma biblioteca particular que emprestava livros, mediante pagamento, para preencher a lacuna. Livilla Hurlingford era viúva e tinha muitas despesas com o filho; a necessidade econômica, aliada à necessidade de parecer sempre respeitável, levava-a a abrir uma sala de leitura bem abastecida, e sua popularidade, unida à rentabilidade, fizera Livilla ignorar as leis muito severas que determinavam o fechamento das lojas às cinco da tarde, pois o grosso dos fregueses preferia trocar os livros à noite.

Os livros eram o único refrigerio e o único luxo de Missy. Era-lhe permitido guardar o dinheiro ganho com a venda do excedente de ovos e de manteiga de Missalonghi, e ela gastava todo o pouco que isto representava em livros emprestados pela biblioteca de Livilla. Tanto a mãe quanto a tia eram totalmente contrárias a essa leitura, mas como alguns anos antes haviam decidido que Missy deveria ter a oportunidade de acrescentar

alguma coisa às cinquenta libras que o pai lhe dera ao nascer, Drusilla e Octavia, sendo muito justas, não desmancharam o acordo pelo fato de Missy estar “esbanjando” o dinheiro.

Desde que fizesse a parte do trabalho que lhe cabia, e com perfeição, sem uma falha, ninguém fazia objeções a que Missy lesse; no entanto, desaprovavam energicamente qualquer desejo seu de passear na floresta. Passear na floresta era, certamente, correr o risco de ser morta ou assaltada, e isto não seria permitido em circunstância alguma. Além do mais, Drusilla dissera a Livilla que só entregasse a Missy bons livros; nada de romances, de qualquer espécie, nenhuma biografia escandalosa ou imoral, nenhum tipo de leitura em que o gênero masculino fosse muito visado. Dito isto, Livilla fazia um policiamento perfeito, uma vez que tinha as mesmas ideias de Drusilla a respeito do que uma moça solteira devia ler.

No último mês, porém, Missy vinha guardando em segredo um pecado: estava lendo inúmeros romances. Livilla arrajara uma auxiliar para tomar conta da biblioteca às segundas, terças e sábados, o que lhe permitia usufruir, durante quatro dias, o merecido descanso longe dos inoportunos e queixosos que já tinham lido tudo que havia nas suas estantes e dos visitantes cujos gostos não eram levados em conta nessas estantes. É claro que a auxiliar era uma Hurlingford, mas não uma Hurlingford de Byron. Ela viera da boa vida de Sydney.

Era muito raro alguém tomar conhecimento da pouco falante e inibidíssima Missy Wright, mas Una, assim se chamava a nova auxiliar da biblioteca, parecia ter detectado imediatamente, em Missy, o estofado de uma boa amiga. Por isso, desde que começara a trabalhar, Una compreendera Missy de maneira impressionante; conhecia seus hábitos, sua situação, suas perspectivas, seus problemas e seus sonhos. Organizara inclusive um sistema seguro, pelo qual Missy podia tomar emprestados os frutos proibidos sem que a tia descobrisse, e supria Missy de romances de todos os tipos, desde os mais repletos de aventuras, até os mais românticos.

Com certeza, nessa noite seria tia Livilla quem estaria de plantão, por isso Missy teria que pegar um livro dos que lera antes. Entretanto, quando abriu a porta de vidro e entrou no ambiente aquecido e acolhedor da biblioteca, lá estava Una, atrás da escrivaninha; da temível tia Livilla, nem sinal.

Missy admirava em Una não só a inegável vivacidade, a compreensão e a bondade, mas também sua beleza realmente notável. Tinha excelente aparência e altura suficiente para mostrar que era uma autêntica Hurlingford. Suas roupas, como as de Alicia, eram sempre de bom gosto, estavam sempre na última moda, tinham sempre um certo encanto. Embora tivesse a pele, os cabelos e os olhos claros como os de uma habitante do Ártico, Una conseguia não parecer insípida, nem completamente desbotada, como todas as Hurlingfords, exceto Alicia — que era lindíssima e a quem Deus dera sobrancelhas e cílios escuros quando ela se tornara adulta — e Missy, que era totalmente morena. Mais intrigante do que os sinais positivos de beleza de Una era uma estranha luminosidade que ela possuía, um viço maravilhoso, que não parecia propriamente emanar da pele, mas sim através dela. As unhas longas e ovais irradiavam essa essência de luz, assim como os cabelos, penteados em rolos ao redor da cabeça, culminando com um topete brilhante, tão louro que quase era branco. O ar ao seu redor adquiria uma luz ao mesmo tempo visível e invisível. Era fascinante! Não tendo visto mais ninguém a não ser os Hurlingfords durante toda a vida, Missy não estava preparada para a aura que envolve

certas pessoas. Agora, no intervalo de apenas um mês, encontrara duas dessas pessoas: Una, com sua luminosidade, e o estranho que vira na loja do tio Maxwell, com uma efervescente nuvem de energia, de cor azulada, crepitando ao seu redor.

— Que bom! — exclamou Una ao ver Missy. — Querida, tenho um romance que você vai adorar. É sobre uma jovem da nobreza que, por não ter recursos, se vê obrigada a trabalhar como governanta na casa de um duque. Ela se apaixona por ele, que, depois de engravidá-la, recusa-se a assumir qualquer compromisso com ela, porque quem tem o dinheiro é a mulher dele. Por isso ele a envia para a Índia, onde o bebê, recém-nascido morre de cólera. Em seguida, o marajá, tremendamente bonito, se apaixona por ela à primeira vista, porque seu cabelo é louro-bronzeado e ela tem os olhos verdes, da cor do limão, ao passo que todas as esposas e concubinas do marajá são morenas. Ele a sequestra, pensando fazer dela um joguete, mas, ao tê-la sob seu domínio, acaba sentindo por ela grande afeição. Então casa com ela e dispensa as outras mulheres, por achar que ela é uma joia tão rara que não tem rival. Assim ela se torna marani e muito poderosa. Mais tarde, o duque vai à Índia, com um regimento de hussardos, para sufocar uma revolta nativa nas montanhas. O duque consegue dominar a rebelião, mas é mortalmente ferido em combate. Ela leva o duque ferido para seu palácio de alabastro, onde o vê morrer em seus braços, após tê-lo perdoado pela maneira cruel como a tratara anteriormente. E o marajá compreende afinal que ela o ama de verdade, mais do que jamais amara o duque. Não é uma história linda? Você vai adorar, garanto!

Missy não desistia de ler um livro por terem lhe contado o enredo; assim sendo, aceitou o *Dark Love* (Amor oculto) e guardou-o no fundo da bolsa de compras, procurando ao mesmo tempo sua carteirinha. Mas ela não estava lá.

— Acho que deixei a carteira em casa — disse ela a Una, sentindo aquela humilhação que só sentem as pessoas muito pobres e muito orgulhosas, quando não podem saldar uma dívida. — Mas, que coisa! Tinha certeza de ter apanhado o dinheiro! Bom. Tome o livro e guarde-o até segunda-feira.

— Por Deus, querida, esquecer o dinheiro não é o fim do mundo! Fique com o livro agora, senão alguém mais pode vir buscá-lo, e ele é tão bom que ficará fora das prateleiras durante meses. Você pode pagar na próxima vez que vier.

— Obrigada — agradeceu Missy, sabendo que ia tomar uma atitude totalmente contrária aos preceitos de Missalonghi, mas incapaz de reagir ao seu desejo ardente de ler. Sorrindo, constrangida, dispunha-se a sair da loja tão depressa quanto possível.

— Ainda não, querida — pediu Una. — Fique um pouco e converse comigo.

— Sinto muito, mas não posso mesmo.

— Ora, só um minutinho! Às sete horas isto fica silencioso que nem um túmulo; todo mundo está em casa tomando chá.

— Sinceramente, Una, não posso — repetiu Missy, sentindo-se infeliz.

Una parecia obstinada.

— Você pode sim.

Sentindo que era impossível recusar um favor a alguém com quem estava em dívida, Missy capitulou.

— Então está bem, mas só por um minuto.

— O que eu quero saber é se você já reparou em John Smith — disse Una, as unhas adejando pelo topete brilhante e os olhos azuis luzindo.

— John Smith? Quem é John Smith?

— O camarada que comprou o seu vale na semana passada.

O vale não era propriamente de Missy, é claro, apenas ficava situado do lado oposto da Gordon Road, mas ela pensava nele como se fosse seu e mais de uma vez falara a Una de seu desejo de andar por ele.

Missy ficou com um ar abatido.

— Oh, que pena!

— Se quer minha opinião, acho que é uma coisa formidável. Já era tempo de alguém pôr os pés na soleira dos Hurlingfords.

— Bem, nunca ouvi falar nesse John Smith, e tenho certeza de que nunca o vi — concluiu Missy, retomando o caminho de volta.

— Como sabe que nunca o viu, se nem quer saber como ele é?

A visão do estranho na loja do tio Maxwell surgiu na mente de Missy. Ela fechou os olhos e falou, mais segura que de hábito:

— Ele é muito alto e forte, tem cabelo crespo castanho-bronzeado, barba da mesma cor, com alguns fios brancos; usa roupas grosseiras e pragueja como um soldado de cavalaria. Seu rosto é bonito, e os olhos, mais bonitos ainda.

— É ele, é ele! — gritou Una em tom estridente. — Então você o viu! Onde? Conte-me tudo!

— Ele foi ao armazém do tio Maxwell há alguns minutos e comprou grande quantidade de suprimentos.

— É mesmo? Então deve estar se mudando para o vale. — Una deu um sorriso largo e malicioso. — Acho que você gostou do que viu, não gostou, sua danadinha?

— Gostei sim — confessou Missy, corando.

— Eu também gostei, quando o vi pela primeira vez — falou Una lentamente.

— Quando foi isso?

— Em outros tempos. Há muitos anos, para ser exata, querida. Em Sydney.

— Você o *conhece*?

— Muito bem, por sinal — confirmou Una com um suspiro.

A enxurrada de romances do último mês expandira bastante a educação emocional de Missy, e ela se sentiu suficientemente confiante para perguntar:

— Você se apaixonou por ele?

Una riu.

— Não, querida. De uma coisa você pode estar certa: eu nunca o amei.

— Ele é de Sydney? — Quis saber Missy, já aliviada.

— Além de outros lugares.

— Era seu amigo?

— Não. Era amigo do meu marido.

Isso era novidade para Missy.

— Oh, sinto muito, Una! Não tinha a mínima ideia de que você fosse viúva.

Una riu de novo.

— Querida, não sou viúva. Deus me livre de ter que usar roupa preta! Wallace, meu marido, ainda está bem vivo. O melhor modo de descrever meu finado casamento é dizer que meu marido se divorciou dele... e de mim.

Missy não conhecia outra mulher divorciada. Os Hurlingfords não desfaziam um casamento, tivesse ele sido realizado no céu, no inferno ou no limbo.

— Deve ter sido muito difícil para você — comentou Missy no seu modo calmo, sem querer parecer formal nem chocada.

— Querida, só eu sei como foi difícil. — O brilho de Una desaparecera. — Na verdade, foi um casamento de conveniência. Ele achou conveniente meu nível social... ou melhor, o pai dele achou... e eu achei conveniente o dinheirão que ele tinha.

— Você não o amava?

— O problema todo, querida, o que me magoou e causou uma série de dificuldades foi que nunca amei ninguém sequer a metade do que amei a mim mesma. — Fez uma careta, em seguida sua luminosidade voltou, recuperando a intensidade normal. — Imagine só. Wallace era muito bem-educado, em todos os sentidos, e tinha ótima aparência, mas o pai... nossa! O pai era um homenzinho horroroso, que cheirava a perfume barato e tabaco mais barato ainda, sem a menor noção do que fossem boas maneiras. Queimava-o a ambição de colocar o filho na alta classe da sociedade australiana, por isso gastou grande parte do seu tempo e do seu dinheiro produzindo a espécie de marido que uma Hurlingford não recusaria. Na realidade, porém, o filho gostava da vida simples; não queria pertencer às altas camadas sociais, e só tentou fazê-lo porque amava demais aquele velho horroroso.

— O que aconteceu? — perguntou Missy.

— O pai de Wallace faleceu pouco depois do nosso casamento ruir. Muita gente achou que a causa tinha sido o desgosto, Wallace também. Quanto a ele, minha atitude fez com que me odiasse como nenhum homem deve ter jamais odiado uma mulher.

— Não posso acreditar nisso. — Missy estava sendo sincera.

— Sei que você é sincera quando diz não poder acreditar. Mas é verdade do mesmo jeito. Nos anos que se seguiram, vi-me forçada a admitir que tinha sido uma miserável, ambiciosa e egoísta, que devia ter sido afogada ao nascer.

— Oh, Una, não diga isso!

— Não lamente, querida, porque eu não o mereço. — Una era implacável. O brilho voltou. — A verdade é a verdade, e isto é tudo. Por isso estou aqui, atirada na praia pela última vez, num lugar atrasado como Byron, pagando os meus pecados.

— E o seu marido?

— Ele está bem. Finalmente conseguiu fazer tudo que sempre quis.

Havia pelo menos mais umas cem perguntas que Missy estava louca para fazer: acerca da mudança óbvia dos sentimentos de Una, sobre a possibilidade de ela e Wallace voltarem a se entender, e a respeito de John Smith, o misterioso John Smith. Mas na pequena pausa que se seguiu, quando Una parou de falar, Missy lembrou-se de repente da hora. Despediu-se apressada e escapou antes que Una pudesse detê-la por mais tempo.

Correu os quase cinco quilômetros até a casa, doendo ou não doendo do lado; seus pés deviam ter adquirido asas, pois quando entrou sem fôlego pela porta da cozinha, encontrou a mãe e a tia prontas a aceitarem a história do extenso pedido de John Smith como desculpa suficiente para o seu atraso. Drusilla ordenhara a vaca, uma vez que as mãos de Octavia não lhe permitiam executar tal tarefa; o feijão já fora apanhado e fervia na boca de trás do fogão, e três costeletas de carneiro chiavam na frigideira. As moças de Missalonghi sentaram-se, à hora de sempre, para jantar. Depois veio a última tarefa do dia; cerzir as meias, as roupas de baixo, a roupa de cama e mesa, tudo muito bem lavado e muito gasto.

Com o pensamento dividido entre a triste história de Una e John Smith, Missy ouviu, bastante sonolenta, a conversa de Drusilla e Octavia, que se compraziam todas as noites na análise de qualquer novidade que surgisse no seu caminho tão carente de notícias. Nessa noite, após um período inicial de discussão mistificada a respeito do desconhecido que estivera na mercearia de Maxwell Hurlingford (Missy omitira o que lhe dissera Una), prosseguiram sobre o mais interessante evento que se agigantava no calendário social de Byron — o casamento de Alicia.

— Vou ter que usar o vestido de seda marrom, Drusilla — lamentou Octavia, piscando para espantar uma lágrima de mágoa sincera.

— O meu terá que ser o de gorgorão marrom, e o de linho marrom para Missy. Meu Deus, estou tão cansada de marrom, marrom, marrom! — exclamou Drusilla, alteando a voz.

— Mas na situação apertada em que estamos, minha irmã, marrom é a cor mais sensata para nós — tentou confortar Octavia sem muito sucesso.

— Pelo menos uma vez — começou Drusilla com raiva, enterrando a agulha no carretel de linha e dobrando a fronha, em que fizera um cerzido invisível, com uma impaciência nunca vista —, eu preferiria ser absurda a ser sensata! Amanhã é sábado e terei de ouvir as dúvidas infundáveis de Aurelia entre usar cetim cor de rubi ou veludo cor de safira para o vestido do casamento, pedindo minha opinião no mínimo uma dezena de vezes e eu... eu, sinceramente, adoraria poder matá-la.

As paredes do quarto de Missy eram revestidas de madeira, marrom como o resto da casa. O chão era forrado com um linóleo matizado em fundo marrom, e a cama coberta por uma colcha marrom de fio de algodão torcido; na janela havia uma cortina de algodão marrom. Os móveis do quarto eram uma escrivaninha, velha e feia, e um armário ainda mais velho e mais feio. Nenhum espelho, nem cadeira, nem tapete. Mas nas paredes estavam pendurados três quadros. Um daguerreótipo desbotado e manchado de Sir William I, incrivelmente enrugado e velho, tirado à época da Guerra de Secessão; um trabalho bordado por Missy — sua primeira obra e muito bem executada —, avisando que O DIABO TRABALHA ATRAVÉS DE MÃOS OCIOSAS; e por último um *passe-partout* com a foto da rainha

Alexandra, muito tesa e sisuda, mas assim mesmo muito bonita aos olhos pouco críticos de Missy.

No verão, o quarto era uma fornalha, pois ficava de frente para sudoeste, e no inverno uma geladeira, recebendo em cheio o impacto dos ventos dominantes. Não fora uma crueldade deliberada o fato de tal quarto ter sido destinado a Missy. Simplesmente ela era a mais moça, e, portanto, a menos beneficiada pela sorte. De qualquer forma, não havia quarto realmente confortável em Missalonghi.

Roxa de frio, Missy tirou o vestido marrom, a anágua de flanela, as meias de lã, a blusa curta e as calças largas presas nos joelhos, dobrando tudo cuidadosamente antes de colocar a roupa de baixo numa gaveta e o vestido num gancho do teto do guardarroupa. Só a melhor roupa, a de linho marrom dos domingos, ficava pendurada em cabide próprio, pois este era artigo de luxo. A caixa-d'água de Missalonghi tinha capacidade para apenas cerca de dois mil litros, o que fazia da água a coisa mais preciosa de todas; as três tomavam banho todos os dias, partilhando a mesma água escassa da banheira, mas a roupa de baixo tinha que durar dois dias.

A camisola de Missy era de flanela áspera cinzenta, fechada até o pescoço, de mangas compridas, e arrastava no chão, por ser já usada e ter pertencido a Drusilla. Mas a cama estava aquecida. Quando Missy completara trinta anos, a mãe comunicara que ela poderia usar um tijolo quente na época do frio, já que não estava no auge da mocidade. Quando isto acontecera, embora tendo sido muito bem-vindo, Missy abandonara, para sempre, qualquer esperança que tivesse acalentado de que um dia teria uma vida própria, fora do confinamento de Missalonghi.

O sono costumava chegar logo, pois ela levava uma vida ativa, fisicamente, embora estéril na parte emocional. Mas os poucos minutos, que iam do deitar-se nesse calor abençoado à chegada rápida da inconsciência representavam o único período de total liberdade para Missy, que por isso combatia o sono o mais que podia.

Começava por imaginar como seria ela realmente. Na casa só havia um espelho, no banheiro, e era proibido ficar fitando a própria imagem. Assim, as impressões que Missy tinha de si mesma eram tolhidas pelo medo de ficar muito tempo diante do espelho, o que era considerado um delito. Bem, sabia que era bem alta, magra demais, que o cabelo era liso e preto, que os olhos eram de um tom marrom-escuro e o nariz, infelizmente, não possuía um belo formato, devido a uma queda na infância. Sabia que a boca era caída no canto esquerdo, curvando-se para cima no canto direito, mas não sabia quanto isto tornava atraentes seus raros sorrisos e transformava sua habitual expressão solene numa tragicomédia. A vida lhe ensinara a pensar em si como uma pessoa caseira, contudo algo nela se recusava a acreditar piamente nisso, não se deixando persuadir por umas tantas evidências lógicas. Todas as noites Missy ficava imaginando como seria.

Pensava em ter um gatinho. Tio Percival, que dirigia a loja de doces e tabacaria — e era sem dúvida o melhor dos Hurlingfords —, dera de presente a Missy, quando ela completara onze anos, um gatinho preto e brincalhão. Mas a mãe logo o tomara dela e o dera a um homem para que o afogasse, explicando o fato a Missy com um argumento incontestável: não podiam alimentar outra boca, nem mesmo sendo tão pequena. Não fizera aquilo por ser insensível aos sentimentos da filha, até ficara pesarosa, mas era algo que tinha de ser feito. Missy não protestara. Não chorara, nem mesmo na cama. De certa forma, o gatinho não chegara a ser muito real, a ponto de provocar um desgosto grande demais. Mas as mãos de Missy,

durante todos aqueles longos e vazios anos que se haviam passado, ainda guardavam a sensação de seu pêlo macio e da vibração do ronronar de prazer que ele emitia quando ela o pegava. Só as mãos haviam guardado a lembrança. Tudo mais já esquecera o gato.

Sonhava poder um dia andar pelo bosque do vale que ficava do lado oposto a Missalonghi; sonhava sempre, ainda acordada, e continuava sonhando quando adormecia, mas não conseguia lembrar-se depois. Se estava vestida, a roupa não a tolhia, não se molhava ao atravessar riachos cascadeantes, nem se sujava ao passar por pedras cheias de limo, e nunca, nunca, estava vestida de marrom. Arapongas esvoaçavam ao seu redor, borboletas de cores deslumbrantes adejavam entre as copas de fetos gigantes que faziam o céu parecer um cetim rendado; por toda a mata reinava a paz, e nenhum ser humano se intrometia entre ela e a natureza.

Ultimamente, começara a contemplar a morte, cada vez mais como um fim a ser desejado com fé. A morte, que estava em toda parte, visitava tanto os jovens quanto os velhos ou de meia-idade. Tuberculose, síncope, angina, difteria, câncer, pneumonia, septicemia, apoplexia, cardiopatias, enfartes. Por que somente ela deveria ser preservada de sua ação? A morte não era uma perspectiva de todo mal recebida; nunca é, para aqueles que existem mas não vivem.

Nessa noite, porém, Missy ficou insone, percorrendo uma escala que ia da própria aparência até a morte, passando pelo gato e pelos passeios no bosque, apesar do grande cansaço proveniente da corrida que dera naquele dia e da dor do lado esquerdo, que parecia vir cada vez com mais frequência. Mas ainda guardou algum tempo para dedicar ao rude desconhecido chamado John Smith, que, no dizer de Una, comprara o seu vale. Havia um ar de mudança, uma força nova em Byron. Acreditava que Una estava certa a esse respeito, ele pretendia morar no vale. Agora não mais o seu vale, e sim dele. Com as pálpebras quase fechadas, reviu a imagem de John Smith, alto, musculoso, forte, com farto cabelo vermelho, escuro e lindo, também na barba, onde apareciam duas surpreendentes listras brancas. Impossível dizer sua idade exata, porque o rosto estava curtido pelo sol, contudo ela apostaria em algo mais que quarenta anos. Os olhos tinham a cor da água sobre folhas caídas, puro cristal castanho-âmbar. Ah, que homem bonito!

E quando, para encerrar a peregrinação noturna, Missy voltou ao passeio no bosque, ele foi com ela sonho adentro.

O responsável pela pobreza que cercava Missalonghi tão cruelmente fora o primeiro Sir William, que gerara sete filhos e nove filhas, muitos dos quais sobreviveram e aumentaram a descendência. Fora política dele distribuir seus bens apenas entre seus filhos homens, deixando às filhas apenas um dote, que consistia numa casa com quase dois bons hectares de terra. À primeira vista, esta parecia ser uma boa política para desencorajar os caçadores de dotes, ao mesmo tempo garantindo às moças a posse da terra, assim como uma certa independência. De boa vontade — uma vez que representava mais dinheiro para eles — os filhos adotaram a mesma política, sendo imitados, por sua vez, pelos filhos dos filhos. Só que, com o passar das décadas, as casas se tornaram bem menos espaçosas, de construção mais desleixada, e os bons hectares de terra passaram a ser um não tão bom pedaço de terra.

Após duas gerações, o resultado era que o clã dos Hurlingfords estava

dividido em vários segmentos: homens igualmente ricos, mulheres bem de vida devido a casamentos afortunados e um grupo de mulheres que se deixaram enganar e perderam suas terras ou viram-se forçadas a vendê-las por preço abaixo do valor real, ou que ainda labutavam na terra para tirar dela sua subsistência, como Drusilla Hurlingford Wright.

Drusilla casara com Eustace Wright, herdeiro consumptivo de uma grande firma de contabilidade de Sydney com participação também em alguns negócios manufatureiros; era muito natural não ter ela suspeitado da consumpção na época do casamento, como na verdade nem o próprio Eustace suspeitara. Mas, quando ele morrera, o pai resolvera deixar tudo que possuía para o segundo filho, em vez de desviar uma parte para uma viúva que tinha como herdeira apenas uma menininha doentia. O que começara como um excelente esboço de matrimônio acabara sombriamente em todos os sentidos. O velho Wright levava em conta o fato de Drusilla possuir casa e dois hectares de terra e pertencer a uma família rica, que seria obrigada a olhar por ela, nem que fosse só para salvar as aparências. O que o velho Wright esquecera de levar em conta fora a indiferença dos Hurlingfords por aqueles membros do clã que eram mulheres, sozinhas e sem recursos.

Drusilla vivia, portanto, com dificuldades. Trouxera Octavia para morar com ela. A irmã solteirona vendera toda a sua propriedade ao irmão Herbert, para poder ajudar Drusilla a manter a casa. Aí estava o problema. Como era inconcebível que uma propriedade dos Hurlingfords fosse vendida a estranhos, os homens tiravam enormes vantagens disto. A mesquinha importância que Herbert dera a Octavia pela propriedade fora imediatamente investida por ele em nome dela e, como costumava acontecer com todos os investimentos planejados por Herbert, não rendera coisa alguma. As poucas e tímidas indagações feitas inicialmente por Octavia ao irmão haviam sido postas de lado e mais tarde passaram a ser respondidas em tom de zanga e indignação, como se fossem ultrajantes.

Claro que, assim como era inconcebível que uma Hurlingford vendesse sua propriedade a um estranho, também era inconcebível que ela envergonhasse a família indo trabalhar fora — a menos que encontrasse trabalho seguro no seio da própria família. Uma vez que Drusilla, Octavia e Missy não tinham capital que lhes permitisse um trabalho sacramentado, através da posse de um negócio, nem talento prático para serem consideradas empregáveis por seus parentes próximos, eram obrigadas a ficar em casa.

Qualquer castelo no ar que Drusilla pudesse ter construído a respeito de Missy, arrancar da penúria as mulheres de Missalonghi com um casamento espetacular quando crescesse, ruíra por terra antes de Missy completar dez anos, por ter sido ela sempre muito caseira e nada atraente. Quando completara vinte anos, a mãe e a tia já se haviam resignado a caminhar para os respectivos túmulos nas condições que lhe haviam sido impostas, sem piedade, até então. Missy herdaria a casa e os dois hectares, mas era preciso que ninguém da família argumentasse que, sendo uma Hurlingford apenas pelo lado materno, ela não poderia ser herdeira.

As três conseguiam ir vivendo. Tinham uma vaca Jersey que dava um leite maravilhoso, farto e cremoso, assim como esplêndidos bezerros; uma novilha Jersey que haviam conservado porque era boa demais; meia dúzia de carneiros; três dúzias de galinhas vermelhas; uma dúzia de aves variadas, entre patos e gansos; duas porcas brancas mimadas que pariam os melhores bacorinhos em todo o distrito, porque lhes era permitido

andar soltas e comiam as sobras do salão de chá de Julia, em vez dos restos da mesa de Missalonghi e das plantações do quintal. A plantação era o setor de Missy e produzia alguma coisa o ano todo. Missy tinha mão boa para plantas. Havia também um modesto pomar com dez macieiras de vários tipos, um pessegueiro, uma cerejeira, uma ameixeira, um damasqueiro e quatro pereiras. Não tinham frutas cítricas, porque o inverno de Byron era muito rigoroso. Vendiam as frutas, a manteiga e os ovos a Maxwell Hurlingford por muito menos do que poderiam obter em qualquer outro lugar, mas era inadmissível que vendessem seu produto a quem não fosse da família.

— Comida não faltava. De dinheiro eram paupérrimas. Impedidas de ganhar um salário e enganadas por quem, por direito, devia servir-lhes de arrimo, quando precisavam de dinheiro — para roupas, utensílios, remédios ou um novo telhado — dependiam da venda de um carneiro, um bezerro ou um leitão, sem se permitirem o menor descuido na eterna vigilância de suas finanças. Deixarem que Missy gastasse em livros todo o dinheiro ganho com a venda de ovos e manteiga era a maior prova de amor que as duas irmãs lhe davam.

Para preencher seus dias, as moças de Missalonghi tricotavam, bordavam, faziam crochê e costuravam sem parar, gratas pelos presentes de lã, linhas e peças de linho que recebiam todos os anos, no Natal e nos aniversários, e que, por sua vez, devolviam depois de trabalhados como presentes, ficando grande parte estocada num cômodo sobressalente.

Não era por falta de caráter ou de coragem que se conformavam com tanta facilidade com o regime e o código impostos por pessoas que não sabiam o que era solidão, o amargo sofrimento da pobreza com dignidade. Simplesmente haviam nascido e viviam na época anterior às grandes guerras que completaram a Revolução Industrial, quando o trabalho remunerado e seu séquito de confortos eram uma traição aos conceitos vigentes sobre vida, família e feminilidade.

Essa pobreza digna nunca era tão mortificante para Drusilla como nas manhãs de sábado, quando atravessava a pé a cidade de Byron para ir até onde se erguiam as mais prósperas residências dos Hurlingfords, de um lado a outro dos flancos das magníficas montanhas, entre a cidade e um braço do Jamieson Valley. Ela ia tomar o chá da manhã com a irmã Aurelia, nunca esquecendo, enquanto se arrastava pelo caminho, que quando moças, durante o noivado, achavam que ela, Drusilla, fizera muito melhor negócio no mercado matrimonial. Fazia a peregrinação sozinha. Octavia não aguentava andar as sete milhas, e o contraste entre Missy e a filha de Aurelia, Alicia, era muito penoso, insuportável mesmo. Manter um cavalo estava fora de discussão; os cavalos destruíam as plantas ao pastar, e os dois hectares de Missalonghi precisavam ser protegidos contra a seca o tempo todo. Quando não podiam andar, as moças de Missalonghi ficavam em casa.

Aurelia também casara com um estranho à família, mas casara muito mais criteriosamente, como os fatos vieram comprovar. Edmund Marshall era diretor-geral da fábrica de garrafas e tinha uma habilidade para administração prática que nenhum dos Hurlingfords possuía. A casa de Aurelia era uma imitação da mansão Tudor, com vinte cômodos, construída no meio de um parque de um hectare gramado, com rododendros, azaleias e cerejeiras ornamentais que todos os anos, em fins de setembro, transformavam o lugar num reino encantado que durava um mês. Aurelia tinha empregados, cavalos, carruagens e até um automóvel. Seus filhos,

Ted e Randolph, eram aprendizes do pai na fábrica de garrafas e prometiam um grande futuro, Ted na contadoria e Randolph na supervisão.

Aurelia também tinha uma filha que era o oposto da filha de Drusilla. As duas só tinham em comum a idade, ambas com 33 anos, e continuavam solteiras. Mas enquanto ninguém sonhara em pedir a Missy que mudasse de estado civil, Alicia continuava solteira por motivos mais sentimentais e de partir o coração. O noivo que aceitara aos dezenove anos fora morto por um elefante de carga enfurecido, apenas semanas antes do casamento, e Alicia fizera uma pausa para se refazer do golpe. Montgomery Massey era filho único de uma família famosa, de plantadores de chá no Ceilão, e muito rico. Alicia pranteava-o na razão direta de sua importância social.

Durante um ano vestira-se toda de preto; em seguida, por mais dois anos, de cinza-chumbo e lilás-claro, ou seja, com as cores do “meio-luto”; aos 22 anos, comunicou ter acabado o período de retiro, abrindo uma loja de chapéus. Seu pai comprou a loja do antigo armarinho que o tempo e a loja de roupas de Herbert haviam tornado supérfluo, e Alicia tirou bom proveito de seu talento. De acordo com a praxe, o negócio teve de ser posto em nome da mãe, mas ninguém — muito menos Aurelia — tinha ilusões sobre quem era a verdadeira proprietária da loja. Chez Chapeau Alicia, como se chamava a loja, foi um sucesso retumbante desde o momento da inauguração, atraindo freguesas de lugares distantes como Sydney, pois os chapéus confeccionados por Alicia, em palha, tule e seda, além de extremamente originais e elegantes, caíam muito bem. Ela empregava duas parentas sem terra e sem dote no trabalho, e a tia solteira, Cornelia, era uma aristocrática gerente de vendas. O trabalho de Alicia se resumia em planejar os modelos e ficar com o lucro.

Quando todos estavam convencidos de que Alicia ia chorar a morte de Montgomery Massey até morrer, ela anunciou seu noivado com William Hurlingford, filho e herdeiro do terceiro Sir William. Ela estava com 31 anos, e o marido em perspectiva com apenas dezenove. Marcaram o casamento para o dia 1º de outubro, dali a dois anos, quando as flores da primavera proporcionariam uma recepção de *rigueur* ao ar livre. A longa espera terminara, afinal. A espera se alongara por culpa da esposa de Sir William III, Lady Billy, que, ao saber da novidade, quis dar umas chicotadas em Alicia. O marido foi forçado a proibir o casamento enquanto o noivo não completasse 21 anos.

Sem o menor sinal de alegria, Drusilla Wright atravessou o bem-cuidado caminho de pedregulhos de Mon Repos e bateu na porta da frente da casa da irmã, com uma energia fruto em parte da frustração e em parte da inveja. O mordomo informou, secamente, que Aurelia se encontrava na salinha de estar e, imperturbável, conduziu Drusilla até lá.

O interior de Mon Repos era tão encantador e perfeito quanto a fachada e o jardim. As portas tinham almofadas de madeira clara importada; as paredes eram recobertas de seda e veludo; as cortinas, feitas de brocado; os tapetes, Axminster (feitos a mão nessa cidade, no sudeste da Inglaterra); a mobília, estilo Regência, arrumada com perfeição, salientava a beleza do cômodo e o valorizava. Ali não se precisava usar tinta marrom, uma vez que, evidentemente, não era preciso fazer economia nem ser discreto.

As irmãs trocaram beijos. Eram as mais parecidas das irmãs, porque as duas tinham certa característica de fria altivez e sorrisos idênticos, o que as diferenciava de Octavia, Julia, Cornelia, Augusta e Antonia. A despeito do contraste da posição social, também gostavam mais uma da outra do que as demais irmãs, e só o inflexível orgulho de Drusilla impedia que

Aurelia a ajudasse financeiramente.

Após os cumprimentos, sentaram-se cada uma de um lado de uma mesinha marchetada, em cadeiras forradas com veludo, e esperaram que a criada trouxesse a bandeja com o chá da China e dezenas de doces maravilhosos, antes de entrarem no assunto de negócios.

— Agora não há a menor justificativa para ser orgulhosa, Drusilla. Sei que você precisa muito de dinheiro. Além disso, pode me dar uma boa razão para que todas aquelas coisas lindas fiquem empilhadas num cômodo, em vez de virem para a arca do enxoval de Alicia? Você não pode alegar que as esteja guardando para o enxoval de Missy. Ambas sabemos que Missy disse adeus ao casamento há alguns anos. Alicia quer comprar de você a roupa de cama e mesa e estou inteiramente de acordo — decidi Aurelia com firmeza.

— É claro que isto me lisonjeia — retrucou Drusilla, obstinada —, mas não posso vendê-las a você, Aurelia. Alicia pode pedir o que quiser, como presente nosso.

— Não tem sentido! — contestou a dama do solar. — Cem libras, e deixe-a fazer a escolha.

— Ela pode ir escolher, só me dará prazer, mas com a condição de ser como presente.

— Cem libras, ou ela terá que gastar várias vezes isto para comprar o enxoval de Mark Foy's, pois não permitirei que pegue tudo de que precisa como presente.

A discussão prosseguiu por algum tempo, mas no fim a pobre Drusilla foi obrigada a desistir com o orgulho ultrajado, em luta com um alívio secreto tão grande que acabou sobrepujando o orgulho. Depois que Drusilla bebeu três xícaras do fragrante Lapsang Souchong e comeu avidamente quase todo o prato de deliciosos doces glacados em rosa e branco, as irmãs passaram do constrangimento de sua disparidade social para o conforto da consanguinidade.

— Billy diz que ele é um ex-presidiário — afirmou Aurelia.

— Aqui, em *Byron*? Meu Deus, como Billy permitiu uma coisa dessas?

— Não pôde fazer nada para evitá-lo, minha irmã. Você sabe que existe uma presunção de que todas as terras entre Leura e Lawson pertencem aos Hurlingfords. Se o homem conseguiu comprar o vale, o que ao que tudo indica ele fez; e pagou sua dívida para com a sociedade, o que aparentemente também fez, não há nada que Billy, ou quem quer que seja, possa fazer para tirá-lo daqui.

— Quando aconteceu tudo isso?

— Segundo Billy, na semana passada. As terras do vale nunca pertenceram à nossa família, é claro. Billy presumiu que fossem terras da Coroa — erro que data, parece, da época do primeiro Sir William —, por isso ninguém pensou em verificar tal fato, o que foi uma pena. Se tivéssemos sabido, um Hurlingford teria comprado o vale há muito tempo. Realmente, foi uma enorme tolice que se prolongou por tempo demasiado. Agora esse sujeito comprou o vale num leilão, em Sydney, na semana passada, sem que sequer desconfiássemos de que estava à venda. O vale todo, caso você queira saber, por um preço que chega a ser *ridículo* de tão barato.

— Como descobriram tudo isso?

— O sujeito foi ao armazém do Maxwell ontem, na hora em que ele estava fechando. Parece que Missy também estava lá.

O rosto de Drusilla desanuviou-se.

— Ah, então era ele!

— Pois é.

— Maxwell descobriu tudo, suponho. Ele consegue arrancar informações de um surdo-mudo.

— É, ele conseguiu. Ora, o sujeito não foi nada reticente, falou francamente, até demais, na opinião de Maxwell. Você conhece Maxwell — ele acha que falar dos próprios negócios em público é insensatez.

— O que não consigo entender é por que alguém, que não pertence à nossa família, *quer* comprar o vale! Quer dizer, isto teria sentido para um Hurlingford, uma vez que fica em Byron. O vale não pode ser cultivado. Seriam necessários uns dez anos para desmatá-lo de maneira a poder pôr nele um arado. E é tão úmido que ninguém conseguirá conservá-lo desmatado. Não é possível derrubar as árvores e transportá-las, porque a estrada é muito perigosa. Então por quê?

— Segundo Maxwell, ele só quer viver sozinho na mata e ouvir o silêncio. Bem, se não for de fato um ex-presidiário, você tem de admitir que é, com certeza, muito excêntrico.

— O que fez Maxwell supor que ele seja um ex-presidiário?

— Maxwell telefonou para Billy assim que o sujeito carregou a carroça e foi embora. E Billy começou a investigar na hora. Ele diz chamar-se John Smith, imagine! — Aurelia bufou com ar zombeteiro. — Agora, Drusilla, eu lhe pergunto: alguém se chamaria John Smith, se não tivesse alguma culpa no cartório?

— Talvez seja seu nome verdadeiro — contestou Drusilla, temendo cometer uma injustiça.

— Ora! A gente vive lendo a respeito de muitos John Smiths, mas você já encontrou algum de verdade? Billy acredita que seja um... um... como é que os americanos dizem?

— Não tenho a mínima ideia.

— Bem, isto não importa, aqui não é a América. Em todo caso, é um nome falso. As investigações de Billy revelaram que o homem não está registrado em instituição alguma. A única coisa que se conseguiu descobrir foi que pagou pelo vale em moedas de ouro.

— Talvez seja um mineiro que teve sorte em Sofala ou Bendigo.

— Não. Billy diz que todos os terrenos auríferos da Austrália estão em mãos de companhias há anos, e não tem havido nenhuma grande descoberta individual no setor.

— Que coisa estranha — comentou Drusilla, enquanto, distraída, pegava o penúltimo doce. — Maxwell ou Billy disseram mais alguma coisa?

— Bem, John Smith comprou grande quantidade de alimentos e pagou em moedas que tirou de um cinturão que usava debaixo da camisa, e nem sequer usava roupa de baixo. Felizmente, nessa hora Missy já tinha ido embora, pois Maxwell jura que ele teria levantado a camisa da mesma forma se Missy estivesse lá. Ele *praguejou* na presença de Missy e disse alguma coisa sobre Missy não ser uma dama! Sem *qualquer* provocação,

garanto a você!

— Acredito — assentiu Drusilla secamente, servindo-se do último doce do prato.

Nesse momento Alicia Marshall entrou na sala. A mãe sorriu orgulhosa para ela e a tia deu-lhe um sorrisinho enviesado. Por que, mas por que, Missy não podia ser como Alicia?

Alicia Marshall era uma verdadeira beldade. Muito alta, com curvas voluptuosas mas bem distribuídas, ar angelical, pele, cabelos e olhos claros; tinha pés e mãos bonitos, e um pescoço de cisne. O vestido, como sempre, era de bom gosto, em seda azul-gelo, com ilhoses bordados, uma sobressaia mais curta em ponta, como estava na moda, todo ele feito com graça e habilidade. Enfeitando a farta cabeleira de ouro pálido, um dos chapéus feitos por ela: uma cascata de tule azul-gelo, com rosas verde-gelo. Por um milagre, as sobrancelhas e os cílios eram de um castanho bem definido e visível! Naturalmente, Alicia nunca contou que pintava cílios e sobrancelhas mais do que Una.

— Sua tia Drusilla terá muito prazer em lhe fornecer a roupa de cama e mesa, Alicia — comunicou Aurelia, triunfante.

Alicia tirou o chapéu e descalçou as luvas compridas de pelica azul-gelo, impossibilitada de responder enquanto se concentrava em tarefa de tanta importância. Só depois que colocou aqueles artigos protetores sobre uma mesa, fora de perigo, e se sentou, ela conseguiu ativar a voz, que era decepcionante, por ser desarmoniosa.

— Que bondade a sua, titia.

— No caso não é bondade, querida sobrinha, uma vez que sua mãe está decidida a pagar — esclareceu Drusilla em tom formal. — Seria bom você ir a Missalonghi, no próximo sábado de manhã, para escolher o que quiser e tomar o chá da manhã conosco.

— Obrigada, titia.

— Quer que peça para fazerem um chá para você? — Aurelia perguntou ansiosa à filha, de quem tinha certo receio, por ser ela grande, capaz, ambiciosa e impetuosa.

— Não, mamãe, obrigada. Na verdade, vim ver se você descobriu alguma coisa sobre o estranho que está entre nós, como insiste em dizer Willie. — Alicia torceu os graciosos lábios.

Por isso as novidades foram contadas outra vez e discutidas outra vez, depois do que Drusilla se levantou para sair.

— No próximo sábado em Missalonghi — reiterou Drusilla, entregando-se à custódia do mordomo.

Pelo caminho, foi catalogando mentalmente o conteúdo do quarto de guardados e dos vários armários, com medo de que a quantidade e variedade de peças não justificassem uma venda honesta por cem libras. Cem libras! Que surpresa maravilhosa! É claro que não teriam que ser gastos. Deveriam ser depositadas no banco para render um pequeno juro e ficar lá até que surgisse alguma calamidade. Drusilla não sabia precisar exatamente qual, mas em cada esquina da vida se ocultava uma desgraça — doença, avaria e reparo da propriedade, aumento de taxas e impostos, morte. Uma parte teria de ser usada para fazer o telhado novo, com certeza, mas pelo menos não precisariam vender a novilha Jersey agora, para essa obra; com as crias numerosas que poderia dar no futuro, a

novilha valia bem mais de cinquenta libras, para as moças de Missaloughi. Percival Hurlingford, um bom homem, casado com uma boa mulher, sempre lhes cedera seu touro Jersey sem cobrar e, além disso, fora quem lhes dera a primeira vaca Jersey.

Era ótimo! Talvez Alicia, notável inovadora, lançasse a moda entre as jovens da família; talvez no futuro outras noivas fossem procurar as moças de Missaloughi para comprar seu enxoval. Isto seria tolerado como uma forma aceitável de comércio para senhoras, enquanto a mera confecção de vestidos não seria admitida, pois as exporia às exigências de todo mundo, em detrimento da atenção que deviam dar à família.

— Assim, Octavia — contava Drusilla naquela noite, na cozinha, depois de terem se instalado para o trabalho manual, enquanto Missy enterrava a cabeça no livro —, na semana que vem é melhor procurarmos, entre as peças que temos, as que nos interesse mostrar a Aurelia e Alice. Missy, você terá de ficar com a casa, o jardim e os animais por sua conta, e como tem a mão mais leve para as massas, terá de preparar alguma coisa para oferecer com o chá. Vamos fazer bolinhos com geleia e creme, um bolo de claras, alguns docinhos leves e uma torta de maçã ácida com cravo-da-índia.

Satisfeita com esta decisão, Drusilla passou a um tópico mais picante — a chegada de John Smith. Pela primeira vez, a conversa tornou-se mais interessante para Missy do que o livro que estava lendo, mas ela fingiu continuar absorta na leitura, e quando foi para a cama, levou consigo mais informações, para completar as que lhe dera Una.

Por que John Smith não podia ser seu nome verdadeiro? Era evidente que o motivo fundamental para tanta desconfiança e suspeita por parte dos Hurlingfords era a compra do vale. “Ótimo, John Smith, muito bem!”, pensou Missy. “Era mais do que tempo de alguém dar uma sacudida no clã dos Hurlingfords.” E adormeceu sorrindo.

O tumulto dos preparos que precederam a visita das duas damas Marshalls foi totalmente em vão, o que já era esperado pelas três moças de Missaloughi. Entretanto, nenhuma delas se queixou da mudança de ritmo, pois a agitação tinha virtudes, era uma novidade, um período fora da rotina. Só Missy, presa em casa, ficou aflita algumas vezes, e a aflição era causada por uma mistura de falta de livros e medo de que Una pensasse que estivesse se esquivando de pagar pelo livro que apanhara na sexta-feira.

As guloseimas, que Missy se esforçara tanto para fazer, não foram saboreadas por aquelas a quem se destinavam; Alicia “preocupava-se com o peso”, como ela própria explicou, e a mãe resolveu imitá-la, pois queria fazer boa figura no casamento da filha. Os doces, porém, não foram desperdiçados com as porcas, pois mais tarde Drusilla e Octavia devoraram todos. Embora as duas adorassem doces, raramente os comiam, por causa da despesa extra.

A quantidade de peças exibidas deixou mãe e filha atordoadas, e após uma hora de agradável discussão para a escolha final, Aurelia pôs à força na mão relutante de Drusilla, não cem, mas duzentas libras.

— Sem discussões, por favor! — falou Aurelia em tom imperioso. — Alicia ainda está fazendo um ótimo negócio.

— Octavia — disse Drusilla, depois que as visitas foram embora no seu automóvel com motorista —, acho que agora podemos nos dar o luxo de fazer vestidos novos, para o casamento de Alicia. Para mim, um de crepe lilás, com um corpete enfeitado de contas e uma sobressaia com o mesmo

enfeite nas borlas. Tenho as contas ideais para isto. Lembra das que mamãe comprou para pôr no seu melhor vestido de meio-luto, pouco antes de falecer? São perfeitas! Acho que você pode comprar aquela seda azul-claro que tanto admirou na seção de fazendas do Herbert, não acha? Missy poderia fazer umas rendas para aplicar na gola e nas mangas, ficaria muito elegante! — Drusilla fez uma pausa para em seguida ponderar, com o cenho franzido, olhando para a melancólica filha: — O problema é você, Missy. É muito morena para cores claras, acho que tem de ser...

“Que não seja marrom!”, suplicou Missy mentalmente. “Quero um vestido *vermelho*! Um vestido de renda, daquele vermelho que faz a gente ficar tonta quando olha para ele, é isso que eu quero!”

— ... marrom — concluiu Drusilla com um suspiro. — Compreendo como deve ser decepcionante para você, mas a verdade, Missy, é que nenhuma cor fica tão bem em você quanto o marrom! Em cores pastel você parece doente, de preto fica amarelada, em azul-marinho fica às portas da morte, e as cores de outono fazem você parecer uma índia.

Missy não disse uma palavra, a lógica era irrefutável. O que ela não sabia era que sua docilidade afligia Drusilla, que teria gostado de receber pelo menos uma sugestão, apesar de que o vermelho não seria aceito de maneira alguma, evidentemente. Era a cor das tortas e das prostitutas.

No entanto, nada manteria Drusilla aflita por muito tempo naquela noite, e ela se reanimou rapidamente.

— Na verdade — falou contente —, acho que nós três poderemos ter também botas novas. Ah, que figurão vamos fazer no casamento!

— Sapatos — disse Missy de repente.

Drusilla ficou perplexa.

— *Sapatos*!

— Não botas, mãe, por favor!, vamos comprar sapatos, bem elegantes, com saltos Luís XV e laços na frente.

Talvez Drusilla pudesse pensar na sugestão, mas o grito de Missy, saído do fundo da alma, foi imediatamente abafado por Octavia, que, na sua semi-invalidez, tinha grande influência na direção de Missalonghi.

— Morando tão longe, no fim da Gordon Road? — Octavia bufou. — Você não está boa da cabeça, menina. Quanto você acha que duraria um sapato, pisando na poeira e na lama? Nós precisamos é de botas, umas boas botas fortes com cordões resistentes, e saltos grossos. As botas *duram*! Sapatos são para quem não precisa andar a pé.

E o assunto estava encerrado.

Na segunda-feira seguinte, a vida voltou ao normal em Missalonghi. Missy teve permissão para a ida habitual à biblioteca. É claro que não foi só para satisfazer o seu desejo; levava duas grandes sacolas de compras, uma em cada mão para contrabalançar o peso, e ia também fazer as compras da semana.

Tendo descansado na semana em que ficara em casa, a pontada do lado voltou com toda a intensidade. Estranho, ela parecia só incomodar nas caminhadas longas. E era dolorosa, extremamente dolorosa!

Sua carteira, desta vez, acompanhando a da mãe, estava muito mais

cheia do que de costume, porque Missy tinha sido encarregada de comprar o crepe lilás, a seda azul-clara e o cetim marrom, na loja de Herbert Hurlingford.

De todas as lojas de Byron, a que Missy mais detestava era a do tio Herbert, porque os empregados eram todos rapazes, filhos e netos do proprietário, naturalmente; mesmo quem fosse comprar um espartilho ou qualquer outra roupa de baixo tinha que se submeter aos gracejos de um mal-educado que ria furtivamente, achando engraçadíssimo o trabalho e fazendo da freguesa embaraçada o alvo de suas brincadeiras. Este tratamento, porém, não era dado a qualquer uma, sendo reservado para aquelas cujos recursos eram muito escassos para que pudessem comprar em Katoomba ou — Deus seja louvado! — em Sydney, coisa impossível; era também adotado de preferência com as Hurlingfords que não tinham homens que as defendessem. Solteironas idosas e viúvas sem recursos eram igualmente tratadas como algo engraçado.

Enquanto esperava que James Hurlingford descesse as peças de fazenda que pedira, Missy ficou imaginando o que faria ele se, em vez do cetim marrom, ela tivesse pedido renda vermelha. Não que eles tivessem em estoque aquele artigo; o único vermelho que tinham para vender era uma seda artificial, vulgar e barata, usada pelas moradoras da Caroline Lamb Place. Junto com o crepe lilás e a seda azul-clara, portanto, Missy comprou alguns metros de um bonito cetim de pouco brilho, na cor que conhecia como havana. Se a fazenda fosse de qualquer outra cor, ela teria adorado, mas sendo marrom podia até ser um saco. Todos os vestidos que Missy tivera até então tinham sido marrons; era uma cor tão prática. Nunca parecia suja, nunca caía de moda, nunca desbotava, nunca dava a impressão de barata, de vulgar, nem de desmazelo.

— Vestidos novos para o casamento? — perguntou James com ar malicioso.

— É — respondeu Missy, perguntando-se qual a razão por que James fazia-a sentir-se tão pouco à vontade; poderiam ser seus exagerados modos femininos?

— Vejamos — murmurou James —, que tal uma brincadeira de adivinhação? O crepe é para tia Drusie, a seda para tia Octie; logo, o cetim, o cetim *marrom*, deve ser para a morenice da priminha Missy.

Missy devia estar ainda com a imagem do vestido de renda vermelha em mente, o vestido impossível, porque, subitamente, viu tudo vermelho à sua frente e, do fundo da memória, saiu-lhe o único insulto que conhecia:

— Ora, James, vá morder seu rabo! — exclamou numa explosão de raiva.

Ele não teria ficado tão chocado se o manequim da loja tivesse adquirido vida e lhe desse um beijo. Mediu e cortou o pano com uma jovialidade que não tivera até então, o que fez com que, sem querer pusesse um metro a mais em cada corte de fazenda, não sabendo o que fazer para despachar Missy o mais depressa possível. Era uma pena não poder confiar sua terrível experiência aos irmãos e sobrinhos, pois os cafajestes provavelmente repetiriam a frase de Missy.

Ao entrar na biblioteca, a apenas duas portas da loja, Missy ainda exibia nas faces a expressão de sua irritação e bateu a porta atrás de si.

Una ergueu o olhar sobressaltada, depois começou a rir.

— Querida, você está esplêndida! Tivemos um acesso de raiva, foi?

Missy respirou fundo algumas vezes, para se acalmar.

— Ah, foi meu primo James. Mande-o morder o próprio rabo.

— Fez muito bem! Já era tempo de alguém dizer isto a ele — Una abafou o riso —, embora eu ache que seria bem melhor se alguém o fizesse por ele, de preferência do sexo masculino.

As palavras de Una deixaram Missy meio atônita, mas o acesso de hilaridade de Una fez do caso uma brincadeira e Missy conseguiu rir também.

— Puxa, não fui nada distinta, não é verdade? — perguntou, mais surpresa do que horrorizada. — Não sei o que foi que me deu!

— O rosto alegre que fitava fez-se de súbito malicioso, não com maldade, mas como alguém que está muito contente, sem fingimento, e Una começou a recitar, em tom de salmo:

— Palhas e camelos, olhos de agulhas e dias de cães, revolvendo vermes e bem semeadas tempestades. Há muitas coisas em você, srta. Wright, de cuja existência nem você desconfia. — Recostou-se no espaldar da cadeira e cantarolou, como uma criança levada e alegre: — Mas agora estão começando a se tornar visíveis e nada mais poderá ocultá-las.

Em seguida falaram do vestido de renda vermelha, do ardente desejo de Missy de vestir alguma coisa que não fosse marrom, da frustração de ter que admitir que nenhuma outra cor assentaria nela, de modo que, numa ocasião maravilhosa como aquela, em que poderia ter um vestido novo, ele teria ainda que ser marrom. Sua alegria quase sumiu. Una solidarizou-se com ela, e, quando Missy encerrou seu desabafo, olhou-a, deliberadamente, da cabeça aos pés.

— Vermelho *ficaria* muito bem em você — observou. — Que pena! Mas não faz mal — e mudou de assunto. — Guardei um novo romance para você; depois de ler duas páginas dele, garanto, você nem pensará mais no vestido vermelho. É sobre uma jovem sem graça que é muito reprimida pela família, até o dia em que descobrem que ela sofre do coração e está para morrer. Ela é apaixonada, há anos, por um sujeito que é noivo de outra. Então ela leva o diagnóstico do especialista ao rapaz e pede-lhe que se case com ela, pois terá apenas seis meses de vida, após o que ele poderá se casar com a outra moça. Ele é um tanto irresponsável, precisa de alguém que o ponha no bom caminho, mas naturalmente não sabe disso. Em todo caso, concorda em se casar com ela. Vivem juntos seis meses divinos. Ele descobre que, sob o exterior sem graça, existe uma personalidade fascinante, e o amor dela opera nele uma mudança completa. Um dia, com o sol brilhando e os pássaros cantando, ela morre nos braços dele — adoro livros em que as pessoas morrem nos braços uns dos outros, você não? — e a ex-noiva vai procurá-lo, depois dos funerais, porque recebeu uma carta da morta explicando por que ele romperia o noivado com ela. A antiga noiva perdoa o rapaz e está pronta a casar com ele assim que ele se refizer da perda. Mas ele se levanta, cheio de pesar, corre para o rio e se atira nele, chamando pela esposa morta. A antiga noiva se atira também no rio, chamando por ele. Oh, Missy, é tão triste! Levei dias chorando.

— Eu levo — resolveu Missy na mesma hora. Pagou suas dívidas, o que a fez sentir-se bem melhor, e enfiou o *The Troubled Heart* (Problemas do coração) no fundo de uma das sacolas de compras.

— Até a próxima segunda-feira — disse Una, acompanhando-a até a porta e acenando para Missy até vê-la sumir.

Enquanto fazia o trajeto do centro de Byron até Missalonghi, Missy ia pensando que aqueles oito quilômetros nunca lhe haviam parecido tão longos. Pois enquanto andava, sonhava, fantasiava, vendo-se em papéis, em acontecimentos e personagens muito distantes da realidade. Antes de Una vir para a biblioteca, esses personagens eram todos exatamente como Alicia; suas atitudes ridículas giravam em torno das lojas de chapéus, de vestidos ou dos salões de chá de uma nobreza que devia ser reverenciada, e os homens de suas vidas eram um belo ideal Hurlingford, um Siegfried^{*1} de botas, chapéu-coco e terno com colete. Agora, a imaginação dela tinha mais material para trabalhar, e, não importava o personagem que representasse, fosse qual fosse a aventura, tudo teria muito mais a ver com o último romance que Una lhe emprestara às escondidas do que com qualquer aspecto da vida de Byron.

Nessa segunda-feira, na primeira metade do caminho para casa, Missy metamorfoseou-se numa loura de cabelos avermelhados, maravilhosa, com surpreendentes olhos verdes-limão, por quem dois homens estavam apaixonados: um duque (loiro e bonito) e um príncipe indiano (moreno e bonito). Sentada no lombo de elefantes ricamente ajaezados, ela matava tigres, sozinha; liderava a tropa de súditos do marido contra saqueadores muçulmanos, sozinha; construía escolas, hospitais, maternidades, sempre sozinha, enquanto os dois apaixonados perambulavam vagamente em segundo plano, mais como a aranhinha macho que não tinha permissão para entrar nos aposentos da esposa.

Mas, a meio caminho de casa, onde a Gordon Road saía do longo desvio da Noel Street, começava o seu vale. Nesse ponto Missy sempre parava, sonhando acordada, sem se preocupar com o resto. Era um dia lindo, como costumam ser os últimos dias do inverno nas Montanhas Azuis, quando o vento faz uma pausa para descansar. Atendendo ao chamado do vale, atravessou a Gordon Road e ergueu o rosto para aquele céu ameno, dilatando as narinas para deixar entrar o cheiro penetrante e forte da mata.

O vale nunca tivera nome. Dali por diante, sem dúvida, passaria a ser conhecido como John Smith Valley, como era hábito entre os moradores de Byron. Comparado com o Jamieson Valley, ou o Grose Valley, ou ainda o Megalong Valley, não era grande, mas era perfeito. Uma concavidade arredondada, cerca de 450 metros abaixo dos 900 de altitude onde fora erguida Byron e as demais cidades das Montanhas Azuis. Seu formato era simetricamente oval: a curva menor ficava exatamente do lado oposto àquele em que a Gordon Road desaparecia aos poucos, e a outra extremidade a uns oito quilômetros para leste; nesse ponto, o paredão, ininterrupto até ali, rompia-se dramaticamente numa fenda profunda, através da qual corria um rio sem nome que ia se juntar à bacia do Nepean-Hawkesbury, na planície costeira. A margem, à volta toda, era um fantástico declive brusco de arenito cor de laranja sem brilho, um penhasco de 300 metros de altura, e no fundo desse precipício alcantilado uma faixa de árvores cobria a margem, descendo até o leito do rio que há milênios formara o vale. Olhando para o outro lado, acolchoado pela luxuriante floresta nativa, avistava-se um mar azul de seringueiras que suspiravam e gemiam sem cessar.

Nas manhãs de inverno, o vale ficava cheio de nuvens brancas e brilhantes que caíam como leite derramado na beira do penhasco e, de

¹ *Siegfried — herói de lenda germânica que conquistou o tesouro dos nibelungos, matou um dragão e ajudou Gunther a se casar com Brunilda. (N. da T.)

repente, quando aumentava o calor do sol, começavam a subir, sumindo rapidamente. Às vezes, as nuvens podiam vir do alto e descer como dedos buscando as copas das árvores, até conseguir escondê-las sob um lençol fantástico. Ao aproximar-se o pôr-do-sol, no inverno e no verão o penhasco começava a receber cores mais ricas e mais carregadas, escurecendo do rosa-avermelhado ao carmim e terminando em púrpura, que ia se desmanchar no misterioso índigo da noite. Mais maravilhosa ainda era a neve, que caía raramente; os rochedos e saliências da ravina se destacavam no branco, e as folhas das árvores, movendo-se, sacudiam para longe a poeira dos cristais de neve à medida que estes caíam, inconformados com aquele toque alienígena.

O único caminho para a parte plana do vale era uma trilha perigosa e escarpada, que dava passagem apenas para uma carroça grande e emergia, no alto, exatamente do lado oposto do lugar onde acabava a Gordon Road. Cinquenta anos antes, alguém fizera a trilha para saquear a floresta compacta de cedros e terebintinas, mas depois de terem passado por ela um rebanho inteiro de oitenta vacas, mais o vaqueiro, dois lenhadores e uma carreta com um enorme tronco de árvore, o saque cessara abruptamente. Havia florestas mais fáceis de desbastar. E aos poucos a trilha fora esquecida, bem como o vale; os visitantes preferiam ir para o sul, para o Jamieson Valley, a ir para o norte, para este primo menos impressionante, despido dos quiosques e mirantes projetados pelo homem.

Aquela pontada miserável voltou no momento exato em que Missy virou a esquina, perto de Missalonghi, e, segundos depois, a dor bateu em seu peito como uma martelada. Missy cambaleou e deixou cair as sacolas cheias, erguendo os braços como a querer arrancar de si aquela agonia; através do seu terror viu o muro bem tratado de Missalonghi e correu para casa. Neste exato momento John Smith dobrava a esquina, vindo do outro lado, em passadas largas e cabeça baixa, pensativo.

A apenas alguns metros do portão, junto ao muro, Missy caiu pesadamente ao comprido. Ninguém de casa viu, pois eram cerca de cinco horas e os acordes do órgão de Drusilla irrompiam no ar lá de fora, sufocantes como cinzas de vulcão.

Mas John Smith viu e veio correndo. A princípio pensou que a estranha criaturinha tivesse dado um passo em falso por ter saído em disparada para fugir dele, mas quando se ajoelhou e viu seu rosto, sua cor acinzentada e o cabelo molhado de suor, percebeu que se enganara. Ergueu-a meio sentada, apoiando-a na perna e massageando-lhe as costas sem sucesso, tentando descobrir um meio de forçar a entrada de ar em seus pulmões. Uma coisa ele sabia: não podia deixá-la estendida no chão; contudo, seus conhecimentos não iam muito além disso. Missy segurou com as duas mãos o braço com que ele a segurava pela frente dos ombros; todo o corpo dela arfava na luta para respirar, e os olhos se voltaram para ele em silêncio, suplicando uma ajuda que ele não sabia como dar. Como que hipnotizado, assistindo desfilarem por aqueles olhos o medo, a perplexidade e a dor, começou a pensar que ela ia morrer.

Em seguida, a cor cinzenta começou a desaparecer, uma coloração mais quente e mais sadia cobriu-lhe a pele, e as mãos dela soltaram o seu braço.

— Por favor! — balbuciou Missy, com a voz entrecortada, tentando levantar-se.

Ele se pôs de pé e pegou-a no colo. Embora não soubesse onde ela morava, pensou que deveria haver alguém que lhe desse alguma assistência

naquela casa sombria que ficava atrás do muro, e carregou-a através do portão em direção à casa, pedindo ajuda em voz alta e rezando para ser ouvido apesar do órgão.

Ao que parece, foi ouvido, pois duas senhoras saíram imediatamente da casa, ambas desconhecidas para ele. Sem criar dificuldade, o que ele apreciou muitíssimo, uma delas apontou logo para a porta da frente, sem uma palavra, e a outra saiu rápida na frente dele, fazendo-o entrar na sala com seu fardo.



— O conhaque — pediu Drusilla, curvando-se para soltar a roupa da filha. Missy não usava espartilho, nem precisava dele, mas o vestido era apertado na cintura e fechado até o pescoço.

— As senhoras têm telefone? — perguntou John Smith.

— Infelizmente não.

— Então, se me disserem onde encontrar um médico, vou buscá-lo agora mesmo.

— Na esquina da Byron com a Noel, o dr. Neville Hurlingford — informou Drusilla. — Diga que se trata de Missy... é minha filha.

Ele saiu imediatamente, deixando Drusilla e Octavia às voltas com o conhaque que toda dona-de-casa providente tinha no guarda-louças para o caso de surgir algum problema de coração.

Quando o médico chegou, cerca de uma hora mais tarde, Missy já se recuperara quase totalmente. John Smith não voltara com ele.

— Muito esquisito — comentou o dr. Hurlingford para Drusilla, na cozinha, enquanto Octavia ajudava Missy a ir para a cama.

A experiência deixara Drusilla muito abalada, acostumada como estava a pensar que todos ao seu redor eram fortes e sadios como ela. A artrite de Octavia, de tão antiga, já não era mais levada em conta. Por isso, sóbria e calada, fez um bule de chá e bebeu sua xícara de chá com mais prazer do que o médico a dele.

— O sr. Smith contou o que aconteceu?

— Confesso, Drusilla, que, apesar das histórias extravagantes que andam por aí, o sr. Smith me parece ser um bom sujeito, homem sensível e prático. Segundo ele, Missy pôs as mãos no peito, saiu correndo apavorada e desmaiou. Seu rosto ficou acinzentado; ela estava suada e respirava com grande dificuldade. Isso durou cerca de dois minutos e ela se recuperou rapidamente. Imagino que tenha sido quando o sr. Smith a trouxe para dentro. Não achei nada de errado com ela, um minuto atrás, mas poderei ter uma ideia melhor quando fizer um exame completo.

— Não há doença de coração na nossa família, você sabe — lembrou Drusilla, sentindo-se traída.

— Fisicamente, ela puxou à família do pai, Drusilla, pode ter herdado deles um coração fraco. Ela já teve alguma síncope igual a esta?

— Não que nós saibamos — afirmou Drusilla, percebendo que fora corrigida. — Acha que é o coração?

— Honestamente, não sei. Pode ser que sim — ele estava em dúvida. — Acho que vou examiná-la agora outra vez.

Missy estava deitada na caminha estreita, com os olhos fechados, mas ao ouvir passos pouco familiares abriu os olhos. Inexplicavelmente, ficou desapontada ao ver o dr. Hurlingford.

— Bem, vamos ver, Missy — começou ele, sentando-se cuidadoso ao lado dela. — O que foi que aconteceu?

Drusilla e Octavia rondavam atrás dele. Ele teria gostado de dispensá-las, sabendo que a presença delas inibiria Missy, mas a moral e as convenções proibiam tal coisa. Só vira Missy umas duas ou três vezes, por isso só sabia dela o pouco que todo mundo sabia: era a única Hurlingford morena da história e estava destinada a ser uma solteirona desde antes de completar dez anos.

— Não sei o que foi que aconteceu — mentiu Missy.

— Ora, vamos, você tem que se lembrar de alguma coisa.

— Acho que fiquei sem ar e desmaiei.

— Não foi isto que o sr. Smith me contou.

— Então o sr. Smith se enganou. Onde está ele? Não está aqui?

— Você sentiu alguma dor? — pressionou o dr. Hurlingford, não satisfeito com a resposta dela e não se preocupando em responder à pergunta de Missy.

A visão aterrorizante de ficar reduzida a uma doente crônica em Missalonghi tomou conta de Missy. A horrível sobrecarga financeira que ela representaria, a culpa que por causa disso sentiria todos os dias de sua existência inválida, a impossibilidade de jamais sair sozinha, passar pelo seu vale, ir até Byron e até a biblioteca... não, ela não aguentaria.

— Não senti dor alguma — insistiu Missy.

O médico olhou para ela como se não estivesse acreditando, mas, apesar de ser um Hurlingford, ele tinha boa percepção e também sabia que tipo de vida Missy iria levar a partir do momento que fosse diagnosticado algum problema cardíaco. Por isso absteve-se de continuar pressionando a coitada. Pegou o velho estetoscópio já fora de moda e auscultou o coração de Missy, que batia em perfeita normalidade, e os pulmões, que estavam limpos.

— Hoje é segunda-feira. É melhor você ir ao meu consultório na sexta-feira. — Levantou-se, deu uma palmadinha amistosa na cabeça de Missy e foi para o *hall*, onde Drusilla estava de vigia, à sua espera. — Continuo não achando nada de errado — explicou ele. — Só Deus sabe o que aconteceu, eu não. Mas não deixe de mandá-la ao meu consultório na sexta-feira, e se nesse ínterim acontecer mais alguma coisa, chame-me imediatamente.

— Nenhum remédio?

— Minha cara Drusilla, como posso prescrever algum remédio para uma doença que não consegui diagnosticar? Ela é magra como uma vaca com verminose, mas me parece bastante sadia. Deixe-a em paz, deixe-a dormir, alimente-a bem em quantidade e qualidade.

— Deve ficar na cama até sexta-feira?

— Não. Deixe-a ficar na cama hoje, amanhã ela pode se levantar. Cuide para que ela faça apenas trabalhos leves, mas não vejo perigo algum em que leve uma vida normal.

Com isto, Drusilla teve que se dar por satisfeita. Levou o médico, que era seu tio, até a saída, foi nas pontas dos pés até a porta do quarto de Missy e espiou para dentro. Missy dormia, por isso ela foi para a cozinha, onde Octavia estava sentada à mesa, acabando com o chá que fora feito para o doutor.

Octavia também parecia muito abalada, segurava a xícara com ambas as mãos e tremia muito.

— Tio Neville não parece ter achado o caso grave — explicou Drusilla, sentando-se pesadamente. — Missy deve ficar na cama o resto do dia, mas amanhã pode se levantar e andar um pouco; só que deve fazer trabalhos leves até titio examiná-la outra vez, na sexta-feira.

— Oh, meu Deus! — Uma lágrima grande e tênue rolou pela face grande e pálida de Octavia quando ela olhou para as mãos nodosas. — Vou tentar cuidar das plantas, Drusilla, mas não vou conseguir ordenhar a vaca!

— Eu ordenho — disse Drusilla. Pôs as mãos na cabeça e suspirou. — Não se preocupe, irmã, vamos dar um jeito.

A calamidade! Drusilla viu suas preciosas duzentas libras sumirem numa série de consultas médicas, hospitais e tratamentos, providências que não relutaria em tomar; o que a deprimia era ver sumirem os frutos desse dinheiro no momento em que pensara ter tido, afinal, uma ajuda. Já que não tinha ainda cortado as fazendas que Missy comprara, elas poderiam ser devolvidas à loja de Herbert no dia seguinte. Não *poderiam*?

Na hora do jantar, Drusilla levou para Missy uma tigela grande de caldo de carne, com cevada, e ficou sentada perto da cama até Missy comer tudo, mas depois disso, felizmente, deixou-a sozinha. A longa dormida da tarde, porém, deixara Missy sem sono e ela começou a pensar. Pensou na dor e no que ela poderia significar. Entre a dor e o futuro, dois desertos de uma aridez espantosa, só John Smith aparecia iluminado e magnífico. Por isso, abandonou qualquer pensamento a respeito da dor ou do futuro e concentrou-se em John Smith.

Que homem atencioso! Interessante também. Com que facilidade a erguera do chão e a levava para casa. A recente avalanche de conhecimentos de segunda mão, que os romances emprestados por Una haviam derramado sobre ela, de repente se tornara benéfica; Missy entendeu, enfim, que estava apaixonada. Mas a esperança nem sempre estava presente nessa doce e alegre explosão de sentimentos que a conscientização desse amor detonara. As Alicias da vida podiam esquematizar e tramar seus fins, mas as Missys não. As Missys não sabiam o suficiente sobre os homens, e o pouco que sabiam pertencia ao domínio da generalidade. Todos os homens eram intangíveis, até os ex-presidiários. Todos os homens tinham escolha. Todos os homens eram poderosos. Todos os homens eram livres. Todos os homens eram privilegiados. E era de presumir-se que os ex-detentos tivessem tudo isso mais arraigado do que o pobre Willy Hurlingford, tão protegido fora dos ventos da adversidade que poderiam tê-lo fortalecido um pouco. Não que ela acreditasse que John Smith tivesse realmente saído de uma cadeia; Una o conhecera em Sydney, e provavelmente isto significava que ele estivera pelo menos próximo da alta sociedade — a não ser, talvez, que, apesar de sua amizade com o marido de Una, ele fosse entregador de gelo, de pão ou de carvão.

Mas ele fora tão bom com ela! Bom para com uma nulidade como Missy Wright. Mesmo sentindo aquela dor violenta e assustadora, ela tivera consciência da presença dele, sentira até uma energia emanar dele para ela, e, na sua imaginação, fora esta energia que arremessara para longe a morte como se esta fosse poeira.

“John Smith”, pensou Missy, “se eu fosse jovem e bonita como Alicia, suas chances de escapar de mim não seriam maiores do que as do pobre Willy de escapar de Alicia! Eu o perseguiria sem tréguas até agarrá-lo. Onde quer que você estivesse, eu estaria pronta a lhe preparar uma armadilha. E quando o apanhasse, eu o amaria tanto e me faria amar tanto, que nunca mais você ia querer me deixar.”

No dia seguinte, John Smith foi saber notícias de Missy, mas Drusilla falou com ele na porta e não lhe permitiu ver nem ouvir Missy. Drusilla entendeu perfeitamente tratar-se de uma visita de mera cortesia, por isso agradeceu de maneira gentil, mas sem muita efusão, e ficou a observá-lo enquanto ele se dirigia para o portão, balançando as mãos livres e assobiando uma canção picante.

— Que coisa engraçada! — comentou Octavia, vindo da sala, onde estivera espiando por uma fresta da cortina. — Você vai dizer a Missy que ele esteve aqui?

— Por quê? — indagou Drusilla, surpresa.

— Ora, bem...

— Octavia, minha querida, parece que você andou lendo os horríveis romances baratos que Missy tem trazido da biblioteca ultimamente.

— Ela tem trazido, é?

Drusilla riu.

— Sabe, desde que notei a perturbação dela, tentando esconder a capa dos livros, deixei de lado todas aquelas regras sobre os livros que ela deveria ler. Afinal, isso era 15 anos atrás! Pensei: por que não há de ler romances, se ela quer? Eu ainda me distraio com a música, mas a pobrezinha...

Bondosamente, Drusilla absteve-se de acrescentar que Octavia tinha o reumatismo para diverti-la, e Octavia, que em outras circunstâncias poderia ter sugerido em voz alta quão destituída se sentia de qualquer distração, sabiamente resolveu abandonar o tema distração.

— Mas você não vai lhe dizer que ela pode ler romances, vai?

— É evidente que não! Se o fizesse, tiraria metade da graça, você sabe. Liberdade total para ler tais livros só lhe facilitaria um julgamento mais imparcial para ver como são ruins. — Drusilla franziu a testa. — O que me intriga é como Missy conseguiu convencer Livilla, mais que a qualquer outra pessoa, a lhe emprestar aqueles livros. Mas não posso perguntar a Livilla sem me denunciar e com isto estragar o prazer de Missy. Vejo nisso um leve sinal de rebeldia, o que me dá esperança de que, afinal de contas, Missy tem algum tutano nos ossos.

Octavia torceu o nariz.

— Não vejo o que há de louvável numa espécie de rebeldia que a obrigue a agir *às escondidas*.

Um som ligeiro, entre rosnado e miado, saiu dos lábios de Drusilla, mas ela sorriu em seguida, deu de ombros e foi para a cozinha.

Drusilla levou Missy ao médico na sexta-feira seguinte, pela manhã. Foram a pé; fazia bom tempo e estavam bem agasalhadas, evidentemente de marrom.

A sala de espera, escura e abafada, estava vazia. A esposa de Neville, que trabalhava como enfermeira do marido, fez com que entrassem, dirigindo uma palavra cordial para Drusilla e um olhar inexpressivo para Missy. Logo depois o médico apareceu na porta do consultório.

— Entre, Missy. Você não, Drusilla, fique aí, conversando com sua tia.

— Missy entrou, sentou e esperou, desconfiada, pondo-se em guarda.

Ele começou com um ataque frontal:

— Não acredito que você tenha sentido apenas falta de ar. Você sentiu dor e eu quero saber tudo, sem invencionices bobas.

Missy acabou cedendo. Contou acerca da pontada do lado esquerdo, que a incomodava quando fazia longas caminhadas ou corria e que, dessa vez, a atacara de súbito, apavorante, numa investida violenta de dor e falta de ar.

O médico examinou-a de novo. Depois falou, num suspiro:

— Não consigo descobrir qualquer problema em você. Quando a examinei na segunda-feira, não restava qualquer sinal que pudesse ser indício de algum mal cardíaco. Hoje foi a mesma coisa. Contudo, pelo que me disse o sr. Smith, você teve com certeza uma espécie de colapso. Por isso, só para me certificar, vou mandá-la a um especialista em Sydney. Se eu puder marcar uma consulta, você gostaria de ir com Alicia na terça-feira, quando ela faz sua viagem semanal à cidade? Assim sua mãe não precisaria ir.

Notara um brilho de compreensão em seu olhar? Missy não tinha certeza, mas assim mesmo olhou para ele agradecida.

— Obrigada. Eu gostaria de ir com Alicia, sim.

Sexta-feira foi de fato um dia ótimo, pois de tarde Una foi a Missalonghi na carruagem de Livilla, puxada por um cavalo, levando meia dúzia de romances, discretamente encapados em papel pardo.

— Não sabia que você estava doente até o dr. Neville me contar hoje de manhã, quando foi à biblioteca — falou Una, sentando-se na sala de visitas para onde a conduzira Octavia, admiradíssima com a elegância e personalidade da moça.

Drusilla e Octavia não deixaram as duas conversarem a sós, não porque fossem desmancha-prazeres conscientes, mas porque estavam sempre ávidas por companhia, principalmente quando a companhia era algo novinho em folha. E com uma fisionomia tão agradável, ainda por cima! Não era bonita que nem Alicia; no entanto, embora considerassem isso uma deslealdade, acharam Una mais atraente que a sobrinha. Sua visita agradou particularmente a Drusilla, que teve assim resposta à sua perturbadora indagação sobre como teria Missy conseguido os romances.

— Muito obrigada pelos livros — Missy agradeceu sorrindo à amiga. — O que eu trouxe na segunda-feira, já li até não poder mais.

— E gostou?

— Adorei! — De fato adorara; sua heroína à morte, com um coração fraco, não podia ter aparecido num momento mais propício. Era bem verdade que a heroína morria nos braços do seu amado, ao passo que ela tivera a sorte de quase morrer nos braços do amado.

Una tinha boas maneiras. Quando acabou de tomar o chá e comer uns biscoitos simples feitos em casa, já conquistara completamente Drusilla e Octavia. Não ter nada melhor para oferecer era humilhante, mas os elogios de Una transformaram os desprezados biscoitos numa receita inspirada que qualquer visita adoraria.

— Ah, estou tão cansada de doces com creme e rocamboles de aspargos — exclamou Una, com um sorriso que provocou um efeito deslumbrante nas donas-de-casa. — Muito inteligente de sua parte e muita consideração! Estes biscoitinhos são deliciosos e muito melhores para a digestão! A maioria das senhoras de Byron mergulham a gente num mar de geleia e creme, e, como convidada, é óbvio, não posso deixar de comê-los sem ofender a dona-da-casa.

— Que moça adorável — comentou Drusilla.

— Maravilhosa — acrescentou Octavia.

— Ela pode vir mais vezes — disse Drusilla a Missy.

— A qualquer hora — confirmou Octavia, que fizera os biscoitos.

No domingo à tarde, Missy comunicou que estava cansada de ler e ia dar uma volta na floresta. Seu tom era tão calmo e decidido, que por um instante a mãe apenas olhou para ela espantada, embasbacada.

— Uma volta? — exclamou afinal. — *Na floresta?* Definitivamente, não! Você não sabe quem poderá encontrar.

— Não vou encontrar ninguém — afirmou Missy, paciente. — Nunca se soube de nenhum assaltante ou molestador de mulheres em Byron.

Octavia contrapôs:

— Como é que você sabe disso, madame? É preciso estar prevenida, não se esqueça! Se algum ladrão estiver rondando por aqui, não encontra a quem molestar porque nós, as Hurlingfords, mantemos nossas jovens a salvo dentro de casa, que é onde você tem que ficar.

— Se você persistir na ideia, acho que vou ter que ir com você — acrescentou Drusilla com ar de mártir.

Missy riu.

— Que é isso, mamãe! Vir comigo quando você está tão absorta no seu bordado de contas? Não, vou sozinha e está acabado.

Saiu de casa sem casaco nem cachecol para se proteger do vento.

Drusilla e Octavia entreolharam-se.

— Espero que a doença não lhe tenha afetado o cérebro — comentou Octavia pesarosa.

O mesmo pensou Drusilla, mas em voz alta fez-se corajosa:

— Pelo menos, você não pode dizer que esta pequena rebeldia está sendo praticada às *escondidas*.

Enquanto isto, Missy saía pelo portão e, ao invés de dobrar à direita, dobrou à esquerda, onde a Gordon Road se estreitava numa trilha apenas para uma carroça e entrava serpenteando no coração da floresta. Olhou para trás para ver se alguém a seguia. Na atarracada feiúra de Missalonghi, a porta da frente continuava bem fechada.

Era ainda dia claro e o sol aquecia, mesmo filtrando-se entre as árvores. Lá em cima, na orla da montanha, a mata não era densa, pois o solo era pobre e as plantas que ali cresciam, na maior parte das vezes, tinham que esgravatar um ponto de apoio difícil, no substrato do arenito. Os eucaliptos e angóforas eram baixos, atrofiados; a vegetação, rasteira e escassa. A primavera chegara, até no alto das Montanhas Azuis. Chegara cedo, e dois ou três dias com um pouco de calor eram suficientes para fazer explodir as primeiras acácias num turbilhão de minúsculas bolas amarelas e leves.

O vale continuava à direita. Podia ser vislumbrado através das árvores. Onde estava a casa de John Smith, caso ele tivesse uma? A última visita matinal dos sábados que sua mãe fizera a tia Aurelia não elucidara mais coisa alguma a respeito de John Smith, a não ser um grande boato segundo o qual John Smith teria contratado uma firma construtora de Sydney para erguer uma enorme mansão na parte mais baixa do vale com o arenito extraído do lugar. Mas Missalonghi não tivera evidências que comprovassem isso, apesar de estar situada exatamente na única estrada que os construtores teriam que usar. Além do mais, Aurelia dava a

impressão de ter preocupações mais importantes do que John Smith; parecia que os altos escalões da Byron Bottle Company estavam ficando alarmadíssimos por causa de certos movimentos misteriosos das ações da companhia.

Missy não esperava encontrar John Smith no alto da encosta num domingo, por isso decidiu descobrir onde a estrada dele ia acabar. Quando finalmente encontrou o lugar, entendeu o porquê da localização, pois um gigantesco deslizamento de terra arrastara pedras e rochas numa rampa de alto a baixo do despenhadeiro, diminuindo a curvatura da descida. De pé no começo da trilha, pôde apenas entrever por onde ela se estendia, indo e vindo através de todo o declive, numa série de ziguezagues; uma descida perigosa, é verdade, mas não para uma carroça como a de John Smith.

A timidez, porém, impediu-a de ir em frente, não por medo de cair e sim de ir parar na toca de John Smith. Entrou pela floresta, no topo da elevação, por uma picada estreita, provavelmente feita por animais à procura de água. De fato, à medida que andava, o rumorejar de água corrente se fazia ouvir mais forte, sobrepujando gradualmente o sempre presente som da conversa das árvores, naquele tom débil, melancólico e fatigado das seringueiras em dias calmos. O som da água tornava-se cada vez mais alto, até se transformar num rugido atordoante; contudo, ao alcançar a corrente não teve explicação para ele, pois, embora muito profunda e larga, a corrente deslizava tranquila entre as ribanceiras cobertas de samambaias. Mas o rugido da água persistia. Missy virou para a direita, seguindo para o rio, como num sonho encantado. O sol ricocheteava na superfície da água em milhares e milhares de pontos de luz; das samambaias caíam gotículas minúsculas; as libélulas pairavam sobre as águas com suas asas de mica irisada, e papagaios lustrosos voavam em círculos pelas árvores, de uma margem para outra.

Subitamente o rio sumiu. Apenas caiu no nada, numa curva suave da margem. Missy recuou rápida, sufocando um grito. Chegara à cabeceira do vale, e o rio que o cortara entrava nele da única maneira possível — descendo, descendo, descendo. Andou com cuidado pela beirada por bem meio quilômetro e chegou a um lugar onde um grande rochedo se projetava para cima do precipício. Ali, bem na beira, Missy sentou-se, com as pernas balançando no vazio, para admirar a cascata quase em adoração. O fundo, ela não conseguia ver; só via o belo e confuso emaranhado da água, voando pelo espaço vazio, e o arco-íris no paredão cheio de musgo que ficava atrás dela; sentia a umidade meio fria que ela exalava ao cair, como um pedido de socorro.

O tempo corria, rápido como a água. O sol abandonou aquele lado da margem. Missy começou a sentir frio, estava na hora de voltar para casa.

Tomou, então, o caminho de volta. Ao chegar à entrada que levava ao vale de John Smith, Missy deparou-se com ele. Vinha de Byron, com a carroça carregada de ferramentas, caixotes, sacos e máquinas, o que surpreendeu Missy. Em algum lugar havia alguma loja aberta aos domingos!

Ao vê-la, ele encostou a carroça de um lado da trilha, desceu e cumprimentou-a com um largo sorriso.

— Olá! Está se sentindo melhor?

— Estou sim. Obrigada.

— Estou contente de encontrá-la assim, porque já começava a me perguntar se você estaria ainda entre os vivos. Sua mãe me garantiu que sim quando estive lá, mas não me deixou constatar isto.

— Foi lá em casa saber como eu estava?

— Fui sim, na terça-feira.

— Bem, muito obrigada por ter ido — disse ela muito alegre.

John Smith ergueu os supercílios, mas não tentou interrogá-la. Em vez disso, deixou a carroça no lugar e voltou um pedaço com Missy, em direção a Missalonghi.

— Não foi nada grave, então? — perguntou após alguns minutos, durante os quais os dois apenas andaram lado a lado, sem falar.

— Não sei — respondeu Missy, sentindo aquele homem sadio irradiar um centímetro de interesse e solidariedade. — Preciso consultar um médico em Sydney com certa urgência. Um *cardiologista*, eu acho. — Por que falara desse jeito?

— Ah! — Fez ele embaraçado.

— Onde o senhor mora, sr. Smith? — perguntou Missy para mudar de assunto.

— Bem lá para trás; na direção de onde você vem, há uma cascata — começou ele sem reticências e num tom de voz que a Missy pareceu ser o de um amigo, talvez devido à sua condição de doente ou por ser ela visivelmente inofensiva. — Perto da base da cachoeira há uma cabana de lenhador, onde estou acampando por enquanto. Mas estou começando a construir uma casa bem mais perto da cachoeira, com os blocos de arenito extraídos do lugar. Acabo de chegar de Sydney, onde fui buscar um motor para uma serra grande.

Missy fechou os olhos e soltou, sem querer, um profundo suspiro.

— Puxa, que inveja que me dá!

Ele fitou-a curioso.

— É muito estranho ouvir isto de uma mulher.

Missy abriu os olhos.

— É estranho?

— As mulheres, em geral, não gostam de ficar longe das lojas, de outras casas e de outras mulheres — seu tom era enérgico.

— Talvez tenha razão quanto à maioria — retrucou Missy pensativa —, mas nisso não estou com a maioria, daí eu invejá-lo. Paz, liberdade, isolamento, é tudo com que eu sonho!

Avistaram o fim da trilha e o teto vermelho e gasto de Missalonghi.

— Faz sempre as compras em Sydney? — perguntou ainda Missy, à falta de assunto, arrependendo-se logo em seguida por ter feito uma pergunta tão tola; já não o vira na loja do tio Maxwell?

— Quando posso, sim — respondeu ele, obviamente não se lembrando de tê-la visto no armazém de Maxwell —, mas o trajeto é muito grande, montanha acima com muito carregamento, e eu só tenho esta parelha de cavalos. Para compras, entretanto, Sydney é mil vezes preferível a Byron. Nunca vi um lugar tão cheio de pessoas abelhudas.

Missy deu um sorriso forçado.

— Procure não censurá-los muito, sr. Smith. Não só é muito novo aqui, como também ficou com o que sempre julgaram pertencer a eles com

exclusividade, embora não tenham pensado no caso.

Ele rompeu em gargalhadas, obviamente achando muito engraçado que ela trouxesse o assunto à baila.

— A senhorita se refere ao meu vale? Podiam tê-lo comprado, o leilão não foi secreto, foi anunciado nos jornais de Sydney e no de Katoomba. O que acontece é que eles não são tão inteligentes quanto pensam, é só isso.

— Deve sentir-se um rei lá embaixo.

— É como me sinto, srta. Wright. — Sorrindo para ela, bateu de leve no chapéu amassado de camponês australiano, deu meia-volta e foi embora.

Missy pisou em nuvens o resto do caminho para casa, aonde chegou bem na hora de ordenhar a vaca. Nem Drusilla nem Octavia falaram no seu passeio pela floresta. Drusilla, porque seu alívio com a demonstração de independência da filha foi maior do que o receio do que pudesse acontecer, e Octavia, porque estava convencida de que as funções cerebrais de Missy haviam sido afetadas pelo mal que a afligira, fosse ele qual fosse.

Na verdade, às quatro horas, quando não viram sinal de Missy, as duas senhoras haviam tido um ligeiro atrito. Octavia achara que deviam chamar a polícia.

— Não, não e não! — dissera Drusilla com energia.

— Mas é preciso, Drusilla. Seu cérebro foi afetado, eu sei. Quando, em toda a sua vida, ela agiu dessa maneira?

— Desde que Missy teve aquele problema, Octavia, tenho pensado muito e não me envergonho de dizer que quando o sr. Smith entrou aqui com ela nos braços, fiquei aterrorizada. A ideia de que poderia perdê-la, de maneira tão inesperada, de uma hora para outra... nunca fiquei tão feliz em minha vida quanto na hora em que tio Neville disse que parecia não ser grave. Aí comecei a pensar: como ficaria Missy, se alguma coisa acontecesse comigo? Octavia, temos que encorajar Missy a ser independente! A culpa não é nossa, se Deus não a dotou com a aparência de Alicia, nem com a minha personalidade forte. Mas começo a ver que a minha personalidade forte não a ajudou. Eu decido tudo e ela concorda, sem discutir, é o seu modo de ser. Mas acho que fui longe demais, tomando decisões por ela. Não devo agir mais assim.

— Bobagens! — desabafou Octavia. — A garota não está boa da cabeça! Sapatos em vez de botas! Romances! Passeios no bosque! Na minha opinião, daqui por diante você tem que ser mais severa, não menos!

Drusilla suspirou.

— Quando éramos jovens, Octavia, usávamos sapatos. Papai era um homem muito generoso, não nos faltava nada. Andávamos de carruagem e não nos faltava dinheiro para os alfinetes. Hoje em dia, não importa quanto a vida esteja sendo dura, você e eu podemos olhar para trás e recordar o prazer de ter belos sapatos, vestidos bonitos, festas e alegria. Missy nunca teve um par de sapatos bonitos, nem um vestido bonito. Não estou me penitenciando por isto, porque a culpa não é minha, mas quando pensei que ela poderia morrer... bem, decidi que devia dar a Missy tudo que ela quisesse e estivesse nas minhas possibilidades. Os sapatos, não posso, principalmente se tiver que pagar muitas contas médicas. Mas se ela quer passear no bosque e ler romances, não serei eu a impedi-la.

— Tolice mais tolice! Você deve continuar firme como até agora. Missy precisa de um controle forte.

E Drusilla não conseguiu demovê-la deste ponto de vista.

Sem saber do exame de consciência que a mãe fizera, Missy achou melhor, em vez de ler um dos novos romances depois do jantar, fazer renda.

— Tia Octavia — chamou enquanto os dedos voavam sobre o trabalho —, quanto você vai querer de renda para o seu vestido novo? Acha que esta é suficiente? Posso fazer muito mais, só preciso saber agora.

Octavia estendeu a mão nodosa e Missy entregou-lhe a renda feita, deixando que a tia a espalhasse no colo.

— Puxa, Missy, que linda! — murmurou Octavia maravilhada. — Drusilla, olhe só!

Drusilla pegou um pedaço de renda do colo da irmã e ergueu-a à luz fraca que iluminava o cômodo.

— É mesmo, é linda. Você se aperfeiçoa dia a dia, Missy, é preciso reconhecer.

— Ora — explicou Missy muito séria —, é porque finalmente aprendi a desembaraçar os fios do novelo das preocupações.

As duas mulheres mais velhas ficaram totalmente desconcertadas por um momento, depois Octavia dirigiu um olhar significativo para Drusilla, meneando ligeiramente a cabeça. Mas Drusilla ignorou-a.

— É isso mesmo — concordou Drusilla.

Como fazer boa figura no casamento de Alicia passou a ser questão mais importante, o distúrbio mental de Missy foi posto de lado por Octavia.

— Você acha que isto basta, Drusilla? — perguntou Octavia ansiosa.

— Bem, para o que eu planejei em princípio acho que sim, mas tive uma ideia melhor. Gostaria de pôr mais um pouco de renda em volta da bainha da sobressaia... está tão na moda! Você se importaria de fazer este trabalho todo, Missy? Se achar que é muito, seja franca.

Agora era Missy que estava desconcertada; em toda sua vida, nunca antes a mãe lhe pedira a opinião, nem parara para pensar se o que pedia era demais. Evidente! Era por causa do problema que tivera! Que interessante!

— Não me importo nem um pouco — respondeu Missy rapidamente.

Octavia ficou radiante.

— Muito obrigada. — Depois se entristeceu. — Se ao menos eu pudesse ajudar você na costura, Drusilla. É muito trabalho para você.

Drusilla olhou para o volume de crepe lilás que tinha no colo e suspirou.

— Não se preocupe, Octavia. Missy faz os acabamentos, como o caseado, a bainha, a abotoadura. Mas devo admitir que seria maravilhoso ter uma máquina de costura Singer.

Isso, é claro, era indiscutível; as moças de Missalonghi faziam seus vestidos à moda antiga, inteirinhos costurados à mão. Drusilla cortava e costurava a maior parte. Missy fazia os acabamentos; Octavia não podia segurar a agulha de costura, fina demais para seus dedos.

— Estou com tanta pena de seu vestido ter que ser marrom, Missy — lamentou Drusilla, olhando para a filha com olhar súplice. — Mas a fazenda é muito bonita e ficará bem, você vai ver. Gostaria de pôr nele algumas

miçangas?

— E estragar o corte? Mamãe, você tem um corte esplêndido, que se impõe sem qualquer enfeite — declarou Missy.

Nessa noite, Missy ficou deitada, no escuro, relembrando os detalhes da tarde mais gostosa de toda a sua vida. Ele não só parara, como descera da carroça e a acompanhara por um algum tempo, voltando atrás em seu caminho, além de conversar com ela como um amigo, não como um dos membros do cansativo grupo dos Hurlingfords. Fora tão adorável! Rude, mas adorável. E não cheirava a suor azedo, como muitos dos “oh-quão-respeitáveis” Hurlingfords. Cheirava a sabonete fino, de boa qualidade; reconheceu o perfume, porque quando as moças de Missalonghi ganhavam aquele sabonete de presente, o que era raro, não o usavam no banho (para limpeza do corpo bastava o sol); guardavam-no nas gavetas, no meio das roupas. As mãos dele podiam ser ásperas, mas estavam limpas, até debaixo das unhas. O cabelo também estava imaculado, sem uma gota sequer de óleo ou creme, só o brilho saudável do pêlo de um gato limpo. John Smith era um homem ativo e escrupuloso.

O que ela mais gostava nele eram os olhos, de um castanho-dourado translúcido. Não podia, não acreditaria em qualquer insinuação de desonestidade nem de baixeza a respeito dele. Em vez disso, ela apostaria a própria vida na total integridade e na ética inatacável de John Smith. Talvez fosse capaz até de matar, aguilhoado além do suportável, mas jamais roubaria nem trapacearia.

“Ah, John Smith, eu te amo! E te agradeço do fundo do coração ter vindo até Missalonghi para ver como eu estava.”

Apenas a um mês do casamento, Alicia Marshall aproximava-se dia a dia do auge de seu desabrochar longo e maravilhoso, e pretendia usufruir ao máximo este último mês de liberdade. A data fora marcada com um ano e meio de antecedência, e nunca ocorrera a ela duvidar da estação ou do tempo. O certo é que, embora algumas vezes, nas Montanhas Azuis, a primavera pudesse chegar atrasada, chuvosa ou com muito vento, esta primavera, obediente aos caprichos de Alicia, estava chegando com a sonhada tranquilidade celeste.

— Não poderia ser diferente — comentou Aurelia para Drusilla, num tom de voz em que insinuava ligeiramente que, apenas uma vez, poderia ficar satisfeita se os planos da filha saíssem errados.

A ida de Missy a Sydney, marcada para aquela terça-feira, foi adiada, o que representou uma sorte para Missy. No dia da consulta com o especialista, Alicia não fez sua costumeira viagem a Sydney, por haver programado para a quinta-feira seu chá de panela. Os preparativos para a festa não permitiam outras preocupações, nem mesmo as da loja de chapéus. O chá de panela não era só uma simples reunião em que Alicia receberia modestos presentes de utensílios para cozinha e as moças conversariam; era mais uma recepção formal para todas as mulheres da família, ocasião em que ficariam sabendo o que se esperava delas no Grande Dia. Durante a festa, Alicia pretendia comunicar quais seriam as damas de honra e mostrar os desenhos e tecidos da recepção, bem como a ornamentação da igreja.

O único senão da festa foi o pai e os irmãos de Alicia se negarem a cooperar, demonstrando, de repente, uma impaciência incompreensível para ela.

— Pelo amor de Deus, Alicia, saia daqui! — gritou o pai num tom muito irritado, que ela não ouvira dele antes. — Faça esse raio dessa festa como quiser, mas deixe-nos fora dela. Há ocasiões em que essas coisas de mulher são uma tremenda chatice, e esta é uma delas!

— Está *bem!* — exclamou Alicia, por sua vez com raiva, os cordões do espartilho estalando perigosamente. E foi queixar-se à mãe.

— Receio que tenhamos que ter muita paciência no momento, querida — retrucou Aurelia preocupada.

— Que diabo está acontecendo?

— Não sei bem de que se trata, só que tem a ver com umas ações da Byron Bottle Company que estariam desaparecendo.

— Isto não tem sentido! — reclamou Alicia. — Ações não desaparecem.

— Saem do controle da família? Era isto que eu devia dizer? — esclareceu Aurelia muito vagamente. — Ah, não entendo isso direito, não tenho cabeça para negócios.

— Willie não me falou nada.

— Talvez ele não saiba ainda, querida. Ainda não está muito a par do que acontece na companhia, está? Afinal, acabou de sair da faculdade.

Alicia saiu bufando, deixou de lado aquela história enjoada e foi dar instruções ao mordomo sobre o fato de só poderem ficar na frente da casa as criadas, uma vez que a festa era só para mulheres.

Drusilla, naturalmente, foi à festa e levou Missy; Octavia, coitada, morrendo de vontade de ir, na última hora foi obrigada a ficar em casa, já vestida para sair, porque Aurelia esquecera de mandar o transporte prometido para as moças de Missalonghi. Drusilla pôs o vestido de gorgorão marrom, contente por saber que não teria que exibir a mesma roupa mais uma vez no dia do casamento. Missy vestiu o de linho marrom com o chapéu de marinheiro que era forçada a usar há 15 anos, todas as vezes que as normas o exigissem, inclusive todos os domingos na igreja. Comprariam chapéus para o casamento, mas não — ai delas! — na Chez Chapeau Alicia; o essencial já fora comprado na loja do tio Herbert, e os retoques finais seriam dados em Missalonghi.

Alicia estava estonteante, num delicado vestido crepe cor de damasco adornado com bordados azul-lavanda e um imenso ramo de flores de seda da mesma cor no ombro. “Ah”, pensou Missy, “eu adoraria usar um vestido, pelo menos uma vez! Eu *poderia* usar essa cor, garanto que poderia! E poderia também usar esse tom de azul.”

Haviam sido convidadas mais de cem mulheres, que andavam em pequenos grupos pela casa, procurando rostos conhecidos e fazendo mexericos. Às quatro horas sentaram-se, como galinhas num poleiro, no salão de baile, onde participaram de um magnífico chá com bolo de claras com geleia e creme, *petits fours*, sanduíches de pepino, cornucópias de aspargo, bombas de chocolate, pães doces com creme e deliciosos mil-folhas. Ainda havia a possibilidade de escolher o chá, entre um Darjeeling, um Earl Grey, um Lapsang Souchong ou um Jasmine.

As Hurlingfords eram tradicionalmente louras, tradicionalmente altas e tradicionalmente incapazes de falar com franqueza. Olhando para a multidão ao seu redor, ouvindo seu palavreado vazio, Missy confirmou a opinião que tinha a esse respeito. Era a primeira vez que era convidada a uma reunião dessa natureza, provavelmente porque teria sido muito

indelicado esquecê-la, quando tantas mulheres com parentesco mais distante haviam sido convidadas. Fosse como fosse, na igreja, aos domingos, a presença maciça das mulheres da família ficava diluída com a presença de um número quase igual de homens. Mas ali, no salão de baile de tia Aurelia, a presença feminina era compacta e esmagadora.

O ar estava pesado de participípios adequadamente estocados e infinitivos primorosamente encaixados, além de uma porção de sutilezas verbais que tinham saído de moda cinquenta anos antes. Sob o esplendor e a afabilidade do teto de Aurelia, ninguém se atreveria a usar uma expressão mais popular. E Missy notou que era ela, literalmente, a única pessoa de cabelo preto no meio de todas aquelas mulheres. Bem, havia alguns reflexos cinzentos duvidosos — os cinzas e brancos não estavam de todo ausentes —, mas seu cabelo, negro-azeviche, parecia carvão em campo de neve; entendeu perfeitamente porque a mãe lhe recomendara que ficasse de chapéu o tempo todo. Era óbvio que quando um Hurlingford casava com alguém que não fosse da família, escolhia um louro ou uma loura. Mesmo o pai de Missy era louro, embora seu avô, segundo Drusilla, fosse moreno como um “latino”, termo convencional e aceitável na época.

— Augusta e Antonia, queridas, é o saxão que temos — dizia Drusilla para as irmãs que via muito pouco.

Aurelia dedicava-se quase com exclusividade a Lady Billy, que fora afastada de seu cavalo naquela tarde, não sem os mais amargos protestos. E Lady Billy permanecia sentada, com o ar inexpressivo dos portadores de encefalite, pois não tinha filhas nem interesse algum em mulheres. De um modo geral, as duas coisas a assustavam e perturbavam; além disso, a perspectiva de ter Alicia Marshall como nora era o maior desgosto de sua vida. Lutara sozinha contra o casamento, sem esmorecer, e se opusera fortemente ao noivado do jovem Willie com a prima em segundo grau, declarando que jamais correriam juntos, como uma parelha, e produziriam um ramo familiar muito pobre. Entretanto, Sir William, cujo apelido era Billy, fizera-a calar-se, com a brutalidade de sempre; ele próprio estivera sempre de olho em Alicia e adorava a perspectiva de vê-la todas as noites na sua mesa de jantar, com sua brilhante cabeça cor de linho e o lindo rosto. Ficara combinado que os recém-casados morariam em Hurlingford Lodge com Sir Willie e a esposa, pelo menos por alguns meses; o presente de casamento de Sir William era um excelente terreno de 40 hectares, mas a casa a ser nele construída estava bem longe de ficar pronta.

Deixada inteiramente entregue a si própria, Missy procurou por Una. Viu Livilla, mas não viu Una. Era estranho!

— Não estou vendo Una aqui — comentou Missy com Alicia, quando a arrebatadora criatura passou por ela com um sorriso brilhante e muito condescendente.

— Quem? — perguntou Alicia, parando.

— Una, a prima de tia Livilla, a que trabalha na biblioteca.

— Não seja tola, não existe Hurlingford com esse nome aqui em Byron — respondeu Alicia, que nunca fora vista lendo um livro. E lá se foi ela espalhar sua esplêndida presença, pairando tão de leve na superfície da reunião quanto uma camada de geleia sobre um grande pudim de merenda escolar.

A esta altura ela entendeu tudo. Era óbvio! Una era *divorciada*! Um pecado que não podia sequer ser mencionado! Livilla fora sensível o suficiente para lhe oferecer um teto, mas seu sentimento humanitário

nunca chegaria ao ponto de permitir que a prima — uma *divorciada* — frequentasse a sociedade de Byron. A impressão que dava era que Livilla decidira manter silêncio total acerca de Una. Pensando nisso, Missy verificou que Una fora sua única fonte de informações. Depois da chegada de Una, nas raras ocasiões em que Missy encontrara Livilla na biblioteca, a tia não mencionara o nome de Una, e Missy, que tinha medo da tia, também não falara nela.

Drusilla apressou-se a trazer a irmã Cornelia a reboque.

— Oh, não é esta uma esplêndida reunião? — perguntou Cornelia, sem esquecer a linguagem formal.

— É sim, maravilhosa — confirmou Missy, passando para um sofá que descobriu atrás de um vaso grande com palmas Kentia.

Drusilla e Cornelia sentaram-se, cada uma com um prato repleto na mão, contendo pelo menos um exemplar de cada guloseima servida no bufê.

— É tão bondosa! Tão gentil, a querida Alicia! — disse Cornelia por dizer. Julgava um grande privilégio trabalhar para Alicia como vendedora, em troca de uma ninharia por mês; não fazia a mínima ideia do cinismo com que Alicia tirava partido de sua gratidão e dedicação. Antes de Chez Chapeau Alicia abrir as portas, Cornelia trabalhava para Herbert, seu irmão, o que justificava estar tão satisfeita com a presente situação; Herbert era tão pão-duro que fizera Alicia parecer magnânima. Assim como Octavia, e com as mesmas consequências, Cornelia vendera a casa com o terreno a Herbert, só que o fizera para ajudar a irmã Julia a comprar de Herbert o salão de chá.

— Silêncio! — sussurrou Drusilla. — Alicia vai falar.

As faces brilhando, os olhos cintilando como duas águas-marinhas, Alicia começou a falar. Os nomes das dez damas de companhia foram recebidos com gritinhos agudos e aplausos. A primeira dama de honra desmaiou de emoção, por causa da honra recebida, e teve que ser reanimada com sais aromáticos. Alicia determinou que os vestidos das damas tinham que ser confeccionados dois a dois, em cinco tons de rosa, desde o mais pálido até o ciclame, de maneira que quando a noiva, toda de branco, chegasse ao altar, teria de cada lado cinco damas, as duas mais próximas com os vestidos mais claros; as demais se colocariam de modo que o rosa fosse ficando gradualmente mais vivo até o rosa carregado das damas mais distantes.

— Somos todas quase da mesma altura, todas muito claras e com um todo muito parecido — explicou Alicia. — Acho que o efeito será notável.

— Não é uma brilhante ideia? — murmurou Cornelia, sentindo-se feliz por participar das preliminares do casamento. — A cauda do vestido de Alicia será de renda francesa e com a roda completa.

— Magnífico — assentiu Drusilla, lembrando que a cauda do seu vestido de noiva fora de renda e mais comprida ainda. Mas calou-se.

— Notei que Alicia escolheu moças virgens — falou Missy, a quem a dor do lado incomodava, desde a caminhada de Missalonghi até a casa de Alicia, e estava ficando mais forte. Era impossível sair da sala, mas ela não estava conseguindo ficar sentada e calada por mais tempo; para ver se esquecia a dor, começou a falar. — Ela é bem intransigente — prosseguiu Missy —, porque eu, *indiscutivelmente*, sou virgem e não fui escolhida.

— Ssssh! — fez Drusilla, querendo que a filha se calasse.

— Missy, querida, você é muito baixa e muito morena — murmurou Cornelia, com pena da sobrinha.

— Tenho 1,73m de altura — protestou Missy, sem se preocupar em abaixar a voz. — Só na coleção de gigantes da família eu poderia ser considerada baixa!

— Ssssh! — fez Drusilla de novo.

Enquanto isto, Alicia passara ao assunto das flores e informava, às ouvintes fascinadas, que os buquês consistiriam em dúzias de orquídeas rosas vindas no trem de Brisbane, em caixas resfriadas.

— Orquídeas! Que ostentação vulgar! — comentou Missy em voz alta.

— Ssssh! — tentou Drusilla mais uma vez, desesperada.

Nesse momento Alicia calou-se; acabara de fazer sua melhor apresentação teatral.

— Dir-se-ia que ela está feliz por revelar o *show* em todos os seus detalhes — comentou Missy, sem se dirigir a ninguém em particular —, mas eu acho que ela sabe que se não o fizer, metade desses detalhes de que tanto se orgulha sequer serão notados.

Alicia aproximou-se, brilhante e sorridente, o cabelo cheio de luz e as mãos cheias de esboços e amostras de tecidos.

— É uma pena que você seja tão morena e tão baixa, Missy — falou com um ar encantador. — Eu teria gostado de chamá-la, mas, entenda, você não ficaria bem de dama de honra.

— Bem, eu acho que é uma pena que *você não seja* baixa e morena — retrucou Missy com o mesmo ar encantador. — Com todas ao seu redor da mesma altura e palidez, e toda essa gradação de cor-de-rosa, você vai ficar apagada, confundindo-se com a parede.

Alicia perdeu a fala. Drusilla perdeu a fala. Cornelia perdeu a fala.

Missy levantou-se com toda a calma, arrumando a saia de linho marrom.

— Acho que vou embora agora — falou com ar alegre. — Bonita festa, Alicia, mas muito parecida com inúmeras outras. Por que será que todo mundo serve sempre as mesmas coisas? Eu gostaria muito de um sanduíche de ovos ao *curry*, para variar.

E tratou de ir embora, antes que sua audiência recobrasse o fôlego; quando isto aconteceu, Drusilla foi obrigada a esconder um sorriso, fingindo não ouvir a exigência de Alicia de que Missy voltasse para pedir desculpas. Bem feito para Alicia! Por que não pudera ser boa, só esta vez? Estragaria seu grupo perfeito se incluísse a pobre Missy? Era curioso! O comentário de Missy fora perfeito: Alicia sumiria totalmente entre os arcos brancos e cor-de-rosa, os buquês e as bandeirolas com que pretendia enfeitar a igreja.

Assim que Missy saiu, bem em frente à porta de Mon Repos, foi dominada por aquela dor terrível e pela falta de ar. Decidiu que preferia morrer sozinha, decentemente, e deixou o caminho de pedregulhos, correndo para o lado da casa. Era evidente que as noções de Aurelia Marshall sobre planejamento de jardins não permitiam sequer os vestígios de um bosque, por isso havia muito poucos lugares onde alguém pudesse esconder-se sem ser encontrado. O mais parecido com isto era uma moita de rododendros que ficava debaixo de uma janela, e foi para baixo dessa moita que Missy se arrastou, ficando meio deitada e meio sentada, com as

costas contra os ladrilhos vermelhos, atrás do arbusto. A dor era insuportável, nunca viera tão forte. Fechou os olhos e desejou não morrer enquanto não pudesse morrer nos braços de John Smith, como a heroína do Romance. Que lugar para encontrarem seu cadáver enrijecido — a moita de rododendros de tia Aurelia!

Não morreu. Dali a pouco a dor começou a ceder e ela a se movimentar. Ouviu vozes por perto e como os rododendros estivessem ainda meio nus, com a roupagem do outono, tentou sair para não ser vista quando alguém se aproximasse da moita. Por isso, pôs-se de joelhos e começou a levantar-se. Só então percebeu que as vozes vinham da janela acima de sua cabeça.

— Você já viu um chapéu mais monstruoso? — Missy reconheceu a voz da filha mais nova de tia Augusta, Lavinia. É claro, Lavinia era uma das damas de honra.

— Sempre o mesmo de todos os domingos na missa, para ser exata. — Esta era a voz estridente e inexpressiva de Alicia. — De qualquer modo, acho que a pessoa debaixo do chapéu é ainda mais monstruosa.



— Ela é tão sem graça! — disse uma terceira. Era a voz da primeira dama de honra, a filha de tia Antonia, Marcia. — Francamente, Alicia, você lhe dá

muita importância chamando-a de monstruosa. Nulidade é uma palavra muito melhor para definir Missy Wright; agora, o chapéu, garanto a vocês, é mesmo uma monstruosidade.

— Você tem razão — concordou Alicia, ainda ressentida do golpe recebido com a observação feita por Missy pouco antes. Era evidente que Missy estava errada! No entanto, Alicia sabia que nunca mais o esplêndido visual do casamento a satisfaria plenamente; o dardo que Missy jogara fora mais mortal do que ela própria supunha.

— Mas, por acaso, precisamos nos preocupar com Missy Wright? — Esta voz, mais distante, era da prima Portia.

— Pelo fato de a mãe dela ser a irmã preferida da minha mãe, receio que eu tenha que me preocupar — declarou Alicia, na sua voz de sineta. — Por que mamãe insiste em ter tanta pena de tia Drusie, não sei, mas desisti de curá-la deste hábito. Só que procuro nunca estar em casa nos sábados pela manhã, quando tia Drusie vem se fartar com os doces de mamãe. E, Deus, como come! Mamãe faz duas dúzias de docinhos, e quando tia Drusie vai embora, já se foram todos, até o último. — Alicia deu uma risada curta e sem graça. — Já virou piada aqui em casa, até entre os criados.

— Bem, elas são muito pobres, não? — perguntou Lavinia, que fora boa em história, na escola, e resolveu se exhibir: — Sempre fiquei intrigada, querendo saber por que os franceses guilhotinaram Maria Antonieta pelo simples fato de ela ter dito a eles que comessem brioques, se não tivessem pão. Acho que qualquer pobre-coitado adoraria comer brioques, para variar... quer dizer, basta ver tia Drusie!

— Pobres elas são — interveio Alicia —, e receio que pobres continuarão a vida toda, tendo Missy como única esperança.

Esta frase provocou uma gargalhada geral.

— É uma pena que não se possam interditar as pessoas, como se interdita as construções — falou Junia, uma prima em quarto ou quinto grau que, não tendo sido convidada para acompanhar a noiva, destilava todo o seu veneno em uma ou duas gotas letais.

— Hoje em dia, Junia, somos bons demais para isso — lamentou Alicia. — Consequentemente, teremos todas que suportar as tias Drusie, Octie, Julie e Cornie, mais a prima Missy e toda a tropa de solteironas e viúvas. Veja, por exemplo, meu casamento. Vão estragá-lo completamente! Mas mamãe diz, com razão, que elas devem ser convidadas. É evidente que serão as primeiras a chegar e as últimas a sair. Já repararam como são elas as que mais aparecem, quando são as menos bem-vindas? Mamãe, porém, teve uma ideia genial que nos poupará desses horríveis vestidos marrons. Comprou meu enxoval de cama e mesa de tia Drusie por duzentas libras. Tenho que admitir que o trabalho delas é o mais fino e requintado: mamãe não fez mau negócio, graças a Deus. Fronhas bordadas, com botõezinhos cobertos e bordados com um botão de rosa minúsculo! Lindíssimos! Enfim, a ideia de mamãe deu certo, porque tio Herbert já contou a ela que Missy comprou três cortes de fazenda: lilás para tia Drusie, azul para tia Octie. Alguém adivinha a cor do corte de Missy?

— *Marrom!* — exclamaram várias vozes em uníssono, terminando numa explosão de gargalhadas.

— Tenho uma ideia! — exclamou Lavinia ao acabar a explosão de hilaridade. — Por que não dá a Missy um dos vestidos que você não usa mais, de uma cor que fique bem nela?

— Prefiro morrer! — retrucou Alicia desdenhosa. — Ver um dos meus lindos vestidos naquele feixe de ossos cobertos por pele escura? Se você está tão interessada no caso, Lavinia querida, por que não dá a ela um dos seus?

— Não tenho a mesma situação financeira que você, Alicia — replicou Lavinia em tom mordaz. — É por isto que não dou. Pense no assunto, já que está tão preocupada com a aparência dela. Você tem uma porção de vestidos âmbar, ouro velho ou damasco. Acho que qualquer coisa nessa linha ficaria bem em Missy.

Nesse instante, Missy conseguiu ficar de quatro e saiu dos rododendros para se dirigir à saída. Engatinhou até ficar fora da vista da janela, em seguida levantou-se e saiu correndo. As lágrimas rolavam-lhe pelo rosto, mas ela não estava a fim de parar para enxugá-las, irritada e envergonhada demais para se preocupar com alguém que pudesse vê-la.

Nunca pensara que alguém pudesse feri-la com uma crítica, qualquer que fosse, pois um milhão de vezes catalogara em sua mente as palavras de compaixão ou desdém que poderiam dizer a respeito dela. Nem se sentia diretamente ferida. O que a magoara muito fundo fora o que Alicia e as amigas disseram de sua mãe e das pobres tias solteironas, tão honestas e dignas, que trabalhavam tanto e eram tão gratas a qualquer atenção, embora fossem muito orgulhosas para aceitar qualquer coisa que pudesse parecer caridade. Como se atrevia Alicia a criticar, de maneira tão sarcástica e insensível, mulheres infinitamente mais admiráveis do que ela? Gostaria de ver como se portaria Alicia se estivessem numa situação tão difícil quanto a delas!

À medida que corria por Byron, com aquela dor do lado queimando-a, Missy se pegou rezando para que a biblioteca estivesse aberta, pois lá encontraria Una. Ah, como precisava de Una nessa noite! Mas a expectativa foi frustrada, e ela encontrou apenas um aviso na porta: FECHADA.

Octavia estava sentada na cozinha de Missalonghi, com a roupa de todos os dias, enquanto o pouco alimento de que dispunham fervia no fogão. Era um ensopado. Suas mãos deformadas estavam ocupadas em tricotar o mais delicado e transparente xale, para dá-lo à ingrata Alicia como presente de casamento.

— Olá! — saudou Octavia, largando o trabalho, quando Missy entrou. — Divertiu-se, querida? Sua mãe veio com você?

— Eu me aborreci tremendamente, por isso saí antes de mamãe — explicou Missy às pressas; em seguida pegou o balde do leite e fugiu para fora.

A vaca estava esperando paciente que a levassem para o estábulo; Missy afagou-lhe o focinho e fitou-a dentro dos grandes olhos, castanhos e doces.

— Buttercup, você é *muito* melhor que Alicia. Não entendo por que chamar alguém de vaca é um insulto. De agora em diante, vou chamar de Alicia aquelas que os outros chamam de vacas. — Missy levou a vaca para o estábulo, onde ela foi sozinha para o lugar da ordenha. Buttercup era a vaca mais fácil de ordenhar; soltava o leite sem dificuldade, nunca estranhava as mãos de Missy, sempre frias. Devia ser por isso que seu leite era tão bom. Vacas boas sempre dão bom leite.

Quando Missy voltou, Drusilla já havia chegado. Era costume derramar a maior parte do leite em vasilhas grandes e largas que ficavam do lado da sombra, na varanda dos fundos; enquanto fazia isto, Missy ouviu a mãe,

toda entusiasmada, regalar a tia com uma descrição completa da festa.

— Puxa, que bom que uma de vocês se divertiu — comentou Octavia. — Tudo o que consegui de Missy foi que se aborreceu tremendamente. Acho que o problema dela é falta de amizade.

— É verdade, e ninguém sente isto mais do que eu. A morte de Eustace acabou com a possibilidade de Missy ter irmãos ou irmãs, e esta casa, do lado pobre de Byron, fica tão fora de mão que ninguém quer vir aqui muitas vezes.

Missy esperou pela divulgação de seus pecados, mas a mãe não falou neles. Recuperando a coragem, entrou em casa. Desde que tivera o problema do coração, ficara muito mais fácil defender seus direitos, e parecia que também ficara mais fácil a mãe aceitar os indícios de independência. Só que quem causara a mudança em Missy não fora o problema cardíaco, fora Una. Pois é, tudo começara com a chegada de Una: a firmeza de Una, a franqueza de Una, a decisão de Una em não se deixar levar por quem quer que fosse. Una diria a um tolo arrogante como James Hurlingford que fosse morder seu rabo; Una diria a Alicia algo para ser lembrado, se se dignasse a fazê-lo; Una se faria sempre tratar com respeito. E de algum modo isto atingira uma aluna tão improvável quanto Missy Wright.

Quando Missy entrou em casa, Drusilla levantou-se num salto, radiante.

— Missy, você nem imagina! — exclamou, contornando a cadeira em que estivera sentada e pegando no chão uma imensa caixa. — Quando eu ia sair, Alicia veio me dar isto, para você vestir no casamento dela. Garantiu-me que a cor ficaria muito bem em você, embora eu confesse que nunca pensara nela. Olhe só!

Missy ficou petrificada, enquanto a mãe vasculhava dentro da caixa, de onde desenterrou um volume de organdi engomado e amassado, que começou a sacudir, segurando-o diante de uma Missy perplexa. Um vestido lindíssimo, cor de caramelo claro, entre o bege e o amarelo, mas não completamente âmbar; quem entendesse de moda veria que saíra de moda há uns cinco ou seis anos, por causa da saia de babados e do decote, mas ainda assim era lindíssimo e, com alguns consertos, ficaria perfeito em Missy.

— E o chapéu, olhe só para isto! — exclamou Drusilla quase num gritinho, tirando da caixa um grande chapéu de palha de aba larga, cor de caramelo, e recolocando em seu lugar o amontoado de organdi que combinava com ele. — Você já viu, alguma vez, um chapéu tão bonito? Ah, Missy querida, você terá um par de sapatos, não importa quão pouco úteis eles sejam.

Finalmente, os lábios de Missy recuperaram o movimento; ela deu um passo à frente, braços estendidos para receber a dádiva generosa de Alicia, e sua mãe repôs o chapéu na caixa, como o vestido.

— Vou usar meu vestido de cetim marrom, meu chapéu feito em casa e um bom par de botas resistentes! — falou Missy entre dentes e dirigiu-se para a porta dos fundos, a nuvem de organdi ondulando ao redor dela como água em volta de uma concha.

Ainda não tinha escurecido de todo. Correndo para a estrebaria, Missy ouvia os gritos frenéticos da mãe e da tia em algum lugar, atrás dela, mas quando a alcançaram era muito tarde. O vestido e o chapéu tinham sido pisoteados no esterco da estrebaria, sem esperança de recuperação, e

Missy, com uma pá, estava ocupada em cobrir, com quanto estrume pudesse, o valioso presente de Alicia.

Drusilla não tinha palavras para exprimir sua decepção.

— Como pôde fazer isso, Missy? Como pôde? A única vez em sua vida em que você tinha a oportunidade de se sentir bonita?

Missy apoiou a pá na parede da estrebaria e esfregou as mãos com satisfação.

— Você, mais do que qualquer outra, devia entender como pude, mãe. Ninguém tem mais dignidade do que você, ninguém que eu conheça é mais eficiente do que você em descobrir a caridade disfarçada no mais bem-intencionado dos presentes. Por que você me nega uma parte nesse orgulho? Você aceitaria o presente, se fosse para você? Por que, então, aceitou-o por mim? Você acha mesmo que Alicia fez isto para me agradar? É claro que não! Alicia quer que seu casamento seja perfeito até o último convidado, e eu... eu ia *estragar* o casamento dela! Portanto, ela decidiu transformar em modelo de elegância a monstruosa Missy Wright. Pois bem, muitíssimo obrigada, prefiro a minha monstruosidade natural, feita em casa, à elegância de Alicia! E vou dizer isto a ela!

E assim fez no dia seguinte. Embora Drusilla tivesse procurado o vestido e o chapéu no silêncio da noite, à luz de uma lanterna, eles não mais estavam naquele desprezível lugar e ela nunca mais os viu, nem ficou sabendo o que acontecera com eles, pois nenhuma das pessoas que souberam se lembrou de contar para ela, tal foi o impacto causado por outros acontecimentos naquela memorável manhã de sexta-feira, na residência dos Marshalls.

Missy chegou à porta de Mon Repos, por volta de dez horas da manhã, atrapalhando-se com um grande volume, muito bem embrulhado, que carregava com todo cuidado por uma alça de barbante. Se o mordomo desconfiasse da consternação reinante na pequena sala de estar, Missy teria pouca chance de passar da porta da frente; mas, por sorte, o mordomo não sabia de nada e assim contribuiu com uma pequena parcela para o desastre geral.

A saleta — não tão pequena — estava cheia de pessoas, todas muito grandes, quando Missy se aproximou da porta com o pacote. Estavam lá tia Aurelia, tio Edmund, Alicia, Ted, Rodolph, o terceiro Sir William e seu herdeiro, o pequeno Billy; Lady Billy não estava lá, porque fora assistir o parto de uma égua.

— Não entendo isto! — dizia Edmund Marshall. Missy sorriu para o mordomo e com um gesto deu a entender que se anunciaria sozinha, assim que fosse possível. — Simplesmente não entendo como puderam escapar-nos tantas ações! Como? Quem, com todos os diabos, as vendeu, e quem, com todos os diabos, as comprou?

— Pelo que meus agentes puderam aferir — falou o terceiro Sir William —, cada ação não pertencente a um Hurlingford foi comprada por uma quantia muitas vezes superior ao seu valor real, e a seguir o misterioso comprador começou a procurar as ações que estavam em mãos de pessoas de nossa família. Como, quando e por que, eu não sei, mas ele descobriu todos os Hurlingfords que precisavam de dinheiro e que não estavam ligados a Byron, fazendo ofertas que ninguém recusaria.

— Isto é ridículo! — berrou Ted. — Ele não vai ter como recuperar o dinheiro que está aplicando. Quer dizer, a Byron Bottle Company é uma

ótima empresa, mas o que tiramos do solo não é ouro, nem elixir da longa vida! No entanto, o preço que ele está pagando poderia ser o preço que um especulador pagaria por um solo de ouro maciço.

— Concorde com tudo isso — confirmou Sir William —, mas não posso dar uma resposta, porque também não sei.

— Fomos reduzidos a sócios minoritários, tio Billy? É isso que está querendo dizer? — perguntou Alicia, afeita às práticas e à terminologia do mundo dos negócios, além de ser possuidora de um considerável número de ações da companhia, compradas com o capital que lhe adviera de Chez Chapeau Alicia, devido a uma natureza aquisitiva que a levava ao reino mais tranquilo da especulação.

— Meu bom Deus, não, ainda não! — gritou Sir William; mas depois, menos confiante, acrescentou: — Todavia, admito que estamos caminhando para isso e chegaremos lá se não conseguirmos deter o fluxo de ações que estamos perdendo, ou não comprarmos mais.

— Há mais algum pequeno possuidor de ações desgarrado, aqui em Byron, a quem possamos chegar primeiro? — indagou Randolph.

— Alguns, em sua maior parte do outro lado da família, e duas ou três solteironas que herdaram algumas ações por acaso, sem estarem habilitadas. Naturalmente, nunca receberam dividendos.

— Como conseguiu isso, tio Billy? — perguntou Randolph.

Sir William bufou.

— Que sabem sobre ações velhas tolas e domésticas como Cornelia, Julia e Octavia? Não quis que elas soubessem que possuíam algo de valor; assim, além de não pagar dividendos, eu disse a elas que as ações não tinham valor, porque por direito pertenciam a Maxwell e a Herbert. Em vez de fazer tumulto, porém, preferi dizer a elas que poderiam corrigir o erro dando as ações aos filhos de Maxwell e de Herbert.

— Muito inteligente! — elogiou Alicia, admirada.

Sir William dirigiu-lhe um de seus olhares, ardentes e sensuais; ela começava a se perguntar em segredo se seria fácil conservar tio Billy a uma distância segura, depois de casada, morando na casa de campo dele... mas pensaria nisto na ocasião oportuna.

Temos que comprar as ações das velhas agora — opinou Edmund Marshall desalentado. — Entretanto, devo ser franco, não sei como arrumar o dinheiro agora, de repente. Teria que cortar despesas de maneira drástica, o que seria muito desagradável para a minha família... há o casamento de Alicia, você sabe.

— Estamos no mesmo barco, meu velho — disse Sir William, as palavras se atrapalhando na garganta. — E há a ameaça de uma grande guerra na Europa, maldita seja! O que existe é uma difusão de boatos!

— Por que *comprar* as ações? — indagou Alicia, com laivos de desdém na voz, considerando-os estúpidos. — Tudo que têm a fazer é procurar tia Cornie, tia Julie e tia Octie e *pedir* a elas as ações. Elas as entregarão sem discutir.

— Muito bem. Podemos fazer isto com essas três e com Drusilla, eu acho. Que diabo deu em Malcolm Hurlingford, para deixar ações para as filhas? Eu gostaria de saber. Ele sempre foi mole com as moças, mas, graças a Deus, Maxwell e Herbert não puxaram a ele nessa parte.. — Sir William

suspirou impaciente. — Estamos numa situação bem embaraçosa! Mesmo que, como disse Alicia, as velhas nos dêem as ações sem dizer nada, ainda teremos que lidar com os vários imprestáveis e os parentes distantes que, com certeza, não vão querer nos entregar as ações de graça. Ora, nós conseguiremos, não tenho dúvidas, desde que eles não tenham ouvido falar no comprador misterioso. Porque nós não podemos pagar o mesmo que ele.

— O que podemos vender depressa para obter meios? — perguntou Alicia com vivacidade.

Todos olharam para ela, e Missy, que até então não fora notada, saiu de seu lugar junto à porta (contra a qual passavam despercebidos ela e seu vestido marrom) para um lugar mais seguro, atrás de um dos vasos de palmas de Kentia que Aurelia espalhara pela casa.

— Há os cavalos puros-sangues de Lady Billy, para começar — falou Sir William, prazenteiro.

— Minhas joias — aduziu Aurelia, muito decidida.

— E as minhas também — apressou-se a oferecer Alicia, lançando à mãe um olhar irritado por ter se antecipado a ela.

— A questão — começou Edmund — é que, seja quem for este comprador, ou compradores, ele sabe quem possui ações da Byron Bottle Company melhor do que nós, que fazemos parte da diretoria! Ao consultar a lista de acionistas, descobri que, em muitos casos, as ações passaram da pessoa que está na lista para filhos ou sobrinhos, mas, enfim, não para mãos de estranhos. Nunca ocorreu que *algum* Hurlingford transferisse seus direitos por nascimento antes de morrer!

— Os tempos estão mudando — suspirou Aurelia. — Quando eu era menina, a união do clã Hurlingford era uma legenda. Hoje em dia, parece que alguns dos jovens da família não dão um tostão furado por ela.

— Foram mimados — declarou Sir William. Limpou a garganta, pôs as mãos nas coxas e prosseguiu, muito decidido. — Muito bem, sugiro que deixemos as coisas como estão neste fim-de-semana. Na segunda-feira vamos arranjar dinheiro em espécie.

— Quem vai procurar as tias? — indagou Ted.

— Alicia — respondeu Sir William sem vacilar. — Mas só quando estiver mais perto do casamento, eu acho. Assim podem ser levadas a pensar que estão dando um presente de casamento.

— Será que o comprador misterioso não irá procurá-las antes? — Ted preocupava-se sempre com tudo e por isso era levado a fazer considerações.

— De uma coisa você pode ter absoluta certeza, Ted, nenhuma dessas velhas tolas vai vender qualquer coisa dos Hurlingfords a alguém que não seja da família sem primeiro pedir a minha opinião ou a de Herbert. Mesmo que o comprador lhes ofereça uma fortuna, vão insistir em nos consultar. — Sir William estava tão certo do terreno em que pisava, que depois de falar sorriu.

Valendo-se da confusão geral, em que muitos dos presentes, preocupados e fatigados, procuravam um meio de acabar com a reunião, Missy saiu pela porta sem ser vista e entrou de novo, fazendo muito barulho. Nessa hora todos a viram, mas ninguém se mostrou alegre com isto.

— O que você quer? — perguntou Alicia com rudeza.

— Vim mostrar a você o que penso de sua obra de caridade, Alicia, e dizer que me sinto muito feliz de ir ao seu casamento usando a minha velha e amiga cor, o marrom — esclareceu Missy, atravessando a sala e depositando o pacote numa mesa em frente a Alicia. — Obrigada, mas não o quero.

Alicia olhou para ela como se olhasse para o excremento de um cachorro em que tivesse pisado.

— Faça como quiser!

— É o que eu vou fazer daqui por diante — ergueu o olhar para Alicia, muito mais alta do que ela, pois media mais de 1,80m, embora só admitisse ter 1,75m. Missy tinha um esgar maldoso. — Vamos, Alicia, abra! Eu o tingi de marrom para você.

— Você fez o quê? — Alicia começou a se atrapalhar com os nós do barbante e Randolph veio em seu auxílio, com o canivete. Depois que o barbante foi cortado, o embrulho abriu-se com facilidade e lá estavam o belo vestido de organdi e o magnífico chapéu, indescritivelmente sujos de uma coisa que parecia ser — e também tinha cheiro de — estrume de vaca, fresco e lamacento.

Alicia soltou um grito estridente de horror que foi crescendo e se avolumando até se transformar num guincho longo e agudo. Pulou para longe da mesa, à medida que a mãe, o pai, os irmãos, o tio e o noivo se aproximavam para ver.

— Você, sua... sua vagabundazinha nojenta! — rosnou Alicia para uma Missy sorridente.

— Ah, não, eu não sou vagabunda! — Missy falava com segurança.

— Você é pior do que uma vagabunda! E pode se considerar feliz por eu ser muito educada para dizer exatamente tudo o que penso sobre você! — Alicia arfava, mal podendo discernir o que a deixara mais chocada, se o feito ou a autora do feito.



— Então você pode se considerar feliz por eu não ser tão educada quanto você para lhe dizer tudo o que penso. Sou só três dias mais velha que você, o que a coloca mais perto dos 34 do que dos 33. No entanto, aí está você, uma balzaqueana, querendo bancar o broto, com o maior

descaramento, casando com um garoto que tem quase a *metade* de sua idade! O pai dele tem idade muito mais adequada para você! Você é uma sequestradora de crianças a sangue-frio! Quando Montgomery Massey morreu — fugindo, aliás, a um destino pior que a morte, antes que você o arrastasse ao altar —, você não conseguiu ver ao seu redor alguém bom para capturar. Então descobriu o pequeno Willie, coitado, ainda de cabelo cacheado de bebê, na roupinha de marinheiro, e resolveu que um dia seria Lady Willie. Não tenho dúvida de que, se as circunstâncias mudassem, você seria feliz da mesma forma como Lady Billy, em vez de Lady Willie. Talvez até mais, uma vez que o título ainda é dele. Admiro seu descaramento, Alicia, mas não admiro você. E tenho muita pena do pobre Willie, que vai levar uma vida miserável, sendo disputado, como um osso, pela mulher e pela mãe.

O objeto de sua piedade estava de pé, como os demais parentes, olhando estupefato para Missy, como se ela tivesse saído nua de dentro de um bolo gigantesco e começado a dançar o canção. Aurelia, misericordiosamente, desmaiara, mas o resto da audiência estava tão hipnotizada que não percebera.

Sir William foi o primeiro a recobrar os sentidos.

— Saia desta casa!

— É o que estou fazendo — afirmou Missy muito alegre.

— Eu nunca a perderei por isto! — berrou Alicia. — Como você se atreve? Como se atreve?

— Ora, vá morder seu rabo, que é bem grande! — completou Missy, rindo, e saiu.

Foi a última gota d'água: Alicia aprumou-se até ficar toda rígida, deu um grito gorgolejante e queixoso e caiu com estrépito, para se juntar à mãe no chão.

Puxa, que *satisfação* tivera Missy! Mas à medida que descia o declive de George Street, que levava à principal artéria de Byron, sua animação diminuía. Comparada com o assunto que discutiam antes de perceberem sua presença, a apresentação ultrajante da roupa de Alicia tornava-se insignificante. Aquelas pobres mulheres! Missy sabia tão pouco a respeito dos negócios da companhia quanto a mãe e as tias, mas era bastante inteligente para perceber o sentido das palavras de Sir William. Ela até já sabia das ações de Drusilla, guardadas com as de Octavia num cofrezinho que ficava dentro do guarda-roupa, onde também ficavam os documentos referentes à propriedade. Cada uma tinha dez ações, eram vinte ao todo. O que significava que, provavelmente, Cornelia e Julia deviam ter também dez ações cada uma. Os dividendos. Era óbvio tratar-se de uma espécie de pagamento periódico, uma parte dos lucros da companhia.

Os homens da família, quase todos, eram desprezíveis! Sir William esforçava-se por manter a política infame do primeiro Sir William, a fim de que os membros femininos da família que não tinham tido sorte, que economizavam e se apertavam numa pobreza estafante mas nobre, não recebessem parte dos frutos advindos do engarrafamento de um produto que, afinal de contas, era um donativo de Deus, mais do que de qualquer Hurlingford. Tio Maxwell, o maior ladrão, rico como quê, ainda explorava as parentas pobres na compra dos ovos, da manteiga e dos artigos do pomar delas, convencendo-as de que vender para outra pessoa seria um ato imperdoável de deslealdade. Tio Herbert, que comprara muitas casas com os dois hectares, no devido tempo, sempre pagando muito menos do que

valiam, explorava tanto quanto o irmão. Isto é, era pior, porque roubara até o pouco que pagara, dizendo às vítimas que o investimento feito com o dinheiro falhara.

Nem só os homens da família eram desprezíveis, emendou Missy, para ser justa. Se as Aurelias, Antonias e Augustas tivessem tentado fazer alguma coisa, após terem casado com homens ricos da família, talvez tivessem conseguido mudar a situação, pois o maior explorador pode ser explorado pela mulher.

Bem, alguma coisa tem que ser feita. Mas o quê? Missy pensou em contar a história em casa, mas chegou à conclusão de que não acreditariam nela, e se acreditassem, ainda assim acabariam sendo exploradas nos seus direitos. Alguma coisa tinha que ser feita e logo, antes que Alicia saísse por ali com seu fingimento para pegar as ações, o que sem dúvida alguma conseguiria.

A biblioteca estava aberta nesse dia; Missy deu uma olhada pela vidraça, esperando ver as feições de tia Livilla atrás da secretária, mas quem estava lá era Una. Por isso, deu meia-volta, retrocedeu e entrou na biblioteca.

— Missy! Que prazer! Não esperava vê-la hoje, querida. — Una sorria como se de fato sentisse prazer em ver o espantalho da família.

— Estou com tanta raiva! — exclamou Missy sentando-se na cadeira dura destinada aos que iam escolher livros e abanando-se com a mão.

— O que está acontecendo?

Subitamente, Missy sentiu que não podia expor o problema do egoísmo familiar ao desprezo de uma pessoa remotamente ligada ao ramo de Byron, como era o caso de Una, e resolveu calar-se.

— Ora, nada.

Una não insistiu. Apenas meneou a cabeça sorrindo, naquela adorável radiação que emanava da pele, dos cabelos e das unhas, suavizando sutilmente qualquer raiva.

— Que tal uma xícara de chá, antes da caminhada para casa? — perguntou, levantando-se.

A xícara de chá assumiu proporções de elixir de longa vida.

— Ah, ótimo, por favor! — aceitou Missy com prazer. Una desapareceu atrás da estante de livros, nos fundos da sala, num compartimentozinho onde ficavam os apetrechos para fazer chá. Lá não havia toalete, era norma nas lojas de Byron, pois esperava-se que todos usassem os toaletes da Byron Waters Baths e fossem rápidos ao fazê-lo.

Missy lembrou-se de dar uma olhada nos romances, por isso foi até o fundo da sala e voltou andando devagar até o ponto em que a estante subia pela parede, junto à escrivaninha de Livilla. Acompanhando com os olhos a estante, que rodeava a escrivaninha, deparou com um maço de papéis de aspecto familiar: um pacote de ações da Byron Bottle Company.

Nesse momento Una apareceu.

— A chaleira está no fogo, mas demora para ferver, num fogareiro a álcool. — Seu olhar seguiu o de Missy, depois pousou-lhe no rosto. — Não é formidável?

— O quê?

— O dinheiro que está sendo oferecido pelas ações da Byron Bottle

Company, evidente. Dez libras cada! É incrível! Wallace tinha algumas ações minhas, sabe? Quando nos separamos, ele as devolveu, dizendo não querer saber de nada que pudesse lembrar-lhe os Hurlingfords. Tenho só dez, mas vou receber cem libras na hora, querida. E, cá entre nós, tia Livie está um tanto apertada, por isso eu a persuadi a me dar vinte ações para vendê-las quando for vender as minhas.

— Como foi que tia Livilla as adquiriu?

— Foi Richard quem as deu a ela, quando não pôde devolver em dinheiro o empréstimo que fizera, numa ocasião em que andara apertado financeiramente. Pobre Richard, não acerta uma. E ela é tão rigorosa quando se trata de empréstimos, que não perdoa nem o próprio filho. Portanto, ele passou-lhe algumas de suas ações, para tapar-lhe a boca.

— Ele ainda tem mais ações?

— É possível. É um Hurlingford, querida. Mas acredito que já as tenha vendido, porque foi ele que me indicou esse comprador enviado por Deus.

— Como é que você pode vender ações de outra pessoa?

— Com uma procuração. Está vendo? — Una mostrou-lhe um formulário. — Compra-se na papelaria, que nem formulário para testamento. A gente preenche com todos os detalhes e assina; quem está passando a procuração também assina, perante um terceiro que assina como testemunha.

— Entendi — afirmou Missy, esquecendo os romances. — Você sabe onde mora esse tal comprador?

— Aqui mesmo, querida; mas vou levar tudo para Sydney pessoalmente, na segunda-feira, para vender. É mais seguro. Estou na biblioteca hoje para poder sair na segunda-feira. — Levantou-se e foi ver o chá.

Missy ficou pensando no caso. Por que não poderia ela tentar pegar os títulos das tias antes que Alicia fosse procurá-los? Por que Alicia deveria frustrá-la sempre, se o único conflito que tinham acabado de ter a perdedora fora Alicia?

Quando Una trouxe a bandeja de chá, Missy já tomara uma decisão.

— Muito obrigada — agradeceu, pegando sua xícara. — Una, sua ida a Sydney é inadiável? Você poderia ir na terça?

— Não vejo por que não poderia.

— Tenho consulta marcada com um especialista da Macquarie Street na próxima terça-feira, pela manhã — explicou Missy cautelosa. — Eu ia com Alicia, mas... não creio que ela queira minha companhia, agora, seja para o que for. Talvez eu tenha algumas dessas ações para vender, e se pudesse ir com você, ficaria mais fácil. Só estive em Sydney algumas vezes, quando criança, não conheço a cidade.

— Oba, que bom! Então iremos terça-feira. — Una cintilava, tão forte era nela a claridade.

— Receio ter que pedir a você mais um favor.

— Pois não, querida. O que é?

— Você se importaria de ir à papelaria aqui do lado para comprar para mim quatro desses formulários para procuração? Se eu for, tio Septimus com certeza vai querer saber para que os quero e logo em seguida contará ao tio Billy, ou ao tio Maxwell, ou ao tio Herbert, e eu... bem, prefiro tratar dos meus negócios eu mesma.

— Vou sim, logo que acabe de tomar meu chá. Você fica aqui tomando conta da biblioteca para mim.

Ficou combinado assim, inclusive que Una iria a Missalonghi no domingo à tarde, às cinco horas, para assinar os formulários como testemunha. Felizmente, desta vez Missy tinha consigo a carteira, por sorte com dois *xelins* pois os formulários eram caros, custavam três *pence* cada.

— Muito obrigada — disse Missy, guardando na bolsa o rolinho de formulários.

Decidira, também, levar alguns livros.

— Meu Deus! — exclamou Una vendo os títulos. — Tem certeza de que quer levar *The Troubled Heart*? Pensei que o tivesse lido até não poder mais, na semana passada.

— E li. Mas assim mesmo quero relê-lo. — E o livro foi para a sacola, junto com os formulários.

— Vejo você domingo à tarde, em Missalonghi, não se preocupe, tia Livie nunca se importa de me emprestar sua carruagem. — Acompanhou Missy até a porta, depositando um beijo ligeiro em sua face desacostumada a carinhos. — Cabeça erguida, menina, você pode fazê-lo — acrescentou, despedindo-se de Missy.

— Mamãe — começou Missy nesta tarde, ao sentar-se na cozinha aquecida, com Drusilla e Octavia —, você ainda tem aquelas ações da Byron Bottle que vovô deixou para você e tia Octavia?

Drusilla, desconfiada, ergueu os olhos da costura; embora a alteração da hierarquia social fosse obra sua, ainda sentia certa dificuldade em aceitar o fato de que não era mais a única que decidia. Aprendera muito depressa a reconhecer a abordagem sutil e indireta de Missy, por isso sabia que havia alguma coisa no ar.

— Tenho sim — respondeu.

Missy largou o trabalho no colo e olhou muito séria para a mãe.

— Mamãe, você acredita em mim?

Drusilla pestanejou.

— É claro que eu acredito!

— Quanto custa uma máquina de costura Singer?

— Para dizer a verdade, não sei bem, mas creio que no mínimo umas vinte ou trinta libras. Talvez até mais.

— Se você tivesse cem libras, além das duzentas que tia Aurelia pagou pelas peças do enxoval de Alicia, compraria a máquina de costura?

— Seria tentada, com certeza.

— Então dê-me as ações e deixe-me vendê-las para você. Posso conseguir dez libras por ação em Sydney.

Drusilla e Octavia suspenderam o trabalho.

— Missy querida, elas não valem nada — interveio Octavia com delicadeza.

— Valem sim — retrucou Missy. — Vocês foram enganadas por tio Billy, tio Herbert e todos os outros. Vocês deviam ter recebido o que eles chamam de dividendos, que elas dão, porque a Byron Bottle Company é

uma empresa próspera.

— Não, você está enganada — insistiu Octavia meneando a cabeça.

— Não estou não. Se vocês duas, mais tia Cornelia e tia Julia tivessem procurado um advogado desinteressado, em Sydney, alguns anos atrás, teriam muito mais dinheiro do que têm agora, esta é que é a verdade.

— Nunca pudemos fazer coisa alguma sem falar com os parentes, Missy — explicou Octavia. — Seria uma falta de confiança neles. Eles sabem mais que a gente, é por isso que olham por nós e cuidam de nós. Eles são da família.

— E eu não sei disso? — gritou Missy entre dentes. — Tia Octavia, seus parentes estão tirando partido do fato de serem da família desde o primeiro Hurlingford! Eles usam vocês! Eles exploram vocês! Alguma vez tio Maxwell comprou nossos produtos pelo preço justo? Você engoliu todas aquelas histórias dele sobre os azares do mercado, os prejuízos que ele diz ter, para justificar o pouco que nos paga? Ele é rico como Creso! E que prova alguém já viu de que o tio Herbert perdeu mesmo seu dinheiro num investimento infeliz? É mais rico que Creso! E foi tio Billy que contou a vocês pessoalmente que as ações não têm valor?

Drusilla, silenciosa e com olhar fixo, passara do impacto à dúvida, da má vontade para ouvir ao desejo claro de ouvir tudo. No fim do apaixonado discurso de Missy, até Octavia estava visivelmente hesitante. Talvez se fosse a antiga Missy, lá sentada, querendo pôr abaixo a hierarquia, elas pudessem não levá-la a sério, sem maiores preocupações, mas a nova Missy possuía uma autoridade que emprestava às suas palavras a força de verdade indubitável.

— Olhem — insistiu Missy, agora mais calma —, posso vender as ações de vocês por dez libras cada uma, e sei que outra oportunidade como esta, só quando nascer uma galinha com dentes, porque ouvi tio Edmund e Billy falarem a respeito e dizerem isso. Não sabiam que eu estava ouvindo, caso contrário, não teriam dito uma palavra. Falaram de vocês o que pensam, com o maior desdém. Acreditem em mim, não estou exagerando, nem interpretando mal o que disseram. E resolvi que isto tem que acabar, que vocês, tia Cornelia e tia Julia vão conseguir o melhor desta vez. Deixem-me vender as ações, que eu lhes trago o dinheiro. Mas se as oferecerem a um dos tios, eles irão convencê-las a dá-las de graça.

Drusilla suspirou.

— Quisera não acreditar em você, Missy, mas acredito. O que você diz, bem no fundo, não me surpreende.

Octavia, que podia ter continuado lutando pela lealdade cega, em vez disso resolveu trocar de lado; era meio infantil e se deixava levar por uma orientação mais firme.

— Pense em como seria diferente se você tivesse uma máquina de costura, Drusilla.

— Eu adoraria — admitiu Drusilla.

— Devo confessar que gostaria de ter cem libras só minhas no banco; só assim não me sentiria um fardo.

Drusilla capitulou.

— Muito bem, então você pode vender nossas ações.

— Quero também as de tia Cornelia e tia Julia.

— Entendo.

— Posso vender as ações delas do mesmo modo que as de vocês. Mas, como vocês, elas têm que estar dispostas a me entregar as ações sem dizer uma palavra a nenhum dos tios, nem uma só palavra.

— Cornelia bem que precisa desse dinheiro — falou Octavia, sentindo-se já mais alegre, mandando os homens da família para o inferno, o que era melhor do que ficar se lamentando da perfídia deles, de ter sido extorquida pela ganância deles. — Poderia ir tratar dos pés com aquele ortopedista alemão de Sydney. Ela fica tanto tempo em pé! Quanto a Julia, sabe como o caso dela é desesperador, agora que o Olympus Café está com aquela outra sala dos fundos, com mesas com tampos de mármore e pianista todas as tardes. Se ela conseguisse esse dinheiro, poderia fazer um salão de chá até mais luxuoso do que o Olympus Café.

— Farei o possível para falar com elas — garantiu Drusilla.

— Bem, se for falar com elas, diga-lhes que deverão estar aqui em Missalonghi no domingo à tarde, às cinco horas, com as ações. Todas vocês terão que assinar as procurações.

— O que é isto?

— São documentos que me autorizam a negociar as ações em nome de vocês.

— Por que domingo, às cinco da tarde? — quis saber Octavia.

— Porque nesse dia minha amiga Una virá testemunhar as assinaturas dos documentos.

— Que bom! — Octavia ficou inspirada. — Farei uma fornada de biscoitos caseiros.

Missy sorriu.

— Pelo menos uma vez na vida, tia Octavia, acho que podemos nos dar o prazer de um lauto chá de domingo, como se deve. Com biscoitos caseiros para Una, é claro, mas também com doces fantásticos, folhados de creme cobertos com caramelo, enfim, coisas gostosas.

Ninguém discutiu o cardápio.

Quando chegou à estação de Byron, às seis horas da manhã de terça-feira, Missy trazia quarenta ações de Byron Bottle Company e quatro procurações devidamente assinadas e testificadas. Una, apesar de ser mulher, acabara se revelando um juiz de paz apropriado (ela disse que isso acontecia com certa frequência em Sydney), emprestando um cunho bastante oficial aos documentos.

Una estava esperando na plataforma, assim como Alicia. Não juntas, porém, pois Alicia estava onde paravam os vagões de primeira classe e Una onde paravam os de segunda.

— Espero que você não se importe de viajar de segunda classe — falou Missy ansiosa. — Mamãe foi generosa, tenho dez *xelins* para as minhas despesas e um guinéu para o médico, mas não quero gastar além do que for preciso.

— Querida, meus dias de primeira classe se foram. — Una deu um suspiro. — Além do mais, não é uma longa jornada, e com o frio desta manhã, ninguém vai fazer questão de abrir as janelas.

Os olhos de Missy encontraram-se com os de Alicia, que fez um gesto de impaciência e virou deliberadamente para o outro lado. Graças a Deus, pensou Missy, sem se arrepender de coisa alguma.

Os trilhos começaram a ranger e logo depois apareceu o trem: um imenso monstro negro, uma máquina com um barulho infernal, passou entre torrentes de fuligem e jorros de fumaça branca e densa.

— Sabe o que gosto de fazer? — perguntou Una quando encontraram dois lugares vagos junto à janela.

— Não. O quê?

— Sabe aquele viaduto da Noel Street no trecho perto da fábrica de garrafas?

— Sei.

— Adoro parar bem no meio dele e me debruçar no parapeito quando o trem passa por baixo. Puxa! É uma fumaceira por todos os lados, como se a gente estivesse descendo ao inferno. Mas é tão divertido!

“Você é que é divertida”, pensou Missy. “Nunca vi alguém como você, nem tão cheia de vida.”

Quando o trem chegou ao terminal da estação central, o relógio da plataforma marcava vinte para as nove. A consulta de Missy estava marcada para as dez horas, e Una achou que tinham tempo de sobra para tomar um chá antes de saírem da estação. Alicia passou por elas no pátio da estação; devia ter se escondido, à espera, só para ultrapassá-las, pois a primeira classe ficava na frente da segunda.

— Esta não é a famosa Alicia Marshall? — Indagou Una.

— É ela sim.

Una produziu um som intraduzível.

— O que você acha dela?

— Vistosa e exibicionista. Você sabe o que acontece com as mercadorias que ficam expostas nas vitrines, não sabe?



— Faço uma ideia, mas quero ouvir de você.

Una deu um risinho abafado.

— Querida, elas *fenecem*! Pela exposição constante à luz do dia. Não dou a ela mais do que um ano. Depois disso, não haverá cordão de espartilho

que lhe segure o corpo em boa forma. Vai engordar muito, ficar preguiçosa e com um gênio insuportável. Acho que vai casar com um garoto. É pena. O que precisa é de um homem que a faça trabalhar muito e a trate como se fosse lixo.

— Receio que o pequeno Willie, coitado, seja fraco demais — murmurou Missy, não entendendo por que Una achou o comentário tão engraçado.

Aliás, Una teve vários acessos de riso enquanto percorriam de bonde a Castlereagh Street, mas recusou-se a contar a Missy o motivo, e ao chegarem ao edifício da Macquarie Street, onde o cardiologista tinha consultório, Missy desistiu.

Às dez em ponto, a enfermeira do dr. George Parkinson, muito cheia de pose, mandou Missy entrar numa sala cheia de biombos imaculadamente limpos e brancos. Foi-lhe dito para tirar a roupa toda, inclusive os calções, vestir um robe branco que lhe cobria o corpo esquelético e deitar-se na cama, para esperar o doutor.

“Que jeito esquisito de conhecer alguém”, não pôde deixar de pensar Missy quando o dr. Parkinson debruçou-se sobre ela. Missy tentou imaginar como seria o médico quando suas narinas cabeludas não fossem a parte mais proeminente de seu rosto. Com a enfermeira em silêncio ao lado, ele deu pancadinhas no peito de Missy, olhou fixo para seus pobres seios pouco desenvolvidos com a maior indiferença, auscultou-lhe o coração, os pulmões com um estetoscópio mais polido do que o do dr. Hurlingford, tomou-lhe o pulso, enfiou-lhe uma espátula na garganta até provocar náuseas, apalpou-lhe o pescoço, dos dois lados, debaixo do queixo, com dedos duros e impacientes, depois apertou com os dedos a barriga retraída.

— Exame de toque, enfermeira — ordenou.

— Qual? — perguntou a enfermeira.

— Os dois.

Os exames de toque fizeram Missy se sentir como se estivesse sendo submetida a uma cirurgia sem os benefícios do clorofórmio, mas o pior ainda estava por vir. O dr. Parkinson virou-a bruscamente de costas e foi dando pancadas e vasculhando sua coluna, vértebra por vértebra, até o ponto de onde se projetavam as omoplatas, qual asas patéticas; nesse momento, resmungou várias vezes.

— Ahah! — exclamou, como se tivesse achado um tesouro.

Sem qualquer aviso prévio, o médico e a enfermeira agarraram Missy pela cabeça, pelos tornozelos e pelos quadris. O que fizeram foi tão rápido que Missy não conseguiu perceber nada, além de um estalar de ossos doloroso e traumatizante, mas apavorante porque ela o ouviu dentro e fora dela.

— Pode se vestir, agora, srta. Wright, depois venha para a outra sala — dirigiu-se em seguida para lá, com a enfermeira ainda de plantão.

Abalada e sentindo-se completamente insignificante, Missy fez o que o médico mandara.

Depois disso, a fisionomia do médico tornou-se agradável; seus olhos azuis, brilhantes, eram bondosos e atentos.

— Bem. srta. Wright, pode voltar para casa — falou o médico, pegando uma carta que estava sobre a mesa com uma porção de outros papéis.

— Eu estou bem? — perguntou Missy.

— Perfeitamente. Não há, em absoluto, nada de errado com o seu coração. A senhorita teve um nervo pinçado no alto da coluna, e as grandes caminhadas que fez provocaram um protesto vigoroso. Isso é tudo.

— Mas... eu não conseguia respirar — murmurou Missy consternada.

— Pânico, srta. Wright, pânico! Quando um nervo é repuxado, a dor é violenta; no seu caso, pode até ter inibido parte da musculatura encarregada da respiração. Na verdade, porém, não há por que se preocupar. Manipulei sua coluna e isto a conservará firme, se diminuir um pouco o passo em suas caminhadas de grandes distâncias. Se não ficar boa, sugiro equipar-se com uma espécie de barra para colocar o queixo, pedir a alguém que lhe amarre alguns tijolos em cada pé e então tentar pendurar-se com o queixo na barra e o peso nos pés.

— E não há nada de errado comigo?

— Está desapontada, é? — perguntou o dr. Parkinson, percebendo a decepção de Missy. — Vamos, srta. Wright! Por que cargas-d'água preferia um problema de coração, no lugar de um nervo pinçado?

Era uma pergunta a que Missy não queria responder. Como poderia morrer nos braços de John Smith com um nervo pinçado? Era tão romântico quanto ter espinhas.

O dr. Parkinson recostou-se na cadeira e olhou para ela pensativo, batendo com a caneta no mata-borrão. Era evidente que se tratava de velho hábito seu, pois o mata-borrão estava cheio de pontinhos azuis; talvez por se sentir enfastiado, começara a juntar os mais afastados, formando um desenho sem sentido.

— Menstruação — aparentemente, sentiu-se na obrigação de animá-la, investigando tudo. — Qual a frequência de sua menstruação?

Ela corou e teve raiva de ter corado.

— Mais ou menos de seis em seis meses.

— Perde muito sangue?

— Não, muito pouco.

— Tem dores? Câibras?

— Não.

— Hum — fez ele, começando a unir alguns pontos. — Dor de cabeça?

— Não.

— Costuma ter desmaios?

— Não.

— Hum — franziu tanto os lábios que o de cima chegou a tocar a ponta do nariz. — Srta. Wright — falou afinal —, o que realmente a aflige só terá uma cura eficaz se arranjar um marido e tiver um par de bebês. Duvido que tenha mais de dois, porque não me parece que vá engravidar fácil, mas na sua idade já está na hora de começar.

— Se pudesse achar alguém que quisesse começar, doutor, eu começaria, pode crer — desabafou Missy com acrimônia.

— Peço que me desculpe.

Neste preciso e desconfortável momento, a enfermeira pôs a cabeça na porta e fez um sinal para o médico.

O médico levantou-se imediatamente, falando já de longe:

— Com licença.

Missy ficou sentada, imóvel na cadeira, talvez por um minuto, calculando se devia sair na ponta dos pés, mas resolveu aguardar uma despedida oficial. O nome do dr. Neville, no alto de uma carta que achava sobre a mesa, chamou sua atenção, a meio caminho entre uma constelação de pontos unidos e um agrupamento de pontos soltos. Quase independente de qualquer ordem do cérebro, a mão de Missy apanhou a carta, que dizia:

Caro George.

Talvez estranhe que, após passar seis meses sem mandar uma única paciente para você, eu mande agora duas na mesma semana. Mas esta é a vida — e a minha regra —, em Byron. Esta carta é para apresentar Missy Wright, uma pobre solteironazinha que teve, pelo menos, um acesso de dor no peito e falta de ar após uma caminhada longa e agitada. O único ataque verificado poderia sugerir histeria, não fora o fato de a paciente ter perdido a cor e ficado suada. Contudo, seu retorno ao normal foi espantosamente súbito, e quando a examinei, pouco depois, não encontrei sequela de espécie alguma. Suspeito, mesmo, de histeria, uma vez que a vida que leva justificaria este diagnóstico. Tem uma existência estagnante e cheia de privações (ver o desenvolvimento do busto). Mas, para não ter dúvidas, quero que você a examine, para excluir qualquer possibilidade de doença séria.

Missy repôs a carta no lugar e fechou os olhos. Todo mundo a olhava com pena e desdém? Como poderia o orgulho competir com tanta pena e desdém tão bem-intencionados? Como a mãe, Missy era orgulhosa. “Existência estagnante.” “Cheia de privações.” “Pobre solteironazinha.” “Para excluir qualquer possibilidade de doença séria!” Como se estagnação, privação e celibato não fossem doenças sérias!

Abriu os olhos, surpresa por descobrir que não havia uma lágrima neles. Em vez disso, estavam brilhantes e secos de raiva, e começaram a vasculhar a confusão da mesa do dr. Parkinson, para ver se entre os papéis havia pelo menos o começo de um relatório sobre seu caso. Achou dois relatórios sem nomes. Num deles, em todos os itens tinha sido acrescentada a palavra “normal”, no outro vinha uma relação de infelicidades, todas relacionadas com o coração. Descobriu também o começo da carta ao dr. Hurlingford:

Caro Neville.

Muito obrigado por me indicar à sra. Anastasia Gilroy e à srta. Wright. Tenho certeza que você não se importará se lhe mandar minha opinião acerca de ambas as pacientes nesta única...

Terminava assim. A sra. Anastasia Gilroy? Após ter passado em revista mentalmente alguns dos rostos de Byron que não pertenciam à família, lembrou-se de uma mulher de aspecto doentio, mais ou menos de sua idade, que morava num chalé em ruínas perto da fábrica de garrafas, casada com um bêbado, do qual tinha vários filhos pequenos e malcuidados.

O segundo relatório, então, era sobre a sra. Gilroy? Missy pegou-o, tentando decifrar os termos médicos e símbolos que enchiam a primeira metade do papel. A parte final, porém, era bastante clara, até para ela. Nela estava escrito:

Não posso oferecer tratamento capaz de mudar ou modificar os prognósticos. A paciente sofre de uma forma avançada de cardiopatia valvular múltipla. Se não surgir outra deterioração cardíaca, dou-lhe seis meses a um ano de vida. No entanto, não vejo qualquer vantagem em recomendar-lhe repouso, pois julgo que a paciente ignorará tal orientação, dada sua natureza e as condições domésticas.

A sra. Gilroy? Se o nome estivesse no papel! Mas seria dela, não iria na carta ao dr. Hurlingford. Não havia outros relatórios, no meio da confusão. Ah, por que não era de Missy Wright o relatório da doença cardíaca? A morte, que fora afastada dela, parecia-lhe de súbito muito doce e desejável. Não era justo! A sra. Gilroy tinha uma família que precisava desesperadamente dela. Enquanto de Missy Wright ninguém precisava desesperadamente.

Ouviu vozes do outro lado da porta. Dobrou o relatório que tinha na mão bem dobradinho e guardou-o na bolsa.

— Minha cara srta. Wright, sinto muitíssimo — o dr. Parkinson entrou afobado, trazendo uma lufada de vento suficiente para fazer voar os papéis que estavam sobre a secretária em todas as direções. — A senhorita pode ir, pode ir! Aguarde uma semana, depois volte ao dr. Hurlingford, está bem?

Sydney era mais quente e mais úmida do que as Montanhas Azuis, e o dia estava agradável e claro. Ao chegar na Macquarie Street, ao lado de Una, Missy pestanejou por causa da claridade.

— Quase onze e meia. Vamos vender as ações agora? O endereço é Bridge Street, a primeira travessa — sugeriu Una.

Assim fizeram, e foi muito fácil. Entretanto, o pequeno escritório e o empregado carrancudo não deram a menor pista para identificar o misterioso comprador: o mais intrigante da história foi receberem em moedas de ouro, em vez de papel moeda. E quatrocentas moedas de ouro pesavam demais, como descobriu Missy ao pô-las na bolsa.

— Não podemos continuar andando com este peso todo, por isso sugiro almoçarmos no Hotel Metropole. Fica perto daqui. Em seguida tomamos o bonde para a Central e chegamos a tempo em casa — propôs Una.

Missy nunca entrara num restaurante, nem mesmo no salão de chá de tia Julia, nem jamais estivera no Hurlingford Hotel. O amplo e luxuoso Metropole deixou-a extasiada, com seus lustres de cristal e colunas de mármore: também lhe lembrou a casa de Aurelia, porque era silencioso e cheio de palmeiras em grandes vasos. Quanto à comida, Missy jamais provaria algo tão delicioso quanto a salada de lagostim que Una pedira para ela.

— Acho que eu conseguiria até engordar, se todos os dias comesse coisas como esta salada — comentou Missy.

Una riu, não com ar de piedade, mas de real compreensão.

— Coitada, você só viu a vida passar, não foi? Já por mim ela passou como um trem em alta velocidade. Bum, zás, tchibum! e lá está a nossa Una de cara na água. Mas, ânimo, querida, vamos! A vida não vai continuar passando por você, prometo. Lembre-se de que araruta também tem seu dia de mingau. Apenas não permita que a vida a atropele, o que também não é muito fácil de se conseguir.

Missy teria gostado de dizer a Una o quanto gostava dela, mas sua timidez não o permitia; preferiu mudar o assunto da conversa.

— Você não me perguntou o que disse o médico.

Os olhos azuis de Una brilharam.

— O que foi que ele disse?

Missy suspirou.

— Que meu coração é forte como um sino.

— Tem certeza?

Missy sabia o que Una estava querendo dizer, por isso riu.

— Está bem, ele está bastante afetado. Mas não é por doença.

— Pois eu acho que é a doença mais séria do mundo.

— Não pelos livros de medicina.

— Se você gosta tanto de John Smith, por que não demonstra isso a ele?

— *Eu?*

— É, querida, você mesma! Sabe, seu principal problema é que você cresceu pensando como toda a cidade: se você não se parece nem age como Alicia Marshall, nenhum homem se interessará por você. Só que Alicia, minha querida, não conquista qualquer homem que a veja! Ainda há muitos homens que sabem escolher e têm discernimento, e eu sei que John Smith é um deles. — Una sorriu, maliciosa.

— Na verdade, acho que você combinaria perfeitamente com John Smith.

— Ele é casado?

— Já foi, mas agora é livre, a mulher dele morreu.

— Ah! Ela era... era bonita?

Una refletiu um pouco.

— Bem, eu gostava dela, de qualquer modo. Mas havia muita gente que não gostava.

— Ele gostava?

— No começo acho que sim, mas no fim já não tanto.

— Ah.

Una pagou a conta, sem ligar para os protestos de Missy.

— Sua transação, nesta manhã, não lhe deu lucro nenhum. A minha me rendeu, líquidos, cem maravilhosas libras que pretendo esbanjar como uma amante do rei. Além do mais, fui eu que a convidei para o almoço.

Na esquina onde esperavam pelo bonde, havia uma refinadíssima loja de modas, mas, para surpresa de Missy, Una não lhe deu atenção.

— Em primeiro lugar, querida, cem libras não comprariam um esfregão nessa loja — explicou Una. — Além disso, os vestidos são tão sem graça quanto caros. E ela não vende vestidos vermelhos! É respeitável demais.

— Um dia ainda terei um vestido e um chapéu de renda vermelha — afirmou Missy com plena convicção —, sem me importar se vou parecer respeitável ou não.

— E a conclusão é essa: eu não tenho qualquer problema cardíaco. Meu coração está em perfeitas condições.

Os dois rostos pálidos que fitavam Missy com apreensão acalmaram-se imediatamente.

— Ai, que boa notícia! — exclamou Octavia.

— Então qual foi o problema? — Indagou Drusilla.

— Tive um nervo pinçado na coluna.

— Meu Deus! Quer dizer que não tem cura?

— Não é isso. O dr. Parkinson acha possível que tenha me curado. Quase me arrancou a cabeça fora. Ouvi um estalar horrível de ossos e agora devo estar curada. Ele chamou de manipulação o que fez, se não me engano. Mas disse que se eu tiver mais algum acesso de dor, vocês devem me amarrar uns tijolos nos pés para que eu fique pendurada pelo queixo numa barra. — Missy fez uma careta. — Só pensar nisso cura qualquer mal-estar. — Teve que fazer um grande esforço para pôr a sacola em cima da mesa. — Aqui está uma coisa muito importante, olhem! — Tirou da sacola quatro cilindros muito bem embrulhados. — Cem para você, mamãe, tudo em ouro. O mesmo para tia Octavia, para tia Cornelia e para tia Julia.

— É um milagre — falou Drusilla.

— Não. É um ato de justiça tardia — retrucou Missy. Agora você pode comprar a máquina de costura, não pode?

A prudência e o desejo entraram em conflito no peito de Drusilla, até que ela resolveu fazer uma pausa antes de decidir.

— Eu disse que pensaria nisto e vou pensar.

Na hora de deitar, Missy estava sem sono, apesar do inusitado esforço despendido naquele dia; permaneceu satisfeita, deitada, no escuro, pensando em John Smith. Então ele fora casado, mas a mulher morrera. Com certeza não tinham tido filhos, ou pelo menos ficavam pouco tempo com ele. Isto era triste, como também era triste ele não ter gostado da esposa até o fim do casamento, como dissera Una. Missy chegou à conclusão de que os casamentos realizados em Sydney não eram felizes, tendo em vista o de Una com Wallace e o de John Smith. Pelo menos a esposa de John Smith não tivera o estigma do divórcio; nessa hora, Missy se perguntou, pela primeira vez na vida cheia de convenções a que estava acostumada, se o divórcio não seria preferível à morte.

Por volta de meia-noite, fizera todos os seus planos e estava decidida. Era o que faria, e seria no dia seguinte. Afinal de contas, o que teria a perder? Se seu esquema não desse certo, teria apenas que viver mais 33 anos da mesma maneira que vivera os primeiros 33. É claro que valia a pena tentar.

Em algum ponto de sua mente quase adormecida surgiu um pensamento em defesa de John Smith, a vítima que não suspeitava de nada. Seria justo? A resposta foi afirmativa. Missy virou para o lado e dormiu sem apreensões.

Drusilla resolveu ir para Byron sozinha com as quatrocentas libras; saiu às nove horas, na manhã seguinte, com a pesada sacola parecendo leve, como se levasse penas. Estava muito feliz, não só por si própria, mas também pelas irmãs. Nas últimas semanas, a sorte batera à sua porta mais vezes do que nos últimos quarenta anos, e começava a se atrever a esperar que a sorte era um filete d'água formando um riacho, não um pouco d'água entornada na areia. “Mas não será só para mim”, prometeu a si própria. “Tenho que garantir, de algum modo, que será para *todas* nós.”

Enquanto Octavia, feliz, lidava na cozinha, Missy embrulhou em silêncio seu escasso guarda-roupa e enfiou-o na bolsa de viagem já deformada, que servia a todas as damas de Missalonghi nas raras ocasiões em que haviam precisado viajar. Deixou um bilhete para a mãe em cima da cama e em seguida saiu pela porta da frente, atravessou o caminho que levava ao portão e, na rua, virou para a esquerda, em vez de virar para a direita.

Desta vez não explorou timidamente a descida para o vale de John Smith; desceu decidida, com um objetivo, usando uma vara forte e a bolsa de viagem para se equilibrar nos cascalhos traiçoeiros. No fim do deslizamento, o caminho ficou mais fácil, à medida que a estrada mergulhava nos flancos arborizados, abaixo do penhasco. Ali não era tão frio quanto imaginara, porque os taludes, lá no alto, recebiam o impacto do vento; embaixo, no chão do vale, tudo era calmo e parado.

A uns seis quilômetros do início do declive, o arvoredado não muito espesso se transformava em mata densa, com trepadeiras, plantas rasteiras e fetos arbóreos, além de muitos tipos de palmeiras. Havia arapongas por toda parte, mas por mais que as procurasse, Missy não conseguia vê-las, apesar de seus pios encherem o espaço com um delicadíssimo repicar de sinos de prata, agudo, claro e misterioso, que não parecia ser produzido por aves. Outros cantos de pássaros se entrelaçavam ao bimbalar de sinos: longos gorgeios de pegas, alegres trinados de minúsculas pombas de leque que esvoaçavam a alguns centímetros de seu rosto, parecendo querer dar-lhe boas-vindas ao seu *habitat*.

A terceira hora de caminhada era muito úmida; o sol mal conseguia atravessar o dossel de folhas, e o caminho era escorregadio, coberto de musgo, lama e detritos da floresta. Quando a primeira sanguessuga caiu em cima dela, Missy, grudando imediatamente o corpo viscoso e coleante na sua mão, seu primeiro impulso foi gritar e sair correndo sem rumo, feito louca, especialmente depois de ver que todos os esforços para desalojar o verme se tornavam inúteis. Obrigou-se a ficar paralisada, em absoluto silêncio, até os pêlos do pescoço e dos braços voltarem ao normal; então fez a si mesma uma preleção: se aquelas coisas medonhas viviam na floresta de John Smith, ela devia enfrentá-las de um modo que não a diminuísse aos olhos dele, fazendo-a passar por tola. A sanguessuga começou a sugar-lhe o sangue, e como Missy descobriu, ao sentir-se sugada em outras áreas expostas de seu corpo, pescoço e rosto, irmãs da vampira haviam se juntado a ela. Desgraçadas! Não a deixariam em paz! Resolveu andar, na esperança de encontrar menos sanguessugas do que ficando parada onde estava, no que acertou. Depois de repleto, o primeiro verme se soltou e caiu pesado no chão, seguido pelos outros. Missy aprendeu então que, se estancasse as feridas, como pretendia, elas continuariam sangrando. Que belo aspecto devia ter ela nessa hora! Coberta de sangue. Lição número um acerca de sonho *versus* realidade.

Logo depois começou a ouvir o som do rio a distância. A coragem de Missy começou a esvaír-se com a rapidez com que sangravam as feridas; era preciso mais resolução e força de vontade para andar esses poucos metros do que para organizar a expedição toda.

Lá estava ela, na curva seguinte. Uma cabaninha baixa, com paredes de taipa, telhado de ripas de madeira e um puxado de um dos lados que parecia de construção recente. No entanto, a chaminé era de arenito e dela saía um tênue fio de fumaça que manchava o azul perfeito do céu. Então ele estava em casa!

Como não pretendia apanhá-lo de surpresa, parou na beira da clareira e

chamou-o várias vezes pelo nome, em voz alta. Dois cavalos, que pastavam num curral afastado, levantaram a cabeça para olhar para ela com curiosidade, voltando logo a seguir à tarefa inacabada de comer, mas de John Smith não havia sinal. Pelo jeito devia estar em algum lugar longe da casa. Missy sentou-se num toco de árvore cortada e ficou esperando.

A espera não foi longa, pois ele voltou pouco antes de uma hora, assobiando alegre, para almoçar. Mesmo depois de entrar na clareira, não viu Missy, sentada do outro lado, enquanto se dirigia para o lado do rio que caía em cachoeira barulhenta atrás da cabana.

— Sr. Smith! — chamou ela.

Ao se aproximar dela, encarou-a com o maior mau humor, não havia em seu olhar o menor vislumbre de boas-vindas.

— O que está fazendo aqui?

Missy tomou fôlego. Precisava de muito ar, era agora ou nunca.

— Quer casar comigo, sr. Smith? — perguntou ela, pronunciando bem claro as palavras.

A zanga dele foi substituída por uma indisfarçável vontade de rir.

— A caminhada é longa. É melhor vir tomar uma xícara de chá, srta. Wright — falou ele, com o olhar irrequieto. Um dedo tocou de leve no sangue que Missy tinha no rosto. — Sanguessugas, não? Estou surpreso que tenha conseguido chegar até aqui.

Segurando-a pelo cotovelo, levou-a num passo tranquilo pela clareira, sem dizer uma palavra, apenas disfarçando o riso. A cabana não tinha varanda, o que era pouco comum nessa parte do mundo; o chão, constatou Missy ao entrar na obscuridade da cabana, era de terra batida, e os acessórios, espartanos. Para residência de um homem solteiro, porém, estava muito limpa e arrumada, sem louça suja, sem desmazelo. Um fogão de ferro fundido ocupava metade da chaminé, e uma lareira aberta a outra metade; havia uma bancada de madeira para lavar a louça, bem como uma mesa comprida talhada grosseiramente e duas cadeiras de cozinha. Ele fizera a cama com tábuas, tendo em cima o que pareciam ser três colchões empilhados e um acolchoado de penas que devia mantê-lo agasalhado em qualquer época do ano. Um couro de vaca esticado numa armação de madeira servia de espreguiçadeira, e a roupa dele ficava pendurada em cabides de madeira pregados na parede perto da cama. Não havia cortinas na janela, cujos vidros pareciam ter sido colocados recentemente.

— Para que cortinas? — falou Missy em voz alta.

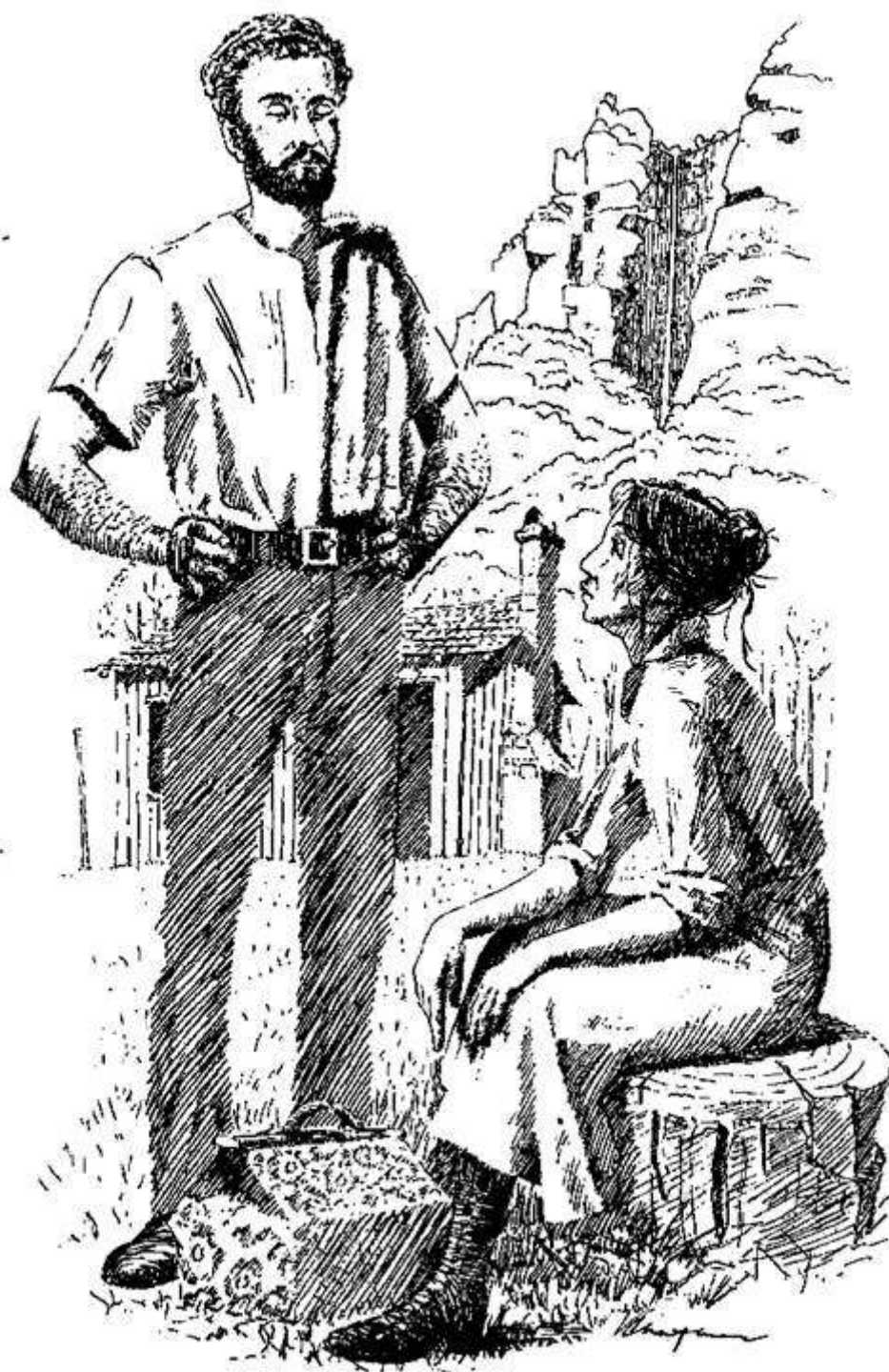
— O quê? — enquanto acendia dois lampiões a querosene, com um papel torcido que acendera no fogão, ele olhou para ela.

— Que maravilha, morar numa casa que não precisa de cortinas — explicou Missy.

Ele colocou um lampião sobre a mesa, e outro num caixote de laranjas ao lado da cama; em seguida foi tratar de fazer o chá.

— A luz é suficiente, mesmo sem os lampiões — observou Missy.

— Está sentada junto à janela, srta. Missy, e eu quero ver seu rosto na luz.



Missy ficou em silêncio, o olhar vagando por toda a cabana, de John Smith para a habitação e de volta para ele. Como de costume, ele cheirava a limpo, embora a poeira e a terra que trazia na roupa demonstrassem ter ele estado fazendo trabalho pesado a manhã toda, o que era confirmado por uma escoriação extensa mas superficial nas costas da mão esquerda e no pulso.

Serviu o chá em canecas esmaltadas, e os biscoitos ainda na própria lata enfeitada; fez tudo sem pedir desculpas e sem qualquer constrangimento.

Depois de servi-la e ver que não queria mais nada, levou a caneca e um punhado de biscoitos para a espreguiçadeira de couro, que puxou para bem perto de Missy, ficando frente a frente com ela.

— Por que cargas d'água, srta. Wright, há de querer casar comigo?

— Porque o amo! — declarou Missy com uma inflexão de espanto na voz.

A afirmação deixou-o confuso; como se de repente não quisesse que ela visse o que poderiam mostrar seus olhos, desviou o olhar para a janela atrás dela, franzindo a testa.

— Isso é ridículo — falou afinal, mordendo o lábio.

— Eu diria que é óbvio.

— Não se pode amar alguém que nem mesmo se conhece, mulher! É ridículo.

— Sei a seu respeito o suficiente para amá-lo — falou Missy prontamente. — Sei que é bom. É forte de caráter. É limpo. É diferente. E deve ter... deve ter muita *poesia* dentro de si para querer viver num lugar como este.

Ele pestanejou

— Jesus! — exclamou rindo. — Confesso que é o mais interessante rol de virtudes que já tive o privilégio de ouvir. A de que mais gostei foi a de ser limpo.

— É importante — afirmou Missy muito séria.

Por um instante deu a impressão de que ia continuar achando divertido, mas com algum esforço tornou-se ponderado e disse:

— Receio não poder casar com a senhorita.

— Por quê?

— Vou lhe dizer o porquê — começou ele, rescostando na espreguiçadeira. — Está olhando para um homem que, pela primeira vez na vida, encontrou a felicidade! Se eu tivesse vinte anos, seria uma declaração boba, mas estou beirando os cinquenta, que significa que tenho direito a alguma felicidade. Estou finalmente fazendo tudo o que sempre quis fazer e nunca tive oportunidade, e estou sozinho! Sem mulher, sem parentes, sem dependentes de qualquer espécie. Nem cachorro. Só eu. E eu adoro isto! Ter que reparti-lo com alguém seria estragar tudo. De fato, vou colocar um imenso portão vermelho no alto da minha estrada, para manter todo mundo do lado de fora. Casamento! Nem morto!

— Não vou durar muito — falou Missy em voz baixa.

— Um dia já seria demais.

— Sei como se sente e digo isto com a maior sinceridade. Também tenho levado uma vida confinada, também tenho me impacientado com isto. Mas nem por um momento posso crer que a sua vida tenha sido tão estúpida, tão enfadonha e tão monótona quanto a minha. Ora, não quero dizer que tenha sido maltratada, nem que tenha tido um tratamento pior do que o das demais mulheres de Missalonghi, nada disso. Levamos todas a mesma vida estúpida e monótona. Mas estou cansada disso, sr. Smith! Quero viver um pouco antes de morrer! Pode entender isto?

— Droga, quem não entenderia? Mas se o que pretende é casar, por que não se empenha junto a algum viúvo ou solteiro de Byron? Deve haver

algun por aí. — John Smith se enclausurara numa concha, e sua dureza combinava com o que dizia; começou a pensar que poderia livrar-se daquela situação embaraçosa sem perder o amor-próprio nem a liberdade.

— Ah, seria um destino pior do que o de Missalonghi, não seria diferente. Eu o escolhi porque o senhor está vivendo exatamente como eu gostaria de viver: longe das pessoas, longe das casas, da vaidade e dos mexericos. Acredite em mim. Não tenho intenção de tolher sua liberdade, muito ao contrário, quero que me dê a minha! Não quero pôr um fardo nos seus ombros. Garanto que realmente o deixarei em paz a maior parte do tempo. E não será para sempre, prometo. Um ano, apenas um ano, que não custa a passar.

— Quer dizer que, após viver durante um ano o tipo de vida que deseja, vai voltar calada para a vida que detesta? — perguntou ele com ceticismo.

Missy ergueu o corpo magro com muita dignidade.

— Só tenho um ano de vida, sr. Smith.

Ele olhou para ela sentidíssimo, sabendo agora sobre ela tudo que precisava saber.

Missy, inflexível, aproveitou-se da vantagem.

— Compreendo muito bem sua relutância em dividir este paraíso; se fosse meu, também o guardaria com muito ciúme. Mas, por favor, procure ver a minha situação! Tenho 33 anos, e nunca tive sequer uma das coisas que a maioria das mulheres da minha idade têm garantidas ou nunca quiseram. Sou uma solteirona! É o pior destino que uma mulher pode ter, quando isto anda passo a passo com a pobreza e a falta de beleza. Se eu estivesse sujeita a um só destes dois infortúnios, talvez aparecesse alguém querendo casar comigo, mas ter os dois é ser completamente indesejável. Apesar disso, eu sei que se estas minhas desvantagens forem omitidas, tenho muito mais a oferecer que a maioria das mulheres, porque elas não precisam se esforçar para obter o que quero. O senhor só teria vantagens, pois me teria presa pelos laços da gratidão, tanto quanto pelos do amor. Eu gostaria de ter, neste exato momento, um meio de lhe mostrar que perderia muito pouco casando comigo; assim, nunca vai saber quanto ganharia. Tenho bom senso e não tenho ilusões a respeito da minha pouca importância. E tentaria, de todas as formas, ser a melhor companheira e a mais apaixonada.

Ele se levantou de súbito e foi postar-se na soleira da porta, olhando para fora, com as mãos entrelaçadas atrás das costas.

— Mulheres — começou ele. — Algumas são mentirosas, outras trapaceiras, cúmplices ou tolas. Não me importo de nunca mais na vida ver uma mulher. Quanto ao amor, não *quero* ser amado! Só quero ser deixado em paz! — John Smith pensava que este grito vindo do fundo da alma encerraria o assunto, e após refletir aduziu com aspereza: — Como vou saber se está dizendo a verdade?

— Bem — começou Missy —, seu nome não encabeça nenhuma lista de bons partidos de Byron! Já o taxaram de várias coisas pouco elogiáveis, desde ex-presidiário até excêntrico, e a opinião geral é que não é um homem rico. Por que haveria eu de mentir? — Abriu a bolsa, tirou o papel que apanhara na mesa do dr. Parkinson, levantou-se e foi ter com ele na porta. — Olhe aqui. Leia isto. Sabe que estou doente, porque presenciou meu primeiro ataque. Quando nos encontramos, no outro dia, contei que devia consultar um cardiologista. Bem, este é o relatório sobre o meu caso.

Roubei-o, em primeiro lugar, porque não quero que minha mãe e minha tia saibam que estou doente. Não quero que se preocupem comigo, não quero permanecer na cama, nem quero ser paparicada. Por isso, disse a elas que tive um nervo pinçado na coluna, e se eu puder evitar qualquer decepção para elas, é o que vão continuar pensando. Em segundo lugar, para mostrá-lo ao senhor. Sabia que ia perder-lhe que se casasse comigo e que o senhor precisaria de uma prova de minha sinceridade. Não há nome no relatório, a não ser a assinatura do médico, eu sei, mas se o observar com atenção, verá também que nada foi rasurado.

John Smith pegou o papel, leu-o rapidamente e virou-se para ela.

— Exceto pelo fato de ser magra demais, a senhorita me parece muito sadia — disse desconfiado.

Missy pensou rápido e rezou para que ele não tivesse grandes conhecimentos de medicina.

— Ora, entre uma crise e outra sou bastante sadia! Meu problema não é do tipo que enfraquece, é mais como... é mais... é mais do tipo que causa pequenos colapsos. As válvulas... ficam entaladas... e... e quando isto acontece, o sangue deixa de circular. Presumo que é isto que vai acabar me matando. É tudo que sei... os médicos nunca contam tudo para a gente. Deve ser muito difícil para eles contar isso a um paciente. — Missy deu um suspiro profundo e começou a representar, com a desenvoltura de uma atriz. — Qualquer dia minha vida se apaga, como se fosse uma vela! — ergueu ansiosa os olhos para ele. — Não quero morrer em Missalonghi! — exclamou quase chorando. — Quero morrer nos braços do homem que amo!

Ele era um lutador, portanto tentou uma nova política.

— Que tal uma segunda opinião? Às vezes os médicos também erram.

— Para quê? — contrapôs Missy. — Se tenho apenas um ano de vida, não quero passá-lo andando de um médico para outro! — uma grande lágrima correu-lhe pela face, enquanto outras, ainda hesitantes, produziam um efeito notável e ameaçavam seguir a líder. — Oh, sr. Smith, quero ser *feliz* no meu último ano de vida!

Ele gemeu como um condenado.

— Pelo amor de Deus, mulher, não chore!

— Por que não? — soluçou Missy, catando o lenço na manga. — Acho que tenho todo o direito de chorar!

— Então chore! Dane-se! — gritou ele irritado, tendo chegado aos limites da tolerância, e saiu.

Missy ficou enxugando as lágrimas, seguindo-o com o olhar através delas; ele se dirigiu para o lado oposto da clareira e sumiu de vista. De cabeça baixa, Missy voltou para a cadeira e acabou de chorar, sem plateia que lhe desse atenção, a não ser uma mosca-varejeira. Depois disso, não sabia o que fazer. Ele ia voltar? Estaria escondido em algum lugar para vê-la ir embora?

Sentiu-se, de repente, muito cansada, desanimada demais. Fizera tudo aquilo sem resultado. “Chega de ouvir o encorajamento de Una. Chega de roubar relatórios médicos. Chega de mania de emancipação.” Deu outro suspiro. Nunca suspirara tanto, nem com tanto sentimento. Não adiantava ficar lá, não era querida.

Saiu devagar da cabana e fechou a porta. Passava das duas horas, e ela

tinha uma caminhada de cerca de dez quilômetros, toda montanha acima, toda de terreno difícil; escureceria antes que chegasse em casa.

— Srta. Wright!

Ela se virou com a esperança renovada.

— Espere, vou levá-la para casa.

— Obrigada. Posso andar. — Missy falou sem ressentimento, nem querendo parecer severa, apenas do seu jeito polido e inexpressivo.

Nesse ínterim, ele já a alcançara e a segurava pelo cotovelo.

— Não pode não. É tarde demais e a caminhada é muito árdua, principalmente para a senhorita. Sente aqui, enquanto atrelo os cavalos. — Fez ela sentar-se no mesmo toco de árvore em que esperara por ele.

Missy estava realmente muito cansada para enfrentar a caminhada, por isso não ofereceu contestação. Quando ficou pronto, ergueu-a e sentou-a na carroça, como se ela fosse uma criança.

— Isto só vem comprovar o que me tenho dito ultimamente — começou ele ao levar os cavalos para fora da clareira, em direção à picada. — Preciso de um veículo menor, de uma aranha ou um cabriolé. É um transtorno muito grande ter que usar dois cavalos e uma carroça, a não ser que se tenha uma carga pesada para levar.

— É, tem razão — concordou Missy inexpressiva.

— Está zangada?

Ela se virou para ele com uma expressão de surpresa.

— Não. Por que haveria de estar?

— Bem, não teve muita sorte, não é?

Missy riu sem graça, mas riu.

— Pobre sr. Smith, não entendeu nada.

— É óbvio que não entendi. Qual é a piada?

— Não tenho nada a perder. Nadinha!

— Pensou mesmo que conseguiria seu intento?

— Estava certa de conseguir.

— Por quê?

— Porque o senhor é o senhor.

— O que quer dizer com isto?

— Ora... que é muito bom. É uma pessoa honesta.

— Obrigado.

Depois falaram pouco; os cavalos caminhavam com dificuldade no caminho dentro da mata fechada, não entendendo, obviamente, por que estavam saindo de casa. Mas mesmo ao chegarem à estrada em ziguezague da encosta, se arrastaram sem protesto visível, o que para Missy significava que conheciam mais o dono do que o jeito de empacar. No entanto, ele não os maltratava, não usava o chicote; dominava-os com a força de vontade.

— Devo confessar que o que fez demonstra que não é uma Hurlingford — falou ele, sem mais nem menos, quando já estavam quase chegando.

— Não sou uma Hurlingford? O que o faz pensar assim?

— Uma porção de coisas. Para começar, seu nome. Seu tipo físico. O lugar remoto em que fica sua casa e a falta de dinheiro. Sua boa índole — pareceu relutar nesta última frase.

— Nem todos os Hurlingfords são ricos. Na verdade, sou Hurlingford por parte de mãe. Minha mãe e minha tia são irmãs de Maxwell e Herbert Hurlingford, e primas em primeiro grau de Sir William.

Virou-se para fitá-la enquanto ela falava, depois assobiou.

— Bem, isto é uma decepção! Um ninho de Hurlingfords no fim da Gordon Road, fazendo força para equilibrar o orçamento. O que aconteceu?

No resto do caminho, Missy regalou John Smith com a história da perfídia do primeiro Sir William, com a qual compactuavam seus descendentes.

— Muito obrigado — disse ele quando ela acabou. — Respondeu a uma porção de perguntas minhas e deu-me bastante o que pensar. — Parou os cavalos em frente ao portão de Missalonghi. — Pronto, aqui está, em casa, antes de sua mãe ficar preocupada.

Missy desceu sem esperar ajuda.

— Muito obrigada, caro sr. Smith. Mantenho o que disse... ainda o considero uma boa pessoa.

Em resposta, ele bateu no chapéu e abriu um sorriso, manobrando os cavalos para a volta.

Octavia achou o bilhete de Missy quando foi saber do paradeiro dela. Lá estava ele, muito branco sobre a colcha marrom, com apenas uma palavra escrita em cima: MAMÃE. Octavia ficou morrendo de medo. Bilhetes em que estava escrito MAMÃE nunca continham boas notícias.

Por conseguinte, assim que ouviu Drusilla abrir a porta da frente, precipitou-se para o *hall* com o bilhete na mão e os olhos azuis claros e salientes, prontos a deixar correr quantas lágrimas a nota exigisse.

— Missy foi embora e deixou este bilhete para você!

Drusilla franziu a testa sem se alarmar.

— Foi embora?

— *Foi embora!* Levou toda a roupa e a nossa bolsa de viagem.

Drusilla começou a sentir nas faces uma sensação desagradável, de espetadelas e estiramento; pegou a nota e começou a ler em voz alta, para que Octavia não tivesse dúvidas sobre o conteúdo.

Querida mãe

Por favor, perdoe-me por sair sem lhe falar, mas penso que é melhor você não saber o que estou planejando antes de ver se vai dar certo ou não. Provavelmente, voltarei amanhã ou depois, pelo menos para visitá-las. Por favor, não se preocupe. Estou bem.

Sua filha que a ama

Missy

Octavia deixou fluírem as lágrimas, mas Drusilla não chorou. Dobrou a carta e levou-a para a cozinha, onde a depositou com todo o cuidado ao

lado da lareira.

— Temos que chamar a polícia — propôs Octavia chorosa.

— Não faremos tal coisa — contradisse Drusilla, trazendo a chaleira para a frente do fogão. — Ai, preciso desesperadamente de uma xícara de chá!

— Mas Missy pode estar correndo perigo!

— Duvido muito. Não há nada em seu bilhete que demonstre qualquer tipo de loucura. — Sentou-se com um suspiro. — Octavia, seque de uma vez suas lágrimas! Os acontecimentos dos últimos dias me ensinaram que Missy é uma pessoa com quem se pode contar. Não tenho dúvidas de que amanhã ou depois vamos vê-la mesmo outra vez. Enquanto isso, não vamos mencionar a ninguém que Missy saiu de casa.

— Mas ela está em algum lugar, lá fora, sem uma alma que a proteja contra os homens.

— Pode muito bem ser que Missy tenha achado que era melhor não ser protegida contra os homens — replicou Drusilla, seca. — Agora faça o que pedi, Octavia, enxugue os olhos e providencie um chá para nós. Tenho uma porção de coisas para dizer a você que não têm nada a ver com o desaparecimento de Missy.

A curiosidade sobrepujou a angústia. Octavia pôs um pouco de água no bule do chá e colocou o bule perto do fogão.

— Então, o que é?

— Bem, dei a Cornelia e a Julia o dinheiro e comprei a máquina de costura.

— Drusilla!

E assim ficaram as duas mulheres em Missalonghi, bebendo chá e discutindo os acontecimentos do dia em todos os detalhes, para depois voltarem à rotina de todos os dias, ao fim do que se recolheram aos respectivos quartos.

Drusilla, antes de dormir, ajoelhou-se e rezou.

— Meu Deus, por favor, ajude e proteja Missy; livre-a de todo o perigo e dê-lhe força nas adversidades. Amém.

Em seguida deitou-se na cama, a única de casal, por ter sido a única mulher casada da casa. Mas passou-se algum tempo antes que conseguisse adormecer.

O órgão salvou Missy de ser ouvida na hora em que John Smith foi deixá-la em casa. Ninguém ouviu o barulho da carroça, nem os passos furtivos de Missy pelo lado da casa, atravessando o quintal em direção ao estábulo. Não havia um lugar onde pudesse esconder-se. Conseguiu enfiar a bolsa de viagem debaixo de um saco de forragem, depois trocou o estábulo pela proteção do pomar até sua mãe ter ordenhado a vaca. Buttercup, que naturalmente conhecia o andar de Missy, começou a mugir queixosa quando ela chegou, mas antes que ficasse agitada demais, Drusilla chegou com o balde.

Missy encolheu-se atrás da macieira de tronco mais grosso, fechou os olhos e desejou que uma doença do coração bem grave a atingisse, e que de preferência fosse tão súbita que a impedisse de ver a manhã seguinte.

Enquanto a noite não caiu de todo, Missy não se mexeu; foi o penetrante ar primaveril das Montanhas Azuis que a fez correr para o relativo calor do estábulo. Buttercup estava deitada, com os cascos escondidos sob o corpo, ruminando placidamente, satisfeita com os úberes vazios. Missy estendeu um saco limpo ao lado da vaca e se enrolou nele, recostando no animal.

É claro que devia ter-se armado de coragem e entrado em casa, mas quando tentara obrigar seus pés a subirem os degraus da varanda da frente, eles se negaram. Como dizer à mãe que propusera casamento a um homem e, para seu desgosto, fora rejeitada? A não ser esta, que outra história seria convincente? Missy não era criadora de histórias, era mera leitora delas. Talvez pela manhã pudesse contar a verdade, disse para si mesma, sentindo palpitações, triste e magoada por ter que fazê-lo; mas não seria pior então, após uma noite passada fora do teto de Missalonghi? Quem acreditaria que passara a noite com uma *vaca*! Entre de uma vez, sussurrou-lhe o anjinho da consciência; mas o diabinho que havia dentro dela não lhe permitiu achar a coragem necessária.

As lágrimas começaram a se amontoar e a cair, pois Missy estava de fato exausta, não tanto pelo exercício físico quanto pelo terrível esforço de vontade que a levava até John Smith.

— Ah, Buttercup, o que faço agora? — Missy chorava.

Buttercup apenas bufou.

Pouco depois Missy adormecia.

O galo de Missalonghi despertou-a uma hora antes do amanhecer, soando o clarim da viga que ficava bem acima da cabeça de Missy. Ela se levantou num pulo, confusa, para em seguida deixar-se cair junto ao seu travesseiro vivo, mais uma vez numa agonia dorida e atordoada. Não tinha fome nem sede. Que fazer? Ai, que fazer?

Mas quando amanheceu já decidira o que faria e levantou-se resoluta. Tirou da mala o pente e a escova, e penteou-se o melhor que pôde, mas quando acabou estava certa de uma coisa: cheirava a vaca.

Nenhum som vinha da casa quando passou se escondendo por ela; junto à janela do quarto da mãe ouviu sons fracos de roncos suaves. Estava salva.

Mais uma vez para o vale de John Smith, não com os sonhos encantados de ontem, não com a felicidade de ontem, quando nada parecia impossível e tudo parecia destinado a acabar bem. Desta vez Missy ia com pouca esperança, mas com uma determinação férrea; ele não persistiria em sua recusa, nem que fosse preciso dormir durante um ano inteiro no estábulo, com Buttercup como companheira, e descer todos os dias até o vale para perguntar de novo. Porque ela perguntaria outra vez amanhã se ele queria casar com ela, caso se negasse hoje, e perguntaria no dia seguinte e no outro...

Deviam ser umas dez horas quando enfim chegou à clareira da cabana; lá estava o mesmo rolo de fumo saindo da chaminé, mas, como no dia anterior, John Smith não estava lá. Sentou-se no toco da árvore para esperar.

Pelo jeito, ele também perdera o apetite. Passava do meio-dia e nem sinal dele; Missy estava resignada a esperar a tarde toda. O sol já se escondera há tempo atrás dos paredões altos e a luz sumia rapidamente, quando ele chegou. Estava mais sério do que no dia anterior, mas tão cego quanto da primeira vez em relação a Missy.

— Sr. Smith!

— Com mil demônios!

Aproximou-se do alto e ficou a olhá-la dali. Não estava zangado nem contente.

— O que veio fazer aqui de novo?

— Quer casar comigo?

Desta vez ele não a pegou pelo cotovelo para levá-la até a cabana. Quando ela se levantou, encarou-a, olhando fixamente dentro dos olhos.

— Alguém a está mandando aqui com esta finalidade?

— Não.

— Isto significa realmente muito para você?

— Para mim, significa, literalmente, a vida. Não vou para casa. Vou voltar todos os dias, para fazer a mesma pergunta.

— Está brincando com fogo, mocinha — advertiu ele, os lábios finos e severos. Não lhe ocorreu que um homem pode recorrer à violência se uma mulher não o deixa em paz?

O sorriso de Missy foi sereno, sublime e angelical.

— Alguns homens, talvez, não o senhor.

— O que espera ganhar, afinal? Que fará se eu disser que caso? É este o tipo de marido que quer, um homem que esgotou sua paciência a ponto de não saber o que fazer para ter sossego senão casar... ou estrangulá-la? — baixou o tom de voz, que ficou muito severo. — Neste vasto mundo, Missy Wright, vive um ser maligno chamado ódio. Eu lhe suplico, não o deixe liberar-se!

— Vai casar comigo?

Ele fez um trejeito com a boca, respirou forte pelo nariz e ergueu a cabeça, fixando o olhar por cima da cabeça dela, em algo que ela não podia ver, por um espaço de tempo que a ela pareceu um século. Depois encolheu os ombros e olhou para ela.

— Confesso que tenho pensado muito em você desde ontem e não consegui esquecê-la nem trabalhando pesado. Também me perguntei se não me estaria sendo oferecida uma expiação e se minha sorte poderia mudar, caso eu não aceitasse a oferta.

— Expição? Expição de quê?

— É apenas um modo de falar. Todos temos alguma coisa a expiar. Ninguém está totalmente isento de culpa. Obrigando me a aceitá-la, está criando um meio de me fazer expiar meus pecados, não entende?

— Entendo sim.

— E isto não faz diferença?

— Aceitarei qualquer coisa com a maior boa vontade, desde que venha do senhor.

— Está bem, então eu caso com você.

Todo o sofrimento e o entorpecimento de Missy desapareceram.

— Muito obrigado. Prometo que não se arrependerá.

Ele resmungou qualquer coisa.

— Você é uma criança, não uma mulher, talvez por isso eu tenha cedido em vez de estrangulá-la. Não posso, sinceramente, acreditar que você tenha alguma astúcia feminina. Apenas, nunca me dê razões para mudar de opinião.

Então pôs a mão debaixo do braço dela — o sinal de ir em frente.

— Só há uma coisa que eu quero pedir-lhe — falou Missy.

— O quê?

— Que nunca falemos na minha morte próxima, nem deixemos que ela influa no nosso comportamento. Quero ser livre! Não poderei ser livre se me lembrarem a toda hora, por palavras ou ações, que vou morrer.

— Combinado — concordou John Smith.

Não querendo forçar mais a sorte, pois sentia que fora um tanto além do que manda a prudência, Missy entrou na cabana e foi sentar-se calada numa das cadeiras da cozinha, enquanto John Smith circulava pela porta; depois parou, olhando para fora, para a tênue névoa azul da noite que caía na terra.

Missy observou em silêncio as costas dele, grandes e largas, e no momento muito expressivas. Após uns cinco minutos ela se aventurou a falar, baixo porém, para não incomodar.

— O que faremos agora, sr. Smith?

Ele sobressaltou-se, como se tivesse esquecido que ela estava lá, e foi sentar-se em frente a ela. Na obscuridade, o seu rosto ficava cheio de sombras, carregado, apagado, um pouco desanimado. Quando começou a falar, ficou mais animado, como se tivesse chegado à conclusão de que não havia por que se sentir mais infeliz do que a situação exigia.

— Meu nome é John — levantou-se para acender dois lampiões que pôs sobre a mesa, para poder ver o rosto dela. — Como em todas as transações importantes, vamos tirar uma licença e casar.

— Quanto tempo leva?

John Smith deu de ombros.

— Não sei se são exigidos proclamas. Alguns dias? Talvez antes, com uma licença especial. Enquanto isso, acho melhor levá-la para casa.

— Ah, não. Eu vou ficar aqui.

— Se ficar aqui, vai começar a lua-de-mel antes do tempo — advertiu ele, vendo surgir uma esperança. Boa ideia! Ela podia não gostar! Afinal de contas, muitas não gostavam. Ele poderia ser um pouco rude, sem violentá-la, só forçando um pouco; uma virgem na idade dela seria fácil assustar. Nessa hora, ele cometeu o erro de olhar para ela para ver sua reação. E lá estava ela, uma pobre coisinha à morte, olhando para ele com uns olhos muito arregalados, cega por uma louca afeição, como um cachorrinho perdido de amor. O coração adormecido de John Smith despertou, ele sentiu uma dor amarga e inusitada. Na verdade, a presença dela o perseguira o dia todo, por mais que ele se esforçasse em espantar a imagem, trabalhando muito para tirá-la da cabeça. Ele tinha seus segredos, alguns tão bem enterrados que poderia dizer a si mesmo que nunca os tivera, que estava renascendo com todo o frescor e a nudez de uma vida recomeçada. Mas o dia todo alguma coisa o beliscara, roera ou sussurrara

em seu ouvido, e o prazer total que encontrava no vale se desvanecera. Talvez ele tivesse que expiar alguma coisa, e ela lhe tivesse sido enviada para isso. Só que, honestamente, não tinha o que expiar por tanto tempo, de um modo tão desalentador. Não tinha. Ah, não tinha mesmo!

Talvez ela não gostasse da experiência. Leve-a para a cama, John Smith, mostre-lhe a região inculta do corpo, cubra-a com seu corpo de má vontade. É uma mulher.

Mas Missy gostou da experiência e demonstrou surpreendente aptidão. Mais um transtorno na sua vida, admitiu a contragosto John Smith, três horas mais tarde, quando ele e Missy se deitaram sem jantar. As surpresas não acabavam. Aquela balzaqueana virgem nascera para isso! Embora terrivelmente ignorante a princípio, não era tímida, nem envergonhada, e suas reações amorosas haviam lhe dado prazer, haviam-no tocado, haviam impossibilitado qualquer atitude cruel ou maldosa da sua parte. A atrevidinha! Nada de ficar estatelada, de pernas abertas! Quanta *vida* havia nela, apenas aguardando o momento de se manifestar. De repente, a ideia de que esta vida estava para se esgotar causou-lhe um choque; uma coisa era ter pena de alguém que ele mal conhecia, outra, muito diferente, era encarar o mesmo dilema com alguém que já conhecia intimamente. Este é o problema da cama. Dá a estranhos, em pouco tempo, uma intimidade que não teriam em dez anos de chás em salões formais.

Missy dormiu como uma pedra e acordou antes de John Smith, provavelmente porque o sono se esquivara dele por muito tempo, depois de ter dominado Missy. Ele tinha muitas coisas em que pensar.

Uma luz fraca filtrava-se através da janela. Missy saiu cautelosa da cama e tremeu de frio até tirar da mala o vestido. Como fora lindo! Mais realista do que suspeitava, ela esquecera a parte desagradável do início, recordando apenas as mãos grandes, tornadas ásperas pelo trabalho, que acariciavam, acalmavam e confortavam. Sentimentos e sensações, toques e beijos, calor e luz — ah, sim, fora maravilhoso!

Moveu-se pela cabana o mais silenciosa que pôde, acendeu o fogão, pôs a chaleira no fogo. Mas sua atividade acordou John e ele saiu da cama sem se preocupar com a própria nudez; Missy teve então a oportunidade sem par de observar as diferenças anatômicas existentes entre o homem e a mulher.

Mais deliciosa ainda foi a reação dele ao deparar com ela. Foi para perto dela, envolveu-a em seus braços, balançando-a de leve, ainda meio adormecido, apoiando-se nela e roçando a barba em seu pescoço.

— Bom dia — sussurrou Missy, sorrindo e beijando-o no ombro.

— Bom dia — murmurou ele, evidentemente satisfeito com a reação dela.

Ela estava faminta, pois não comia praticamente há dois dias.

— Vou preparar o café.

— Que tal um banho? — ele parecia mais acordado, mas não procurou afastar-se dela.

Ele podia estar sentindo o cheiro de Buttercup! Coitado! A fome ainda ia esperar um pouco mais.

— Ah, sim, boa ideia. Por acaso, haveria também um sanitário?

— Calce os sapatos.

Enquanto ela calçava as botas sem amarrá-las, ele remexeu um baú de onde tirou duas toalhas, grosseiras e gastas, mas limpas.

A clareira brilhava com a geada, ainda na sombra, mas quando olhou para cima, Missy viu que os paredões de arenito do vale já refletiam o brilho vermelho do nascer do sol e o céu tinha a radiação opaca e leitosa da pérola — ou da pele de Una. Pássaros piavam e cantavam por toda parte, nunca tão dispostos a cantar quanto ao alvorecer.

— O sanitário é um tanto primitivo — avisou ele apontando para um lugar onde fizera um grande buraco e colocara algumas pedras em volta para servirem de assento, com jornais socados numa caixa para ficarem secos. Ele não pensara em paredes nem teto.

— É o sanitário mais bem arejado que já vi — brincou ela.

Ele deu um risinho satisfeito.

— É carta ou telegrama?

— Telegrama, obrigado.

— Então espero por você lá adiante — John apontou para o lado oposto à clareira.

Quando, um minuto depois, Missy foi ao seu encontro, já tremia por antecipação, só de pensar num mergulho na água gelada do rio. Será que o meu tiro não me sai pela culatra, pensou Missy, e não vou cair morta numa dessas pedras, com o choque?

Mas em vez de levá-la para o lado do rio, John Smith levou-a para um bosque de samambaias tropicais e clematites selvagens com levíssimas flores brancas. Lá, diante dela, estava o banheiro mais lindo do mundo: um jorro de água morna escorria de uma fenda entre duas rochas, no alto de um declivezinho de pedra, e caia, muito tênue para ser chamado de cachoeira, numa grande bacia coberta de musgo.

Missy tirou a roupa num instante e dois segundos depois pisava numa piscina de água cristalina, na temperatura do corpo humano. Gavinhas de vapor subiam langorosas para o ar frio. A pequena piscina natural tinha quase meio metro de profundidade e o fundo era de pedra lisa e limpa. E não havia sanguessugas.

— Devagar com o sabonete — avisou John Smith, apontando para um pequeno nicho junto à piscina, onde havia uma barra de sabonete fino. — É lógico que a água se renova, pois o nível da piscina sobe à medida que a água jorra, mas não facilite.

— Agora sei por que você está sempre limpo. — Missy pensava nos banhos de Missalonghi, com quatro dedos de água no fundo de uma banheira enferrujada, uma chaleira de água quente e um balde de água fria. E esta mísera e insuficiente ração de água era usada pelas três, sendo Missy a última, por ser a mais nova.

Sem a menor noção de como estava atraente, sorriu para ele e ergueu os braços, até os biquinhos acamurçados dos seios pequenos atravessarem a água.

— Você não vem? — perguntou em tom de sedutora profissional. — Há bastante espaço aqui.

Ele não esperou nova sugestão e pareceu ter esquecido a advertência feita sobre a produção de espuma, tão meticoloso foi em se assegurar de que todas as partes do corpo dela haviam sido devidamente exploradas

pelo sabão e pelas suas mãos. Ela também não achou que a meticulosidade dele tivesse algo a ver com Buttercup. Submeteu-se ronronante de prazer e insistiu em retribuir o serviço. Por isso, o banho levou mais de meia hora.

Depois do café ele começou a trabalhar.

— Deve haver um cartório de registros em Katoomba. Vamos lá pedir uma licença de casamento.

— Se você me deixar em Missalonghi e depois eu tomar o trem para Katoomba, acho que chego lá junto com você na sua carroça — falou Missy. — Preciso ver mamãe, quero comprar mantimentos e devolver um livro à biblioteca.

Ele tomou um susto.

— Você não está planejando um grande casamento, está?

— Não! — acalmou-o Missy, rindo. — Só você e eu está ótimo. É que eu deixei um bilhete para mamãe, por isso quero ir falar com ela, para não deixá-la preocupada. E minha melhor amiga trabalha na biblioteca. Você se importaria se ela assistisse ao nosso casamento?

— Se você faz questão, muito bem. Todavia, quero avisá-la que, se conseguir convencer as autoridades, gostaria de acabar com isto hoje mesmo.

— Em Katoomba?

— É.

Casar de *marrom*! Teria que ser assim? Missy suspirou.

— Está bem. Mas você vai me prometer uma coisa.

— O quê?

— Que quando eu morrer, você me enterra com um vestido de renda vermelha. Ou, se não achar o vermelho, de qualquer outra cor, menos marrom.

John Smith ficou espantado.

— Você não gosta de marrom? Nunca vi você com outra cor.

— Eu uso marrom porque sou uma pobre respeitável. O marrom não deixa aparecer o sujo, nunca sai de moda, nunca desbota e nunca dá a impressão de barato, vulgar ou escandaloso.

John Smith riu e voltou ao que importava.

— Você tem uma certidão de nascimento?

— Tenho. Na mala.

— Qual seu verdadeiro nome?

A reação dela foi inesperada: ficou vermelha, mudou de posição na cadeira, falou entre dentes:

— Você não pode usar só Missy? Foi assim que me chamaram toda a vida, sério.

— Mais cedo ou mais tarde vou ter que saber seu nome. Vamos, desabafe! Não pode, com certeza, ser tão feio!

— Missalonghi.

Ele rompeu numa gargalhada.

- Você está brincando comigo!
- Bem que gostaria de estar.
- Tem o mesmo nome que a casa?
- Exatamente o mesmo. Meu pai achou que era o nome mais bonito do mundo, e ele detestava a mania dos Hurlingfords, de usar nomes latinos. Mamãe queria que fosse Camilla, mas ele insistiu em Missalonghi.
- Pobre bichinho!

Desta vez Missy pisou firme nos degraus da varanda e bateu na porta como se fosse visita.

Drusilla abriu a porta e olhou para a filha como se, de fato, ela fosse uma estranha. Decididamente, não havia nada de errado com ela. A verdade era que Missy parecia estar melhor do que nunca.

— Eu sei o que você andou fazendo, minha filha — disse Drusilla, enquanto a levava para a cozinha. — Você se deixou levar pelo que leu, e talvez esteja arrependida, não? Está de volta?

— Não, não estou de volta.

Octavia veio mancando ao seu encontro, e recebeu um beijo de cada lado, de uma Missy muito animada.

— Você está bem? — Octavia tremia, apertando muito perturbada as mãos de Missy.

— É claro que está bem — interveio Drusilla. — Basta *olhar* para ela, pelo amor de Deus!

Missy sorriu enternecida para mãe. Era tão estranho! Só agora, que rompera os laços com Missalonghi, percebia o quanto amava a mãe. Talvez agora, estando afastada, entendesse melhor as inquietações, as tristezas e dificuldades de Drusilla.

— Agradeço a você de todo coração, mamãe, por acreditar em mim e achar que sei o que faço.

— Com quase 34 anos, Missy, se não souber o que está fazendo, não há mais esperanças para você. Você tentou por muito tempo do nosso jeito. Quem poderá dizer que o seu jeito não é o melhor?

— Esta é a pura realidade. Mas o que me diz agora não se parece nada com a exigência que fazia sobre os livros que eu podia ler, ou a cor que eu devia usar.

— Você se conformou com muita docilidade.

— É, acho que sim.

— A gente tem o governo que merece, Missy, sempre.

— Se pensa assim, não acha que está mais do que na hora de você, as tias e todas as outras mulheres da família que não têm marido se juntarem e fazerem alguma coisa contra as injustiças e desigualdades clamorosas existentes?

— Desde que você nos contou como Billy mentiu para nós, Missy, tenho pensado nisso, palavra. Também tenho falado com Julia e Cornelia. Não existe lei, porém, que obrigue um homem ou uma mulher a deixar seus bens em partes iguais para todos os filhos, sejam, homens ou mulheres. A

meu ver, as piores infratoras são as mulheres que têm dinheiro e nada deixam para as filhas, nem uma casa com dois hectares de terreno! Sempre achei que não haveria esperança para nós enquanto as próprias mulheres seguissem tão à risca os preconceitos masculinos. É triste, mas é a realidade.

— Você está falando das Hurlingfords que sofrerão uma grande perda se você ganhar. Eu estou falando das que sofrem, e sei que você pode fazer com que elas reajam, se tentar de verdade. Vocês têm apoio legal para exigir compensação pelos dividendos que não receberam. Vocês deveriam unir-se a instaurar um processo contra tio Herbert, para obrigá-lo a comprovar todos os detalhes de seus investimentos. — Missy lançou um olhar grave para a mãe. — Além do mais, mãe, você mesma disse que a gente tem o governo que merece.

Missy foi andando até Byron. Que dia lindo, lindo! Pela primeira vez na vida sentia-se realmente bem, com aquela sensação de poder estourar de felicidade que vira descrita nos livros mas nunca sentira, e pela primeira vez na vida queria viver muito tempo. Isto é, até o momento em que se lembrou que sua felicidade dependia de John Smith, e John Smith esperava ficar com ela durante um ano, no máximo. Mentira, trapaceara e roubara para conseguir esta felicidade, mas não estava arrependida de todo. As Alicias da vida podiam, estalando os dedos, ter a seu lado os homens que escolhessem, mas não era de se esperar que um homem como John Smith olhasse para Missy Wright, por mais que ela estalasse os dedos. No entanto, sabia que poderia fazer dele, se não o homem mais feliz do mundo, pelo menos o mais feliz de Byron. Teria que se esforçar ao máximo! Porque, quando aquele ano expirasse, ele deveria querê-la tanto que poderia perdoar roubo, trapaça e mentira.

O tempo estava passando e ela precisava tomar o trem das onze para Katoomba. John Smith esperava-a na estação. A compra de alimentos podia ficar para o dia seguinte, mas ela sentia que não podia deixar Una para o dia seguinte. Então, iria à biblioteca.

Um magnífico automóvel, produzindo um ruído surdo, descia calmamente a Byron Street enquanto Missy andava por ela em seu vestido de linho marrom, insignificante como sempre. O que não poderia ser dito do carro, também marrom, que era admirado por uma numerosa plateia de habitantes e visitantes, dos dois lados da rua. Olhando intrigada para o carro, que passava com arrogante indiferença, Missy viu que o motorista levava vantagem sobre os dois ocupantes do banco de trás, no compartimento fechado. Segundo ouvira dizer, o motorista, um sujeito bonito, gostava mais de cuidar da própria aparência do que de trabalhar, e tinha má reputação quanto ao tratamento dado a suas muitas mulheres. Os ocupantes do compartimento fechado, que Missy conhecia de experiências mais amargas, eram Alicia e o tio Billy.

O olhar de Alicia encontrou o de Missy. Logo adiante, o luxuoso carro encostou no meio-fio e Alicia e o tio Billy desceram dele aos tropeções, afobados, antes que o motorista, espantado, pudesse abrir-lhes a porta.

— O que você pensa que está fazendo, Missy Wright, ao pegar as ações de tia Cornelia para vendê-las debaixo do nosso nariz? — perguntou Alicia sem preâmbulos, com duas rodela muito vermelhas nas faces alabastrinas.

— Por que não deveria vendê-las?! — perguntou Missy com bastante frieza.

— Porque você não tem nada que meter o bedelho no que não é da sua

conta! — rosnou Sir William, no auge da raiva.

— É da minha conta, tanto quanto da sua, tio Billy. Eu sabia onde podia conseguir dez libras por ação para tia Cornelia. De que serviriam as ações para ela, quando você a levasse a crer que não valiam nada? Tia Cornelia precisa de uma cirurgia nos pés, que até hoje não pôde fazer porque você, Alicia, negou-lhe dispensa de algum dinheiro para ajudá-la. Vendi as ações dela por cem libras e agora ela pode se operar. Se quiser mandá-la embora de sua loja, ela agora pelo menos terá com que se aguentar até achar outro emprego. Tenho certeza que em Katoomba há lojas loucas para empregar pessoas com a sua capacidade. Talvez goste de saber que vendi também as ações de tia Julia, de tia Octavia e de mamãe.

— O *quê*? — a exclamação de Sir William saiu num grito rouco.

— Todas? Você vendeu todas? — balbuciou Alicia, enquanto sumiam as rodela vermelhas de seu rosto.

— Lógico que vendi. — Missy olhou para a prima com um ar de malícia que não sabia possuir. — Ora, Alicia, não me diga que quarenta açõezinhas da grande e poderosa Byron Bottle Company vão desequilibrar o poderio da família!

No momento da confusão, Alicia teve a impressão de que Missy criara chifres e rabo.

— O que há com você? — gritou Alicia. — Perdeu a cabeça? Enlameou meu vestido, insultou-me diante de toda a família e agora leva a família à ruína! Você está precisando é de uma camisa-de-força!

— Eu só queria que o que fiz levasse você à loucura. Agora, se me permite, preciso ir embora. Estou com casamento marcado. — E Missy se afastou de nariz erguido.

— Acho que vou desmaiar — avisou Alicia. Juntando a ação às palavras, caiu contra a vitrine dos uniformes de trabalho da loja do tio Herbert.

Sir William aproveitou a oportunidade para enlaçá-la em seus braços, pedindo ajuda do motorista; mas de algum modo, enquanto a levavam para o carro, foram os dedos sem luva do motorista que conseguiram conferir o tamanho e o feitio delicioso dos seios de Alicia. A esta altura, à multidão haviam se juntado os filhos e netos de Herbert, por isso Sir William despejou Alicia no assento do carro e ordenou ao motorista que partisse imediatamente.

Quando o sogro em perspectiva tentou soltar-lhe o espartilho, levantando o vestido e tateando-lhe as calcinhas de tecido delicado, Alicia acordou num instante.

— Pare com isso, velho devasso! — xingou Alicia, esquecendo a diplomacia e curvando-se em seguida para a frente, para segurar o rosto entre as mãos.

— Oh, meu Deus, como me sinto infeliz!

— Quer ir para casa agora, já que não precisamos ir até Missalonghi? — perguntou Sir William, com a cara vermelha.

— Quero sim. — Recostando-se no assento, deixou que o ar frio lhe batesse no rosto, relaxando afinal um pouco. Suspirou. Graças a Deus! Começava a se sentir melhor.

Bem em frente a ela, através do vidro que fechava o compartimento de trás, via a cabeça bem torneada e plantada sobre um pescoço liso e forte,

com orelhas bonitas até demais para homem: pequenas e grudadas. Era bonito, tão moreno e diferente quanto Missy. Devia ser forte, para carregá-la com tanta facilidade. E as mãos dele em seus seios... ela sentiu os bicos dos seios saltarem, só de lembrar, e mexeu-se no assento, numa confusão de sentimentos. Qual era o nome dele? Frank? Sim, Frank. Frank Pellegrino. Trabalhara na fábrica de garrafas antes de se tornar motorista de tio Billy.

Relanceando o olhar para Sir William, Alicia viu um homem sentado ereto, duro como uma estátua e muito preocupado.

— Essas quarenta ações fazem muita diferença para nós?

— Toda diferença, agora que sabemos que Richard Hurlingford também vendeu as dele há um mês — deu um suspiro. — Isto explica por que o misterioso comprador se considerou forte o suficiente para convocar uma reunião extraordinária para amanhã.

— A idiotinha! — resmungou Alicia. — Como pôde Missy ser tão idiota?

— Acho que nós é que fomos idiotas, Alicia. Eu fui, por não ter sequer notado Missy Wright; agora sei que devia ter prestado mais atenção nela. Devia ter ficado mais atento a todas as moças de Missalonghi. Reparou como ela estava hoje? Dava a impressão de ter passado a perna em todo mundo. Ela disse mesmo que ia casar, ou foi imaginação minha?

— Ora, disse, mas suspeito que a imaginação foi *dela*. — Um aborrecimento maior veio-lhe à mente. — Aquela boba da tia Cornie! — resmungou furiosa. — Ah, como eu queria, esta manhã, ter tido a satisfação de pô-la no olho da rua na hora em que veio tagarelar a respeito das ações e dos dias que ia tirar para se operar.

— Ué, por que não lhe deu o bilhete azul?

— Porque não posso, por isso! Minha loja de chapéus pode acabar sendo a minha única fonte de recursos, se as coisas forem de mal a pior na fábrica. Não encontrarei ninguém com a metade da eficiência dela para tomar conta da loja, nem pagando dez vezes mais do que lhe pago. Ela é... indispensável.

— É melhor rezar para que ela nunca perceba isso, ou irá pedir que lhe pague dez vezes o que está recebendo. — Um quê de satisfação coloriu-lhe a voz, ao acrescentar: — E aí, minha querida, se você não puder pagar, terá que ficar na loja com as vendedoras. Você seria até melhor do que Cornie.

— Não posso fazer isso! — exclamou Alicia sufocando um grito. — *Arruinaria* minha posição social. Uma coisa é ser o gênio criativo de um negócio, outra, totalmente diferente, é ter que vender pessoalmente a mercadoria. — Puxou as lapelas do casaco rosa-pálido; o rosto encantador estava coberto por uma expressão de insatisfação e tristeza fáceis de entender. — Oh, tio Billy, de repente me sinto como se estivesse andando sobre uma camada de gelo que pode se partir a qualquer momento, fazendo-me ir ao fundo.

— Talvez estejamos fazendo uma tempestade em copo d'água, e amanhã, quando o comprador misterioso aparecer na reunião extraordinária, acabemos descobrindo que se trata de um novo-rico do interior, fácil de manipular. E para esse tipo de coisa, você está a calhar.

Alicia não replicou. Lançou-lhe apenas um olhar em que havia um misto de dúvida e repugnância. Voltou a olhar para a cabeça do motorista, uma perspectiva muito mais agradável do que o semblante colérico de Sir William.

Missy entrou na biblioteca esperando ardentemente encontrar Una, embora não fosse seu dia de estar lá. E lá estava Una.

— Puxa, Missy, que bom que você veio! — exclamou Una, pondo-se rapidamente de pé. — Tenho uma surpresa para você.

— Eu também tenho algumas para você.

— Espere aí, volto já. — Desapareceu no compartimento onde fazia o chá. Quando voltou, trazia uma caixa enorme e branca, e outra de chapéu, amarradas com uma fita branca.

— Felicidades, seja para o que for, Missy querida.

Ambas sorriram, num entendimento perfeito e mútua afeição.

— É um vestido de renda vermelha e um chapéu também vermelho — arriscou Missy.

— É um vestido de renda vermelha e um chapéu também vermelho — repetiu Una.

— Tenho que vesti-lo no meu casamento.

— John Smith! Pegou o homem certo.

— Tive que recorrer ao logro e à trapaça para consegui-lo.

— Se não podia consegui-lo de outra forma, por que não desta?

— Disse a ele que vou morrer do coração.

— Não morremos todos nós assim?

— Mas isso não importa agora... Você pode vir ao meu casamento?

— Adoraria, mas não posso.

— Por quê?

— Não seria próprio.

— Porque você é divorciada? Não vamos casar na igreja, portanto não há objeções.

— Não é por causa do divórcio, querida. Acho que John Smith não gostaria de ver no seu casamento uma cara do passado.

Fazia sentido e Missy conformou-se. Não havia mais nada a dizer, a gratidão não pode ser expressa por palavras e Missy tinha que se apressar. Una tinha uma expressão tão desolada vendo-a ir-se embora, que a impressão era de que ela estava levando consigo algo muito precioso, sem o que a vida de Una nunca mais seria a mesma; e este algo não era tão tangível quanto um vestido e um chapéu vermelhos. Num impulso que nem ela entendeu, Missy voltou atrás, abaixou-se sobre a secretária e, passando o braço pelos ombros de Una, beijou-a no rosto. Tão delicada, tão fria, tão leve!

— Adeus, Una.

— Adeus, minha melhor e mais querida amiga. Seja feliz!

O trem de Missy chegou um minuto antes e ela viu John Smith na plataforma de Katoomba antes que o trem parasse. Ainda bem. Ele não mudara de ideia no caminho pela estrada. De fato, ao vê-la descer do trem ficou contente.

— Vão expedir uma licença e casar-nos hoje mesmo — contou ele, pegando os embrulhos das mãos de Missy.

— E não preciso casar de marrom. Com sua licença, vou dar um pulo no toalete para pôr meu vestido de noiva.

— Vestido *de noiva!* — Ele olhou para a sua camisa, a de trabalho, de flanela cinza, e para as calças grosseiras e gastas, já desbotadas.

Missy riu.

— Não se preocupe, não é o tradicional. Garanto que você vai chamar menos atenção do que eu.

O vestido ficou perfeito em Missy. Que olho para medidas tinha Una! E que cor linda! Seus olhos se encheram de água com o esforço de olhar para ele. Onde conseguira Una uma roupa tão elegante, com uma cor tão extravagante?

O espelho na parede parecia ter um toque de mágica, pois punha uma leve pátina de beleza em quem quer que refletisse. Ajeitando o chapéu imenso, Missy achou que estava muito bem. Seu moreno de súbito tornou-se interessante, o corpo magro era apenas esguio como uma árvore nova. Estava muito bem mesmo! E nada tinha de solteirona.

Uma vez recuperado do choque causado pela cor vermelha, John Smith também achou que ela estava muito bem.

— Então meu casamento vai ser assim! Eu pareço um camponês e você uma grande dama. — Passou o braço dela pelo dele, todo contente. — Vamos, mulher, acabar com isso antes que eu mude de ideia.

Andaram pela Katoomba Street, alvos de todos os olhares, na verdade até gostando da sensação que causavam.

— Foi fácil — declarou Missy, acabada a cerimônia, os dois sentados na carreta. Ela ergueu a mão, para olhar para o anel. — Agora sou a senhora John Smith. Soa tão bonito!

— Devo confessar que desta vez foi melhor que da outra.

— Seu casamento foi muito complicado, é?

— Podia ter sido realizado num circo. Duzentos e cinquenta convidados, a noiva com uma cauda de quase dez metros, que precisava de um regimento inteiro de garotos, de nariz escorrendo, para levantá-la, quatorze damas de honra, os homens todos de fraque, o arcebispo não-sei-das-quantas, um coro imenso. Nossa Senhora, na hora foi um pesadelo! Comparado com o que se seguiu, porém, foi um idílio no paraíso. — Olhou de lado para ela, arqueando uma sobrancelha. — Você quer saber como foi?

— Acho que seria melhor. Dizem que a segunda esposa sempre tem que competir com o fantasma da primeira, e é muito mais difícil competir com um fantasma do que com uma pessoa de carne e osso. — Fez uma pausa para recobrar a coragem. — Você gostava muito dela?

— Devia gostar, quando casei. Honestamente, não me lembro. Eu não a entendi, sabe, apenas a conheci. Deve ter sido ela que quis casar comigo, porque não me lembro de ter-lhe proposto casamento. É evidente que sou o tipo de sujeito a quem as mulheres propõem casamento. Mas não me incomodei com o modo como você me pediu para casar; ao menos foi direto, sem subterfúgios. Mas ela... uma hora grudava em mim feito sanguessuga; dali a pouco me evitava como se eu fosse a própria peste. Ora parecia apaixonada, ora indiferente. Acho que as mulheres pensam que é a

atitude que se espera delas, e que se não fizerem esse jogo, estarão tornando muito fácil a vida do sujeito. É por isso que gosto de você, sra. Smith, você não faz esse jogo.

— Fico muito feliz em saber — falou Missy humilde. — Vá em frente! O que aconteceu depois?

Ele encolheu os ombros.

— Ora, ela resolveu que devia tomar todas as decisões, que só o que *ela* queria era importante. Uma vez fispado o peixe, o peixe não significava mais nada. Eu estava lá para provar que ela fora capaz de fispar seu peixe, para torná-la respeitável, para servi-lhe de acompanhante para cá e para lá. Não tinha propriamente amantes, mas o que chamava de seus admiradores, uns bobocas afeminados, com gardênias na lapela e mais brilho no cabelo do que nos sapatos de verniz que usavam. Se alguém, alguma vez, ficou marcado pelas companhias, este alguém foi minha primeira mulher: as amigas eram duras como pedra e tremendamente inflexíveis, os amigos eram moles que nem manteiga e delicados que nem flores. Ela gostava de zombar de mim. Diante de qualquer um, diante de todos. Eu era tolo, enfadonho. Nunca aprendeu que roupa suja se lava em casa, armava briga em qualquer lugar, sem se importar se houvesse uma multidão assistindo. Em poucas palavras, tinha por mim o mais completo desprezo.

— E você? O que sentia por ela?

— Eu a *odiei*. — Era claro que ainda a odiava; pelo modo como o disse, a experiência ainda não fora enterrada no passado.

— Quanto tempo vocês ficaram casados?

— Quatro ou cinco anos.

— Tiveram filhos?

— Diabo, não! Seu corpo poderia perder a forma. É claro que ela sabia provocar, beijar, acarinhar, mas chegar ao fim... só quando estava bêbada; e depois, se algo acontecesse, gemia, berrava, ficava histérica, de repente tinha um acesso e ia procurar um médico, daqueles condescendentes.

— E ela *morreu*? — perguntou Missy, quase não podendo acreditar que tal mulher tivesse merecido consideração.

— Uma noite tivemos uma briga violenta... ah, não sei por que, por algum motivo idiota, que agora não vem ao caso. Morávamos numa casa de frente para o porto e, ao que parece, depois que saí ela resolveu ir nadar para esfriar a cabeça. Encontraram o corpo, semanas depois, na praia de Balmoral.

— Coitada!

Ele bufou.

— Coitada, uma conversa! A polícia grudou em mim, querendo me acusar da morte; felizmente, quando ela tinha começado a gritar comigo eu resolvera sair e encontrara um amigo perto de casa. Ele também fora tirado da cama, e acabamos indo juntos para o apartamento de um amigo comum, um solteiro, o miserável era ladino. Ficamos lá até depois do meio-dia do dia seguinte, bebendo e nos embriagando. Até os empregados a haviam visto viva e saudável mais de meia hora depois de eu ter chegado ao apartamento do meu amigo; a polícia não pôde me pegar. A autópsia revelou que a morte fora causada por simples afogamento, sem qualquer sinal de violência, não houvera crime. Nem assim as pessoas em Sydney

pararam de me acusar de tê-la matado... para elas, eu apenas era muito esperto para me deixar apanhar e meus amigos haviam sido comprados para apresentarem meu álibi.

— Quando aconteceu tudo isso?

— Há cerca de vinte anos.

— É muito tempo! O que foi que você fez depois que retardou a realização dos seus objetivos?

— Bem, assim que a polícia me permitiu, eu saí da Austrália. Dei a volta ao mundo. África, Canadá, China, Brasil, Texas. Tive que viver quase vinte anos em exílio voluntário. Como nasci em Londres, fui até lá mudar meu nome legalmente, e quando voltei para a Austrália, já era John Smith, o bom cidadão do mundo, com todo o meu dinheiro em ouro e nenhum passado.

— Por que veio para Byron?

— Por causa do vale. Soube que ia ser posto à venda. Eu sempre quis ter um vale todo para mim.

Achando que já tinha feito perguntas demais, Missy mudou de assunto e falou na trapaça da Byron Bottle Company, contando a difícil situação em que estavam a mãe e a tia por causa disso. John Smith ouviu tudo com atenção, com um sorriso nos cantos da boca. Quando ela acabou, ele passou o braço em volta dela e puxou-a para perto, mantendo-a junto dele.

— Bem, sra. Smith, eu não queria mesmo casar com você quando me apareceu com a ideia, mas confesso que fico mais feliz de ter concordado cada vez que abre a boca... para não falar nas pernas. Você é uma mulher sensata, tem bom coração e é uma Hurlingford, o que me dá um poder que eu não esperava. — E John Smith concluiu: — Curioso como o mundo dá voltas.

Missy passou o resto da viagem em silenciosa bem-aventurança.

Na manhã seguinte, John Smith vestiu o terno, camisa de colarinho e gravata, tudo de boa qualidade e elegante.

— Seja o que for, deve ser mais importante que o casamento — observou Missy meio ressentida.

— E é.

— Você vai para longe?

— Só até Byron.

— Então, se me aprontar correndo, posso ir com você até a casa de mamãe? Por favor!

— Boa ideia, mulher! Espere lá por mim até de tardinha, assim você me apresenta às minhas novas parentes quando eu for buscá-la, e acho que terei muita coisa para dizer a elas.

“Vai ser ótimo”, pensava Missy, subindo ao lado do marido, muito elegante, o aclave do vale, no seu vestido vermelho. “Que importa se o conseguiu com trapaça e artifícios. Ele gosta de mim, gosta de verdade, e, mesmo sem perceber, já mudou um pouco para se adaptar a mim, ter-me a seu lado. Quando acabar o ano, vou poder contar a verdade. Além disso, se tiver sorte, poderei ter um filho seu. Ficou muito magoado com a primeira mulher, por não ter querido dar-lhe um filho; agora está mais perto dos cinquenta que dos quarenta, e filhos serão ainda mais importantes para ele.

Será um excelente pai, porque sabe rir.”

Antes de saírem para Byron, ele atravessou com ela a clareira, entrando numa curva, para mostrar onde ia construir a casa. A cascata, Missy descobriu então, caía tão longe que em dia de vento nunca alcançaria o chão do vale, rodopiando para longe, em vez de cair no nada, enchendo o ar de nuvens e arco-íris. Debaixo dela havia uma imensa piscina, larga e calma, cujo escoadouro era uma garganta estreita e se transformava no rio cascadeante. A piscina tinha cor da turquesa, ou da faiança egípcia, opaca como leite, densa como o melaço. A fonte de toda aquela água era uma gruta debaixo da rocha, da qual saía um rio subterrâneo bastante caudaloso.

— Há um afloramento de cascalho aqui — explicou ele. — Por isso a água tem essas cor estranha.

— E é aqui que vamos morar, olhando para toda essa maravilha?

— Que *eu* vou morar, com certeza; duvido que você esteja aqui para ver — seu rosto se contraiu. — Casas não se fazem num dia, Missy, especialmente quando feitas por um só homem. Não quero uma horda de trabalhadores aqui, mijando nesta água, embriagando-se aos sábados, depois contando a qualquer xereta o que acontece no meu vale.

— Pensei que tivéssemos combinado não falar no meu problema. Seja como for, a casa não vai ser construída por um só homem, e sim por um homem e uma mulher — afirmou Missy animada. — Estou acostumada com trabalho pesado, e a cabana é tão pequena que não me manterá ocupada muito tempo. Pelo que o médico disse, não fará diferença se eu ficar na cama ou trabalhar como um mouro... um dia acontece e pronto.

Ele abraçou-a e beijou-a, demonstrando que sentia prazer em beijá-la e que ela já era importante para ele. Finalmente foram para Byron, um tanto mais tarde do que pretendiam, mas nenhum dos dois estava preocupado com isso.

Octavia e Drusilla estavam na cozinha quando Missy entrou, sem se fazer anunciar. As duas ficaram estonteadas, tentando avaliar todo o esplendor daquele exótico vestido de renda vermelha, além do grande chapéu inclinado para um lado, com seu atrevido penacho de plumas vermelhas de avestruz.

Missy não se transformara numa beldade da noite para o dia, mas havia nela algo de atraente, isto era certo, e seu todo era tão altivo que ninguém a confundiria com uma prostituta. Parecia muito mais uma sofisticada visitante vinda de Londres do que uma das moradoras da Caroline Lamb Place. Também não havia dúvida de que a cor lhe caía maravilhosamente.

— Missy, você está adorável! — exclamou Octavia com a voz aguda, sentando depressa.

Missy beijou a tia e a mãe.

— É bom ouvir isto, titia, porque eu confesso que estou me sentindo ótima. — Riu triunfante. — Vim contar a vocês que me casei — anunciou, exibindo a mão esquerda.

— Com quem? — indagou Octavia, radiante.

— John Smith. Casamos ontem, em Katoomba.

De repente, nem Drusilla nem Octavia estavam se importando que toda

Byron o considerasse ex-presidiário, ou coisa pior; ele resgatara Missy dos horrores de um destino de solteirona e por isso devia ser amado, com gratidão, respeito e lealdade.

Octavia, muito decidida, foi num pulo pôr a chaleira no fogo, movendo-se com uma flexibilidade que há muito não tinha: contudo, Drusilla nem percebeu, ocupada como estava em olhar para a sólida e convincente aliança da filha.

— Sra. John Smith — pronunciou devagar, ouvindo o som das palavras. — Valha-me Deus, Missy, soa muito distinto.

— A simplicidade em geral é distinta.

— Onde está ele? Quando vem nos ver? — Octavia estava curiosa.

— Tinha negócios a resolver em Byron, mas espera acabar de tardinha, quando virá me buscar, e quer conhecer vocês. Mamãe, pensei que para encher o tempo poderíamos ir até Byron. Tenho que fazer algumas compras na mercearia e quero ir à loja de tio Herbert comprar fazenda para os meus vestidos. Nunca mais vou me vestir de marrom! Nem para trabalhar. Vou trabalhar de camisa e calça comprida, porque é mais confortável e mais sensato. Além disso, quem é que vai me ver?

— Não é uma sorte você ter comprado a máquina de costura, Drusilla? — comentou Octavia de perto do fogão, muito feliz com os últimos acontecimentos para se preocupar com as calças compridas.

Mas Drusilla tinha em mente algo tão importante que nem a máquina nem as calças compridas conseguiram desviar sua atenção.

— Você pode arcar com essa despesa? — indagou Drusilla ansiosa. — Eu faço os vestidos para você, mas as fazendas do Herbert são tão caras, especialmente quando saem do marrom!

— Acho que posso. Outra noite John me disse que ia pôr mil libras no banco para mim, esta manhã. Porque, na opinião dele, a mulher não tem que pedir ao marido cada centavo de que precise, nem prestar contas de cada centavo que gasta. Só pediu que não exceda a cota que ele vai me dar: mil libras por ano! Já imaginaram? E a despesa de casa é separada! Ele põe cem libras num pote vazio, acrescenta mais sempre que é preciso e não quer ver as contas. Puxa, mãe, ainda não recuperei o fôlego.

— Mil *libras* por ano? — Drusilla e Octavia olhavam para Missy estarecidas.

— Então ele deve ser rico — concluiu Drusilla, e, após rápidos exercícios mentais, sentiu-se importante, comparando-se a Aurelia, a Augusta e a Antonia. Ah, não só Missy casara antes de Alicia, como também estava parecendo que fizera melhor negócio.

— Acho que tem uma situação bem confortável — esclareceu Missy. — Sua generosidade sugere riqueza, mas acho que não é bem assim; ele é generoso porque é do seu feitio. É claro que nunca vou me exceder nas despesas, nunca. No entanto, preciso de roupas decentes, que *não* sejam marrons! Uns dois vestidos para o inverno e dois para o verão, só. Ah, mamãe, o vale é tão bonito, lá embaixo! Não tenho a menor vontade de levar vida social. Quero apenas ficar sozinha com o meu John.

De repente, Drusilla ficou perturbada.

— Missy, é muito pouco o que podemos dar a você como presente de casamento. Mas, Octavia, acho que podemos dispensar a novilha Jersey,

— você não acha?

— É *evidente* que sim — confirmou Octavia.

— Ora, isto é que eu acho um lindo presente de casamento! — exclamou Missy. — Vamos adorar a novilha.

— Antes vamos mandá-la para o touro de Percival — disse Octavia. — Agora ela já pode ir; você não vai esperar muito, e com alguma sorte, ela lhe dará um bezerro no ano que vem.

Drusilla olhou para o relógio.

— Se você quer ir ao Herbert e ao Maxwell, Missy, sugiro irmos logo. Poderemos fazer uma parada no salão de chá de Julia para um lanche. Juro que ela vai ficar surpresa!

Octavia contorceu-se um pouco e não sentiu dor.

— Também vou — comunicou com firmeza. — Hoje vocês não vão sem mim, de jeito algum. Eu vou junto, nem que tenha que andar de quatro.

E Drusilla andou pelo centro comercial com a filha num dos braços e a irmã no outro..

Foi Octavia quem primeiro avistou do outro lado a sra. Cecil Hurlingford, cuja língua todos temiam. Era casada com o reverendo dr. Cecil Hurlingford, ministro da Igreja da Inglaterra em Byron.

— Está morrendo de curiosidade, não está, velha bisbilhoteira? — resmungou Octavia entre os dentes, sorrindo e acenando tão gélida que a mulher do reverendo achou melhor não atravessar a rua para ver o que estava acontecendo com o trio de Missalonghi.

Drusilla colaborou para a debandada da sra. Cecil Hurlingford estourando subitamente em gargalhadas e apontando na direção dela.

— Ora, Octavia, a sra. Cecil não reconheceu Missy! Pelo jeito, está pensando que estamos rebocando uma das mulheres de Caroline Lamb Place.

As três caíram na gargalhada e a mulher do reverendo entrou muito afobada no salão de chá de Julia, para fugir daquela hilaridade tão sem propósito que parecia ter sido causada por ela.

— Que alvoroço! — exultou Octavia.

— Quanto maior, melhor — comentou Missy, entrando na loja de roupas de Herbert.



As cenas a que assistiram, desde a cara de idiota de Herbert — espantosamente parecida com a de um bacalhau — ao ouvir Missy pedir camisas e calças compridas, e o terror paralisante de James quando Missy comprou metros de tafetá azul-lavanda, seda cor de abricó, veludo âmbar e

lã ciclame, foram um espetáculo estimulante. Recuperando-se um pouco, depois que Missy o deixou para se dirigir a James, Herbert ponderou se não deveria atenuar sua revolta ordenando à “leviana” que saísse de seu estabelecimento. Contudo, quando ela pagou as compras em ouro, ele registrou humildemente as compras. Por mais desconcertante que fosse aquela visita de Missy, ele só podia dedicar uma parte de seu pensamento a ela, pois a outra parte estava ocupada em imaginar o que estaria acontecendo na reunião extraordinária dos acionistas da Byron Bottle Company, que se realizava na fábrica naquele momento. Os Hurlingfords lojistas haviam enviado Maxwell como seu representante, sabendo que sua língua era a mais rápida e mais ferina, e que Maxwell com certeza se bateria por eles como se fosse por si mesmo. Negócios não podem parar, além de que, se a fábrica, os banhos, o hotel e o balneário estavam indo por água abaixo, as lojas se tornavam mais importantes do que nunca para seus proprietários.

— Pode mandar isto para Missalonghi hoje à tarde, James — ordenou Missy magnânima, jogando um soberano de ouro no balcão. — Isto é pelo trabalho que vai ter. E já que vai fazer esta entrega, pegue também as compras que encomendei no armazém de tio Maxwell. Vamos, mamãe, tia Octavia! Vamos almoçar com tia Julia.

As damas de Missalonghi saíram da loja mais imponentes do que haviam entrado.

— Puxa, que divertido! — Octavia mal disfarçava o riso, e seu andar era quase normal. — Nunca me diverti tanto em toda a minha vida!

Missy também se divertia, mas não só por isso. Ficara admirada ao verificar que as mil libras prometidas já haviam sido depositadas no banco, e mais admirada ainda ao ser tratada com toda a cortesia por Quintus Hurlingford, o gerente do banco. John Smith dera instruções para que dessem o dinheiro a Missy em ouro, uma vez que ele estava depositando em ouro. Mil libras!

Bem, Missy comprara fazendas, camisas, calças compridas e vários sapatos bonitos. Não precisava, mesmo, de mais nada. Se ficasse com cem libras de toda aquela soma seriam suficientes para os seus gastos até o próximo depósito, nessa mesma época, no ano seguinte. Afinal de contas, quando tivera de seu mais do que um ou dois xelins? Ela também ia usar grande parte de sua mesada para comprar uma carruagem pequena, com um pônei, para a mãe e tia Octavia. O pônei não comeria as plantas, como um cavalo, elas poderiam arreá-lo com facilidade e nunca mais precisariam andar a pé nem se humilhar pedindo que lhe mandassem um transporte. Pois é, iriam ao casamento de Alicia em grande estilo, numa elegante carruagem puxada por um pônei!

O dinheiro que Julia recebera, da venda das ações, já havia sido aplicado. Metade do salão estava separado por cordas, e dois operários descascavam e lixavam as paredes.

Após se desculpar pela desordem, Julia reuniu as ideias para observar o esplendor do traje de Missy.

— O vestido e o chapéu são soberbos, querida — observou ela —, mas a cor não é um pouco *exagerada*?

— Muito exagerada — admitiu Missy sem se encabular. — Mas, tia Julia, não aguento mais marrom, e esta cor é a mais oposta ao marrom, não acha? Além do mais, não acha que fica bem em mim?

“Acho, mas será que fica bem no meu salão?” Foi a pergunta que provocou coceira na língua de Julia. Seria imperdoável, porém, criticar sua benfeitora. E devido à reforma, também não havia muitos frequentadores naquele dia; Julia apenas desejava que ninguém pensasse ter ela aberto as portas do seu salão às mulheres da Caroline Lamb Place. Ah, devia ter sido por isso que a sra. Cecil Hurlingford cacarejara tanto! Meu Deus! Meu Deus do céu!

Enquanto isto, levou as moças de Missalonghi para a melhor mesa e rapidamente serviu-lhe sanduíches e doces sortidos, com um grande bule de chá.

— Vou pôr nas paredes um papel listrado, em creme, dourado e vermelho — começou Julia, sentando-se perto das convidadas —, vou reformar as cadeiras com brocado de cor que combine, só que mais viva. A moldura do teto vai ser realçada com dourados; vou pôr gaiolas douradas com canários e plantas por todo o salão. Quero ver a “porta ao lado” — zombou Julia indicando com a cabeça a parede que ficava entre seu salão e o Olympus Café — competir com *isto aqui*.

Drusilla ia abrir a boca para falar do casamento de Missy com John Smith, para desabafar, dizer que John Smith era um homem rico e não um egresso de penitenciária, quando Cornelia irrompeu porta adentro, na direção delas, arrastando atrás de si várias echarpes e fitas, que pareciam penas de cauda de pavão na muda.

Cornelia e Julia moravam juntas, em cima do Weeping Willow Tea Room, do qual Julia ainda não conseguira se tornar proprietária. Pagava um aluguel alto ao irmão Herbert, que vivia garantindo que um dia ela teria o suficiente para comprar o local, se juntasse ao valor do aluguel a casa com os dois hectares.

Assim como dividiam a moradia, as duas irmãs também dividiam e saboreavam cada bocado de informações proporcionadas pelas respectivas ocupações, mas Cornelia, principalmente, a menos agitada das duas, devia esperar que Chez Chapeau Alicia fechasse para sair; Alicia não permitia que o fizesse enquanto a loja estivesse aberta. O que quer que ela quisesse comunicar na ocasião, obviamente, era tão urgente que compensava o risco de incorrer na ira de Alicia. Cornelia estava tão próximo de uma explosão que a roupa vermelha de Missy não mereceu mais do que um olhar apressado.

— Adivinhem o que aconteceu! — começou ela, arfando e atirando-se numa cadeira, esquecida de que se esperava dela que fosse uma elegante e digna gerente de vendas de uma elegantíssima e digna loja de chapéus de alta classe.

— O quê? — perguntaram em uníssono as outras mulheres, desejosas de saber o que estava acontecendo e preparando-se para um tremendo impacto.

— Alicia fugiu com o motorista de Billy, hoje de manhã!

— O *quê*!

— Foi isto mesmo que aconteceu! Ela fugiu! Naquela *idade*! Ih, que balbúrdia ia na casa de Aurelia! Ataques histéricos e acessos de fúria por todos os lados! O pequeno Willie quase pôs a casa abaixo procurando por Alicia, pois se recusava a acreditar na nota que ela deixara para ele. Billy rugia como um vendaval, porque precisava ir a uma reunião importante na fábrica, quando o que queria era pôr a polícia atrás do motorista! Tiraram

Aurelia da cama, dura que nem um pedaço de pau, e tiveram que chamar tio Neville, porque ela prendeu a respiração até desmaiar. Quando ele chegou, passou-lhe um tremendo carão, porque detestava ser chamado à toa, e disse que ela parecia uma criança mimada. Ela começou a gritar e está gritando até agora! Ah, Edmund está sentado, se contorcendo todo; Ted e Randolph, juntos, estão tentando arrastá-lo para a reunião da fábrica. O pior é que Alicia e o motorista fugiram no carro último tipo do tio Billy, como se fosse deles!

Cornelia terminou o recital num só fôlego e encerrou-o com uma boa gargalhada. Missy acompanhou-a e a elas se juntaram às outras, uma a uma, num repicar de carrilhão de gargalhadas sobre os eventos de Mon Repos. Depois da catarse, todas se sentiam mais do que satisfeitas, e se dedicaram então à calma, mas não menos divertida, apreciação do casamento de Missy e da fuga de Alicia, bem como do lanche.

John Smith chegou a Missalonghi lá pelas cinco da tarde, muito contente consigo mesmo. Apertou a mão da sogra muito afável, mas não a beijou, o que ela apreciou, pelo bom senso. O aperto de mão que deu em Octavia desapontou-a, mas quando ela olhou para ele, teve de admitir que à primeira vista o homem possuía excelente figura. É claro que o terno, o cabelo recém-cortado e a barba bem aparada colaboravam para essa aparência. Missy não tinha por que se envergonhar da escolha feita, e na opinião de Octavia ele estava na idade perfeita para o casamento.

John Smith parecia ser excelente também no íntimo, pois ficou muito à vontade na cozinha e elogiou o cheiro do carneiro assado.

— Espero que jantem conosco — convidou Drusilla.

— Adoráramos — aquiesceu ele.

— A estrada para casa não fica perigosa à noite?

— Absolutamente. Os cavalos conhecem o caminho, chegam lá até de olhos vendados.

Em seguida John Smith recostou-se na cadeira e com uma sobrelance arqueada olhou para Missy, sentada do outro lado da mesa, que o fitava extasiada, sentindo um orgulho dele que a primeira esposa com certeza nunca sentira. Como eram bobos os homens! Corriam atrás de mulheres bonitas, quando a inteligência devia mostrar-lhes que era muito melhor apostar nas desprezíveis. Mas ela estava tão bem, naquele vestido vermelho! Não era um encanto, não era bonita, mas certamente era interessante. Aquele tipo de mulher que intriga os homens, por não saberem ao certo o que se passa em suas mentes. Atraente, com nariz grande e tudo. Sentada ali, irradiando vida, era difícil acreditar que podia morrer de uma hora para outra. Uma sensação esquisita oprimiu-lhe o coração. Esqueça! Não pense nisso antes da hora! Está começando a se alongar sobre o assunto e não deve! Não julgue a sentença de morte dela como uma vingança dos céus contra você!

Talvez nem acontecesse, se ele soubesse fazê-la muito feliz. Milagres aconteciam. Vira um ou dois nas suas viagens. Livrar-se da primeira mulher, sem dúvida, fora um milagre.

— Quero falar com as senhoras — avisou John Smith, afastando o olhar e o pensamento de Missy.

Três rostos se viraram para ele. Drusilla e Octavia pararam de mexer no fogão e se sentaram.

— Houve uma reunião dos acionistas da Byron Bottle Company hoje, e a gerência da companhia mudou de mãos. Agora sou eu quem controla tudo.

— Você?

— Exatamente.

— Então é você o comprador misterioso?

— Sou.

— Mas por quê? Tio Billy disse que o comprador das ações estava pagando por elas uma quantia que ninguém poderia esperar reaver! Portanto, por quê?

Ele riu, mas a expressão não era simpática. Pela primeira vez, desde que o conheceu, Missy viu um John Smith diferente, um John Smith poderoso e empedernido, um John Smith que podia ignorar o sentido da palavra clemência. Isto não a assustou, nem decepcionou; pelo contrário, agradou-lhe. Não havia nele o desejo da fuga, não se deixava vencer pelas sucessivas pressões da vida, não havia nele fraqueza. O exterior era tão à vontade, descuidado mesmo, e tão complacente, que poderiam interpretar sua atitude como fraqueza, até conhecê-lo melhor. Como acontecera com a primeira esposa, talvez? Missy podia entender que a primeira esposa o julgasse mal, se se tratasse de uma mulher tola e egocêntrica.

Mas ele estava respondendo à sua pergunta e ela ficou ouvindo atentamente.

— Eu estava com os Hurlingfords atravessados na garganta. É lógico que não me refiro às presentes. Mas, de um modo geral, acho os Hurlingfords muito presunçosos, muito seguros de que sua origem quase nobre, de colonizadores ingleses, os coloca acima de pessoas como eu, que têm sangue judeu pelo lado paterno e chocalhar de correntes pelo materno. Confesso que fiz tudo isso para pegar os Hurlingfords e não me importa quanto tenha custado. Felizmente tenho dinheiro suficiente para comprar uma dúzia de vezes a Byron Bottle Company sem ficar em situação difícil.

— Mas você não é de Byron. — Missy estava confusa.

— É verdade, mas minha primeira mulher era uma Hurlingford.

— É mesmo? Qual era o nome dela? — quis saber Drusilla, entendida na árvore genealógica da família.

— Una.

Por sorte, Drusilla e Octavia estavam interessadíssimas no que dizia John Smith, e ele interessado demais em dizê-lo, para prestarem atenção em Missy.

Esta ficou petrificada, incapaz de mover qualquer músculo. *Una!*

Como era possível a mãe e a tia ficarem tão impassíveis ao ouvirem esse nome, se a haviam visto e recebido nesta mesma casa? Não lembravam dos biscoitos? Dos documentos?

— Una? — Drusilla procurava lembrar-se. — Espere aí... ah, sim, deve ser da família de Marcus Hurlingford, de Sydney, o que faria de Livilla sua prima em primeiro grau e sua parenta mais próxima aqui em Byron. Hum! Não a conheci. Mas ela faleceu há alguns anos, é claro. Um afogamento acidental, não foi?

— Foi — confirmou John Smith.

Era isso então? Era por isso que ela possuía aquele brilho? Por isso, toda vez que Missy precisava, lá estava ela? Por isso tinham acontecido tantos pequenos incidentes na biblioteca? Os romances, todos preparando o caminho para aquele em que a heroína morria do coração. As ações sobre a secretária. Os formulários de procuração. Una, um juiz de paz convenientemente à mão. A ousadia e o alegre descaso, tão atraentes para alguém tão reprimida quanto Missy. O vestido vermelho e o chapéu, *exatamente* como haviam sido criados na imaginação de Missy e do tamanho também exato. O significado curioso que conseguira dar a todas as suas palavras, a fim de que caíssem em Missy como água em solo abrasado, e fizessem germinar as sementes nele existentes. Una. Ah, Una! Querida e radiante Una.

— Mas seu nome de casada não era Smith, tenho certeza — disse Drusilla. — Não era tão comum, algo como Cardmom, Terebinth ou Gooseflesh. O marido era um homem rico, ao que eu saiba, única razão pela qual o segundo Sir William aprovou o casamento. Imagino como o teriam insultado, se você fosse ele.

— Eu sou ele e eles me insultaram muito.

— Nós estamos muito felizes por recebê-lo neste ramo da família, meu caro John — falou Drusilla enquanto estendia a mão para pegar a dele.

O John Smith durão desaparecera, pois o olhar que pousou na sogra era terno, alegre e gentil.

— Muito obrigado. Mudei de nome, é claro, e gostaria que esta velha história não fosse mencionada.

— Não sairá de Missalonghi — Drusilla suspirou. Entendeu que ele mudara de nome para esquecer as lembranças penosas. As sórdidas ramificações que Missy viera a conhecer pelo próprio John Smith obviamente não faziam parte da história dos Hurlingfords de Byron.

— Pobrezinha, morrer assim — lamentou Octavia abanando a cabeça. — Você deve ter sofrido muito com isto, John Smith, mas fico feliz em ver que tudo terminou bem para você, com a fábrica de garrafas e tudo mais. Não é curioso você ter-se casado com outra Hurlingford?

— O que foi de grande ajuda hoje — acrescentou John Smith muito calmo.

— Como em todas as famílias, há Hurlingfords e Hurlingfords — comentou Drusilla, o que também era verdade. — Una pode não ter sido o tipo de mulher para você, talvez tenha sido até bom ter morrido tão jovem. Por outro lado... acho que Missy fará você feliz.

Ele riu e estendeu as mãos sobre a mesa para pegar as mãos frias e úmidas de Missy.

— É, eu também acho. — Conseguiu beijar os dedos trêmulos da esposa, apesar da distância que os separava; em seguida soltou a sua mão dirigindo-se a Drusilla e Octavia.

— Seja como for, agora sou eu que controlo a Byron Bottle Company e as indústrias subsidiárias, e quero fazer algumas mudanças indispensáveis. Naturalmente, serei o presidente do conselho diretor e Missy será vice-presidente, mas preciso de outros diretores. Agora, preciso de um grupo ativo, de pessoas interessadas na cidade e na população de Byron, tanto quanto na fábrica. Hoje recebi os votos necessários para me habilitar a fazer a reestruturação do conselho do jeito que eu quiser, e pretendo fazer

algo tão diferente, que adquiri mais algumas ações! Sir William, Edmund Marshall, os irmãos Maxwell, Herbert Hurlingford e mais uma dezena de acionistas venderam-me suas ações no fim da reunião. O mau humor ofuscou-lhes o raciocínio, o que só veio confirmar o que eu já suspeitava há muito tempo: são uns tolos. A fábrica vai crescer e ficar poderosa! Vai se tornar mais cosmopolita e diversificar seus interesses.

John Smith riu, dando de ombros.

— Bem, não há por que me alongar sobre os gostos de Sir William Hurlingford, é isso! Quero *mulheres* no meu conselho e pretendo começar pelas senhoras, além de Julia e Cornelia. Todas enfrentaram muito bem as privações e por certo não lhes falta coragem. Pode ser uma saída radical, prover a diretoria com mulheres, mas acho que muitas diretorias já estão em mãos de mulheres, e mulheres idosas.

Encarou Drusilla e Octavia com aquele arquear mágico de sobrancelha. Ambas ouviram em silêncio, fascinadas.

— Então? Estão interessadas na minha oferta? Naturalmente, receberão salários de diretores. O conselho anterior pagava cinco mil libras por ano, mas devo avisá-las de que vou cortar o salário para duas mil.

— Não saberemos o que fazer! — gritou Octavia.

— A maioria dos conselhos não sabe, portanto isto não é desvantagem. O presidente é John Smith, lembrem-se, e John Smith vai ensinar-lhes tudo. Cada uma terá uma área específica em que atuar, e sei que encararão problemas antigos com novos olhos, e problemas novos sem a ortodoxia de um conselho comum.

Olhou sério para Drusilla.

— Estou esperando sua resposta, mamãe. Vai fazer parte da minha diretoria ou não?

Drusilla fechou a boca, que estava aberta de admiração, com um estalido audível.

— Ah, vou sim! As outras também. Eu cuido disso.

— Ótimo. Então a primeira tarefa que terão que realizar será o preenchimento das quatro vagas restantes na comissão. Mulheres, não esqueçam.

— Devo estar sonhando — refletiu Octavia em voz alta.

— De forma alguma, declarou Drusilla com toda a imponência. É real, mana. As moças de Missalonghi finalmente vão ter o que é delas.

— Que dia! — suspirou Octavia.

Que dia, realmente. O fecho estava lá fora, em frente à porta dos fundos, para onde Missy olhava. Ela viu enormes tiras de nuvens vermelhas como seu vestido abrindo-se em leque, o céu verde-maçã sob elas; os botões das árvores frutíferas do pomar, brancos e rosas, ficaram mais cor-de-rosa, com o declínio do sol. Mas seu pensamento e seus olhos, sempre tão receptivos às belezas naturais, não estavam preocupados com esse resplendor. Una, de pé na porta, sorria para ela. Una. Ah, Una.



— Jamais diga a ele, Missy. Deixe-o pensar que seu amor e seus cuidados a curaram. — Una riu com ar matreiro e alegre. — Ele é um amor, um amor de homem, mas tem gênio forte! Não é do teu feitio provocar, mas o que quer que faça, não arrisque a sorte contando a verdade sobre seu coração. Nenhum homem gosta de ser enganado por uma mulher, e ele já sentiu o gosto disso. Por isso, lembre-se do que estou dizendo: jamais conte a ele, jamais.

— Você vai embora — falou Missy desolada.

— Estou partindo, querida! Terminei a tarefa que me mandaram executar, agora vou ter um merecido descanso na nuvem mais macia, mais

gorda, mais cor-de-rosa, mais *borbulhante* que eu conseguir encontrar.

— Não posso ficar sem você, Una!

— Bobagem, querida. É claro que pode. Apenas seja boa, especialmente na cama, e não errará. Meu conselho, se você quiser segui-lo, *é jamais contar a ele a verdade*.

Aquela radiação estranha, que brotava de Una, fundiu-se com a última claridade do sol. Ela ficou mais um instante na soleira da porta, com a luz fluindo através dela e ao seu redor, depois foi embora.

— Missy! Missy! Missy! você está bem? Está sentindo alguma coisa? Missy! Pelo amor de Deus, responda!

John Smith estava de pé junto dela, friccionando-lhe as mãos e olhando para ela aterrorizado.

Ela tratou de sorrir para ele.

— Estou ótima, John, verdade. Foi o dia. Muita felicidade junta!

— Acho bom você se acostumar com felicidade demais, amorzinho, porque eu juro que vou te afogar nela. — Ele tomou fôlego. — Você é minha segunda chance, Missalonghi Smith.

Uma brisa friorenta entrou pela porta aberta e, no momento em que Drusilla ia fechar a porta, sussurrou nos ouvidos de Missy:

— Jamais conte a ele! Por favor, *jamais*.

* * *